



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

EMANUELA MONTEIRO GONDIM

**FLUTUAÇÃO CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS E ADJETIVOS COM FUNÇÃO
ADVERBIAL**

FORTALEZA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G635f Gondim, Emanuela.
FLUTUAÇÃO CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS E ADJETIVOS COM FUNÇÃO
ADVERBIAL / Emanuela Gondim. – 2020.
131 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa
de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

1. Flutuação categorial. 2. Advérbio. 3. Adjetivo. 4. Mudança linguística. I. Título.

CDD 410

EMANUELA MONTEIRO GONDIM

**FLUTUAÇÃO CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS E ADJETIVOS COM FUNÇÃO
ADVERBIAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira

FORTALEZA

2020

EMANUELA MONTEIRO GONDIM

**FLUTUAÇÃO CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS E ADJETIVOS COM FUNÇÃO
ADVERBIAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 17/02/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Márcia Teixeira Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Maria Maura da Conceição Cezário
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a Dra. Izabel Larissa Lucena Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof.^a Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao meu filho, Tiê, que motivou minha
recategorização.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ pelo financiamento desta pesquisa e pela prorrogação do pagamento da bolsa por quatro meses em respeito à licença maternidade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, pelas leituras criteriosas, por cumprir, com seriedade, as suas atribuições como orientadora.

Às professoras Dra. Hebe Macedo de Carvalho, Dra. Aluiza Alves de Araújo, Dra. Izabel Larissa Lucena Silva e Dra. Maria Maura da Conceição Cezário, pela avaliação cuidadosa, pela discussão e pelas contribuições.

À Profa. Dra Mônica de Souza Serafim e ao Prof. Dr. Júlio César Araújo, pelo incentivo constante, pelas palavras de apoio e empatia.

À Profa. Dra Ana Célia Clementino Moura, com quem aprendi a dar aulas, por todo o apoio, pelo exemplo, pelos conhecimentos e reflexões essenciais para que eu me tornasse a professora que sou.

Ao Prof. Dr Paulo Mosânio pelas discussões, pelas reflexões, pelos ensinamentos que nunca serão esquecidos.

À Profa Dra Maria Claudete Lima, por todos os ensinamentos, tantos que não poderia aqui sequer elencar. Agradeço por ter sido, pra mim, exemplo de profissional, por ter me acompanhado durante toda a minha trajetória acadêmica, desde a graduação. Por ter me apresentado, ainda na minha graduação, as apaixonantes singularidades da nossa língua, pelas reflexões, discussões. Agradeço a você todos todos os aprendizados.

Ao amigo Eduardo Xavier e aos demais secretários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Rodrigo Dantas e Valdirene Silva, por todo o auxílio relativo aos processos burocráticos deste trabalho.

Aos amigos, Camila, Raquel, Eduardo, Jeannie, Yvantelmack, Alana, Andrezza, pelo apoio, pelas conversas que tantas vezes me (re)estimularam a realizar este trabalho.

À grande rede de apoio que me ajudou a finalizar este trabalho durante o primeiro ano do meu filho: Tia Eliana, Tio Tier, Mimi, Michelle, Josy, Clever. Sem vocês, eu não teria conseguido.

Aos meus pais, Aprígio e Isabel, a quem sempre busquei orgulhar. Sei a felicidade que essa conquista traz para vocês.

Aos meus irmãos, Walfrido e Juliana, por terem me dado, durante esses anos de doutorado, os melhores presentes que os irmãos podem dar: 3 sobrinhos que fizeram brotar um amor imensurável e incondicional em meu coração

Ao meu cunhado, André, pelas palavras de sensatez e calma, essenciais na reta final de produção.

À minha irmã, Juliana, que tanto tanto me apoiou durante todo o processo de realização desta pesquisa, foi meu porto seguro, meu colo, meu maior exemplo, foi tudo de eu precisei que fosse. Essa conquista também é sua!

Ao meu marido, Demontier, por me proporcionar, durante esses anos do doutorado, os momentos mais felizes da minha vida, por me ensinar que as maiores conquistas não enriquecem o Lattes, engrandecem a alma! Te amo!

Ao meu filho, Tiê, por ser minha fonte de amor, de inspiração, de força, por trazer tanta ternura no olhar e tanta felicidade no sorriso.

RESUMO

Neste trabalho, estabelecemos a comparação dos usos de advérbios e adjetivos com função adverbial nos séculos XIX, XX e XXI, a fim de elucidar esse fenômeno à luz da noção de fluidez categorial (Teoria dos Protótipos) e de mudança linguística. Nossa hipótese é a de que: i) como compõem uma categoria maior, a de modificadores, adjetivos e advérbios são categorias híbridas, de nível básico, que abrigam elementos cujas características são mais salientemente relacionadas à classe de nível superordenado, e tendem, por esse motivo, à flutuação; e ii) em virtude dessa flutuação entre adjetivos e advérbios, algumas formas adjetivas sofrem, em séculos mais recentes, um processo de mudança linguística, tendendo a exercer a função de modificador verbal, mas atuam em menos contextos que advérbios em *-mente*. Para a investigação de tais hipóteses, tomamos como *corpus* peças teatrais brasileiras dos séculos XIX, XX e XXI, nas quais selecionamos todas as ocorrências de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbializados e analisamos a possibilidade de correspondência entre essas formas. Como na literatura (cf. HUMMEL, 2002a, 2002b, 2013), adjetivos adverbiais tendem a ser mais recorrentes na modalidade oral, sobretudo em registros informais, a escolha do gênero peça teatral se justifica por ser o gênero que mais se aproxima de tal modalidade. Além disso, também utilizados o banco de dados do *Corpus do Português* como contraprova dos resultados a que chegamos no exame das peças. Desse modo, analisamos os resultados em duas direções: da forma para a função e da função para forma. Nossos dados mostraram que os adjetivos adverbiais, embora atuem mais como adverbiais qualificadores em todos os períodos e exerçam funções menos diversificadas que as formas em *-mente*, modernamente tendem a expandir suas funções, atuando como modalizador, circunstanciador e focalizador. Os dados apontaram ainda para o compartilhamento de propriedades entre adjetivo e advérbio na função qualificador adverbial, aquela em que a alternância foi mais frequente, o que, entre outros fatores, leva a propor uma categoria de modificador, de que fariam parte os elementos considerados adjetivos e advérbios, organizados pelo modelo de prototipia.

Palavras-chave: Flutuação categorial. Adjetivo. Advérbio. Mudança linguística.

ABSTRACT

In this work, we establish a comparison of the uses of adverbs and adjectives with adverbial function in the 19th, 20th and 21st centuries, in order to elucidate this phenomenon in the light of the notion of categorical fluidity (Prototype Theory) and linguistic change. Our hypothesis is that: i) as they make up a larger category, that of modifiers, adjectives and adverbs are hybrid categories, of basic level, which contain elements whose characteristics are more strikingly related to the class of superordinate level, and tend, for this reason, to fluctuate; and ii) due to this fluctuation between adjectives and adverbs, some adjective forms have undergone, in more recent centuries, a process of linguistic change, tending to exercise the function of verbal modifier, but act in less contexts than adverbs in -ment. For the investigation of such hypotheses, we take as a corpus Brazilian theatrical plays from the 19th, 20th and 21st centuries, in which we select all occurrences of adverbs in -mente and adverbialized adjectives and analyze the possibility of correspondence between these forms. As in the literature (cf. HUMMEL, 2002a, 2002b, 2013), adverbial adjectives tend to be more recurrent in the oral modality, especially in informal records, the choice of the theater play genre is justified because it is the genre that most closely matches this modality. In addition, the Corpus do Português database was also used as a proof of the results we reached in the examination of the pieces. In this way, we analyze the results in two directions: from form to function and from function to form. Our data showed that adverbial adjectives, although they act more as qualifying adverbials in all periods and perform less diversified functions than forms in-modern, tend to expand their functions, acting as a modalizer, circumstantial and focuser. The data also pointed to the sharing of properties between adjectives and adverbs in the adverbial qualifier function, the one in which alternation was more frequent, which, among other factors, leads to proposing a modifier category, which would include the elements considered adjectives and adverbs, organized by the prototype model.

Keywords: Categorical fluctuation. Adjective. Adverb. Linguistic change.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Protótipo de xícara	26
Figura 02 - Escala de categorias conceituais	36
Figura 03 - Hierarquia relativa às classes de palavras	36
Figura 04 - Posição de adjetivos adverbiais na escala léxico/gramática.....	41
Figura 05 - Frequência de <i>direitamente</i> no CP.....	111
Figura 06 - Escala de prototipia da classe modificador.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	Frequência quanto à modalidade (forma vs. registro).....	76
Tabela 02 –	Frequência quanto à modalidade (registro vs.forma).....	76
Tabela 03 –	Frequência quanto à função.....	77
Tabela 04 –	Frequência da função conforme o período.....	78
Tabela 05 –	Frequência de adjetivos adverbiais e advérbios em <i>–mente</i> na função de qualificador.....	80
Tabela 06 –	Advérbios em <i>–mente</i> : correspondência vs função.....	97
Tabela 07–	Diversidade de adjetivos adverbiais por função.....	101
Tabela 08–	Itens presentes no <i>corpus</i> nos séculos XIX, XX e XXI.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Classes e funções conforme Camara Jr.....	51
Quadro 02 - Pares alternantes AA/formas em <i>-mente</i>	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Funções de advérbios em <i>–mente</i> e adjetivos adverbiais.....	83
Gráfico 02 – Possibilidade de substituição de advérbios em <i>–mente</i> por adjuntos adverbiais.....	84
Gráfico 03 – Possibilidade de substituição de adjetivos adverbiais por advérbios em <i>–mente</i>	100
Gráfico 04 – Frequência da troca de AA por Advérbios em <i>–mente</i>	100
Gráfico 05 – Frequência dos adjetivos adverbiais nos séculos XIX, XX e XXI.....	115
Gráfico 06 – Frequência das funções semântico-pragmáticas dos Adjetivos Adverbiais.....	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2. CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA	23
2.1 Modelos de categorização	23
2.2 As classes de palavras na tradição gramatical	31
2.3 Fluidez categorial nos processos de mudança linguística	34
2.4 Síntese conclusiva	42
3. ADJETIVOS, ADVÉRBIOS E ADJETIVOS ADVERBIAIS	44
3.1 Revisão sobre a classe dos adjetivos	44
3.2 Revisão da classe dos advérbios	47
3.3 Adjetivos, advérbios e adjetivos adverbiais	50
3.4. Flutuação categorial: adjetivo/advérbio	52
3.5 Síntese conclusiva	62
4 METODOLOGIA	64
4.1 Natureza da pesquisa.....	64
4.1.1 <i>Do método de abordagem</i>	64
4.1.2 <i>Dos objetivos</i>	65
4.1.3 <i>Dos métodos de procedimento</i>	65
4.2 <i>Do corpus</i>	66
4.3 Dos procedimentos metodológicos	68
4.3.1 <i>Dos instrumentos</i>	68
4.3.2 <i>Do tratamento dos dados e dos procedimentos</i>	68
5 FLUIDEZ CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS EM –MENTE E ADJETIVOS ADVERBIAIS	75
5.1 Resultados gerais	76
5.1.1 <i>A modalidade</i>	76
5.1.2 <i>A função</i>	77
5.1.3 <i>A alternância</i>	81
5.2 Dos advérbios em <i>-mente</i>	83
5.2.1 <i>Quando a forma adjetiva não atua como advérbio</i>	85
5.2.2 <i>Quando o adjetivo adverbial não exerce a mesma função semântica que a forma em -mente correspondente.</i>	89
5.3 Dos adjetivos adverbiais	99

5.3.1 Adjetivos adverbiais passíveis de substituição por formas em -mente..	103
5.3.2 Adjetivos adverbiais que não permitiram substituição por formas em - mente.....	104
5.3.3 Adjetivos adverbiais de substituição ora possível ora impossível	111
5.4 Quanto à mudança linguística dos adjetivos adverbiais	114
6 CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS.....	124

1 INTRODUÇÃO

A flutuação categorial é um fenômeno de interesse das diversas abordagens funcionalistas, visto que o que caracteriza tal paradigma é o exame da funcionalidade da linguagem pautado não em formulações abstratas, mas na análise dos usos concretos da língua, a partir dos quais fica evidente a imprecisão de limites entre as diversas categorias linguísticas. Neves (2012) ressalta que a visão da gramaticalização explicita a naturalidade do processo de fluidez categorial, fenômeno essencial para o entendimento da mudança linguística.

Nossa pesquisa tem como foco a imprecisão de limites entre as classes de advérbios e adjetivos. A complexidade da classe adverbial já foi tratada por diversos estudos (POTTIER, 1968; BOMFIM, 1988, ILARI, 1991; CASTILHO e CASTILHO, 1993; NEVES, 2011; LIMA, 2010). Prova dessa complexidade são as incongruências já observadas por diversos linguistas quanto à definição de tal classe. Para Bomfim (1988), por exemplo, apesar de essa classe ser definida de forma aparentemente uniforme pelas gramáticas modernas, há, nessas obras, referência à grande variação dos elementos que integram essa classe de palavras. Pottier (1968, p. 53) afirma que “parece que incluíram nas gramáticas, sob a rubrica ‘advérbios’, todas as palavras com as quais não se sabia o que fazer”. Mais recentemente, Neves (2011), Castilho (1991), Hummel (2002a, 2002b, 2012, 2013) apontam, como veremos ao longo desse trabalho, diversas inconsistências na abordagem tradicional desta classe.

Na verdade, desde os gramáticos clássicos até os modernos, a definição de advérbio parece ter sofrido poucas alterações. Os gramáticos latinos, em geral, definiam o advérbio como uma palavra invariável que, acrescida ao verbo, ampliava seu significado. Os gramáticos atuais, praticamente, se diferenciam apenas por já considerar a relação do advérbio com outros elementos da oração, como o adjetivo, outro advérbio ou ainda uma oração inteira (CUNHA, CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1997; ALMEIDA, 1983).

Não menos intrigante é a classe dos adjetivos. Estes, como veremos adiante, já foram incluídos junto aos verbos, aos substantivos e assimilados à classe dos advérbios. Desde Dionísio, no entanto, os adjetivos são geralmente definidos como qualificativos de substantivos que, como tais, variam conforme o gênero e

número dos nomes aos quais se referem. Algumas características parecem, *a priori*, diferenciar muito claramente adjetivos e advérbios, embora ambas as classes possam exercer a função geral de modificadores. Uma das principais distinções geralmente mencionadas por gramáticos e linguistas é (MACAMBIRA, 1978; SACCONI, 1990; BUENO, 2014) que, diferentemente de advérbios, os adjetivos geralmente variam, concordando com o substantivo que modificam.

Entretanto, em alguns contextos, a distinção entre adjetivos e advérbios não é tão clara. Alguns estudiosos já investigaram a indeterminação de fronteira entre tais classes (HUMMEL, 2002a, 2002b, 2013; BASÍLIO, 2002, BARBOSA, 2006; ZAMBI, 2010, CAMPOS, 2019). Aos gramáticos, essa indeterminação também não passa despercebida, Cunha e Cintra (1985, p. 257-258) reconhecem um valor fronteiro entre adjetivos em predicados verbo-nominais¹ e advérbios, o que explicaria, segundo eles, o fenômeno da adverbialização de adjetivos sem acréscimo do *-mente*. Os gramáticos ressaltam, ainda, que há, em renomados autores, exemplos de adjetivos adverbiais que concordam com o sujeito da oração, o que se justifica, segundo eles pela “ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio”.

Perini (1989), ao discutir a concepção de classe, mostra que alguns vocábulos tradicionalmente classificados como adjetivos podem exercer, em determinados contextos, a função de advérbio, mas outros não. Como exemplo de tal fenômeno o autor cita:

(01) Aauto fala **alto**

(02) Aauto fala **bom***

Apesar de tanto *alto*, como *bom* serem classificados como adjetivos, apenas o primeiro tem a capacidade de funcionar como advérbio. Em contextos como (02), não parece ser possível, no português atual, utilizar o adjetivo *bom*

¹ Cunha, Cintra (1985) consideram predicados verbo-nominais os que apresentam dois núcleos significativos: um verbo e um predicativo, reconhecendo, assim, que, o predicativo do sujeito não ocorre apenas vinculado a verbos de ligação (quando formam predicados nominais), mas também a verbos significativos.

adverbializado nem formar um advérbio a partir de *boa*, como **boamente*. Em geral, usa-se nesse contexto o advérbio *bem*. Tal fato nos causa curiosidade, visto que o adjetivo *bom* é um qualificador recorrentemente usado na língua portuguesa, característica que, conforme Basílio (2002), Barbosa (2006) e Zambi (2010), favorece o uso em contexto adverbial. Além disso, a perífrase ablativa² formada com o adjetivo *bona* e o substantivo *mente* ocorria já no latim clássico. Väänänen (1975) registra exemplo de tal perífrase na obra de Quintiliano – “*bona mente factum*”-. Por outro lado, *bom* parece funcionar bem como marcador discursivo (HUMMEL, 2012) ou em construções recentes como “vai dar bom”.

Em rápida pesquisa no Corpus do Português, também é possível encontrar a forma *boamente* na língua portuguesa em ocorrências do século XIV até o século XX. Contudo, ao contrário do que ocorre com diversos outros advérbios em *-mente* que avançaram nos processos de gramaticalização e de lexicalização, essa forma, que muito se aproximava do sentido original de *mente*, foi caindo em desuso com o passar do tempo. Outra singularidade de tal formação é o fato de normalmente vir precedida da preposição *de*, como se pode observar nos exemplos retirados do Corpus do Português:

(03) E elles diserõ que dissesse o que lhe prouguesse e que elles o faryam de ***boamente***. (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XIV)

(04) E ell de ***boamente*** o rreçebera em seu rreino & o ajudara a cobrar sua terra... (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XV)

Outra forma adverbial que, ao que nos parece, apesar de formada com o sufixo³ *-mente*, ainda guarda traços de adjetivo é *independentemente*. Em pesquisa anterior (GONDIM, 2014), encontramos a seguinte ocorrência:

(05) As duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Embora se trate de instituições distintas, naqueles tempos uma estava ligada à outra. Não existia na época, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, ***independentemente*** da religião. (séc. XX – HB).

² Expressão latina constituída por adjetivo e substantivo feminino *mente* no caso ablativo, caracterizado pela função de adjunto adverbial.

³ O uso do termo *sufixo* neste trabalho se deve simplesmente à força da tradição, uma vez que temos consciência de que morfologicamente *-mente* não é um sufixo prototípico, como já discutiu Duarte (2009), que preferiu tratá-lo como um *sufixóide*.

Apesar de a substituição de *independentemente* por *de modo independente* ser, aparentemente, aceitável, não concebemos tal advérbio como modificador, uma vez que não incide sobre o verbo nem sobre o adjetivo, por exemplo. Inicialmente, consideramos que talvez fosse um focalizador que punha em evidência “a religião”. Entretanto, *independentemente* tem muito conteúdo semântico e não serve apenas para pôr em foco “da religião”. Na verdade, ele é o termo regente dessa expressão.

Tendo em vista tais singularidades tanto das formações em *-mente*, quanto de adjetivos que poderiam, aparentemente, lhes servir de correspondentes semânticos, pretendemos, nesta pesquisa, à luz da teoria funcional, que concebe a língua como instrumento de interação social, de transmissão de sentido, tendo como foco, não as prescrições normativas, mas o uso concreto das formas linguísticas, investigar as (des)semelhanças entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*. Para tanto, consideramos o fenômeno da flutuação categorial entre tais formas e observamos as motivações sintático-semântico-discursivas para o aumento ou queda de frequência de determinados advérbios ou adjetivos que assumem a função de advérbio. Por meio da investigação de tais motivações, ensejamos avaliar também, baseados em Heine *et al.* (1991), Hopper e Traugott (1993), Bybee (2003) e Lehmann (2002), a mudança linguística sofrida por adjetivos adverbiais.

As questões de pesquisa que nortearam esta investigação foram:

- a) o que explica a flutuação entre adjetivos e advérbios na função adverbial?
- b) quais funções semânticas e pragmáticas são exercidas por adjetivos adverbiais e por advérbios em *-mente* ao longo dos três séculos analisados?
- c) quais contextos sintático-semântico-pragmáticos favorecem o uso de formas em *-mente* e de formas adjetivas?

A partir de nossas leituras e de nossa observação como falantes nativos, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) como compõem uma categoria maior, a de modificadores, adjetivos e advérbios são categorias híbridas, de nível básico, que abrigam

elementos cujas características são mais salientemente relacionadas à classe de nível superordenado, e tendem, por esse motivo, à flutuação;

b) adjetivos adverbiais tendem a exercer mais frequentemente a função de qualificador, incidindo sobre o verbo, e, menos frequentemente, exercem outras funções, como a de focalizador e modalizador; advérbio em *-mente* apresentam funções mais diversificadas, conforme analisado em Gondim (2014);

c) como apontou Barbosa (2006), em determinados contextos, advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais não são intercambiáveis. Assim, supomos que a alternância não é possível nos seguintes casos:

c1) advérbios em *-mente* não podem ser substituídos por formas adjetivas correspondentes quando a forma adjetiva exercer funções semânticas e pragmáticas diferentes das exercidas pela forma derivada em *-mente*.

c2) adjetivos adverbiais parecem não poder ser substituídos por advérbios em *-mente* quando a forma adverbial em *-mente* não fizer parte do inventário lexical da língua portuguesa, como ocorre com formas como *baixamente* ou quando o advérbio em *-mente* não exercer as mesmas funções que os adjetivos adverbiais, como ocorre com o par *alto/altamente*.

Diversos autores já se dedicaram à investigação tanto dos advérbios em *-mente* (CAVALCANTE, 1998; SILVA, CARVALHO, ALMEIDA, 2008; PINTO, 2008; DUARTE, 2009; NUNES, 2009, GONDIM, 2014), como dos adjetivos adverbiais⁴ (HUMMEL, 2002a, 2002b, 2013; BASÍLIO, 2002; LOBATO, 2008; BARBOSA, 2006; ZAMBI, 2010, CAMPOS, 2019). Hummel (2013) e, mais recentemente, Campos (2019), inclusive, empreenderam estudo comparativo das duas formas. Diferentes do que propomos nesta pesquisa, as investigações do autor têm como base a Sociolinguística, uma vez que se interessa apenas por contextos em que a forma em

⁴ Conscientes da dificuldade de nomear tais formas, tratá-las-emos, neste estudo como *adjetivos adverbiais*, por ser um termo frequente na literatura relativa à língua portuguesa. Entretanto, concordamos com Company (2017), que assevera não se saber ao certo se tais formas configuram um adjetivo, um advérbio, ou ainda um tipo especial de adjetivo ou advérbio.

–*mente* e a forma adjetiva são formas variantes de uma regra variável. Já o trabalho de Campos (2019) calca-se na Linguística Centrada no Uso para empreender estudo comparativo entre adjetivos adverbiais e advérbios em –*mente* que atuam como qualificadores.

Vale ressaltar que, assim como o estudo de Campos (2019), os estudos dedicados à investigação dos chamados adjetivos adverbiais, geralmente, se voltam para os casos em que tais formas atuam como qualificadores verbais (BARBOSA, 2006; BASÍLIO, 2002; HUMMEL, 2013). Não nos restringiremos a esta função, uma vez que pretendemos examinar todos os casos encontrados em nosso *corpus* de formas adjetivas em função adverbial, a fim de investigar a expansão funcional de tais formas.

Reis (1997 *apud* BARBOSA, 2006) e Lobato (2008) investigam o fenômeno dos adjetivos adverbiais a partir da teoria gerativa, entretanto o posicionamento das duas autoras não é convergente. A primeira aceita a ideia de que formas adjetivais possam funcionar como advérbios, uma vez que, em determinados contextos, modificam verbos e, por isso, não devem ser analisadas como adjetivos no masculino singular, já que não é possível haver concordância entre verbo e adjetivo. A segunda, por seu turno, rejeita tal ideia e defende que, mesmo em ocorrências como *elas andam torto*, o adjetivo não pode ser classificado como advérbio, uma vez que, sob seu ponto de vista, continua funcionando como adjetivo, pois, segundo ela, predica uma forma nominal implícita.

Hummel (2002a) analisa, no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal, os casos *ela fala esquisito* e *ela chega cansada*. Para o autor, adjetivos adverbiais são mais frequentemente usados na fala brasileira que na europeia. Hummel (2002b, 2013) defende também que, nas diversas línguas neolatinas, a conversão direta de adjetivos em advérbios é característica da linguagem falada coloquial, enquanto as formações adverbiais com –*mente* são preferencialmente usadas em registro escrito ou de maior formalidade.

Os estudos de Basílio (2002) muito contribuem com a elucidação do tema. A autora investigou a conversão de adjetivos em advérbios, centrando-se especialmente nas condições de produtividade deste fenômeno. Sob orientação dessa autora, Zambi (2010) também empreende pesquisa sobre o tema. A contribuição desta é a realização de estudo tanto dos adjetivos adverbiais como dos

advérbios em *-mente*, com o fim de identificar em que medida as características morfológicas e sintáticas dos primeiros têm influência no fato de apresentarem-se nos mesmos contextos que os advérbios em *-mente* aos quais correspondem.

Assim como Zambí (2010), Barbosa (2006) também analisou os dois tipos de adverbais. Entretanto, enquanto aquela concluiu, após analisar 90 ocorrências de adjetivos adverbiais, que a maior parte dessas formas apresenta correspondência com advérbios em *-mente*; esta, após análise do falar carioca, chegou à conclusão oposta, de que a maior parte dos adjetivos adverbiais não apresenta formas em *-mente* correspondentes.

Apesar de os trabalhos até aqui mencionados representarem valiosas contribuições, o fenômeno ainda carece, ao nosso ver, de investigação de cunho não só qualitativo, mas também quantitativo, para que possamos, ao flagrar o uso tanto de adjetivos adverbiais como de advérbios em *-mente*, em contextos similares, nos três séculos aos quais nos dedicaremos, XIX, XX e XXI, comparar o comportamento de ambas as formas e verificar as similaridades e diferenças relativas às propriedades, não apenas morfológicas e sintáticas, mas também semânticas e pragmáticas que as duas formas apresentam. Dessa forma, nossa pesquisa visa contribuir com a comparação entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*, analisando o uso de tais formas

Nossa tese se divide em seis capítulos. No capítulo *Categorização linguística*, trataremos do fenômeno de categorização linguística, considerando os modelos de categorização clássica e a categorização em classes de palavras conforme a tradição gramatical, e dos modelos de categorização que assumem a fluidez categorial e a indeterminação de fronteiras, como o de prototipia, decorrentes, em geral, de processos de mudança linguística. .

No terceiro capítulo, *Adjetivos, advérbios e adjetivos adverbiais*, discorreremos especificamente sobre as classes que são foco de investigação deste trabalho: adjetivos e advérbios. Para tanto, trataremos de cada uma dessas classes e dos adjetivos adverbiais.

No quarto capítulo, apresentaremos, detalhadamente, a metodologia de nosso trabalho, discorrendo principalmente acerca do *corpus*, do tratamento dos dados e dos procedimentos desta pesquisa.

No quinto capítulo, *Fluidez categorial entre advérbios em –mente e adjetivos adverbiais*, desenvolveremos a análise dos advérbios em –mente e dos adjetivos adverbiais encontrados nos três períodos aos quais nos dedicamos: séculos XIX, XX e XXI, discutindo tanto as dificuldades que encontramos na análise das ocorrências, como os resultados aos quais chegamos.

Por fim, no sexto capítulo, apresentaremos nossas conclusões.

2. CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Para tratar da flutuação categorial entre adjetivos e advérbios em *–mente*, é necessário discutirmos, ainda que brevemente, o fenômeno da categorização e dos processos de mudança linguística pelos quais passam diversos itens linguísticos. Este capítulo acha-se dividido em quatro seções. Na primeira, abordaremos os modelos de categorização clássica e a teoria dos protótipos; na segunda, trataremos, de modo mais específico, da questão das classes de palavras; e, na terceira, teremos como foco a mudança linguística; na quarta, por fim, faremos uma síntese conclusiva.

2.1 Modelos de categorização

Categorização é compreendida como o processo pelo qual agrupamos as entidades com as quais interagimos a partir das semelhanças e diferenças que percebemos entre elas. Lakoff (1987, p. 5) aponta tal processo como “ponto central para a compreensão de como nós pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, um ponto central para a compreensão daquilo que nos faz humanos”.

Na verdade, entendida como processo cognitivo básico ligado à percepção e à capacidade de “recortar” o mundo ao interagir com ele, considera-se que até mesmo organismos simples, como bactérias, categorizam:

O processo de categorização das experiências é um aspecto fundamental da cognição em todos os níveis de vida. Os microorganismos categorizam os compostos químicos, classificando-os em "alimento" e "nãoalimento", em coisas pelas quais são atraídos e coisas pelas quais são repelidos. Do mesmo modo, os animais têm categorias para os alimentos, os ruídos que significam perigo, os membros de sua própria espécie, os sinais sexuais, etc. (CAPRA, 2005, p.75).

Como seres dotados de linguagem, nós não só categorizamos a realidade, como criamos conceitos abstratos para denotar os objetos e suas relações, as categorias. A questão que recebeu respostas diversas ao longo da história do pensamento ocidental é como selecionamos propriedades para construir a abstração que representa a categoria. A resposta que ficou conhecida como modelo clássico de categorização é considerado “clássico”, segundo Taylor (1992),

por dois motivos: a) remonta aos estudos gregos, principalmente ao pensamento aristotélico; e b) tem dominado a Psicologia, a Filosofia e a Linguística (especialmente estruturalista e gerativista) durante grande parte do século XX.

Pelo legado greco-romano na gramática tradicional, é a visão clássica de categorias que predomina em nossas gramáticas, mesmo as pós-NGB. Esta abordagem baseia-se na ideia aristotélica de essência, ou seja, aquilo que faz uma determinada coisa ser o que ela é. A *essência* de uma coisa se difere dos seus acidentes por ser composta por todas as características cuja destruição provoca a destruição da coisa em si, enquanto os acidentes são propriedades secundárias, irrelevantes para a determinação da coisa. Conforme Aristóteles, se, por exemplo, tomarmos como a essência de *humano* ser "animal de duas patas", as características relativas a sexo, cor e cultura de determinado indivíduo são tidas como acidentes, uma vez que, embora possam caracterizar um indivíduo em particular, são irrelevantes para sua categorização como *humano*.

Smith e Medin (1981) apontam 3 características definidoras desse modelo: a) a arbitrariedade das categorias, uma vez que as coisas podem ser categorizadas a partir de diferentes critérios, e as pessoas as organizam em categorias distintas a depender da sua cultura; b) imprescindibilidade de propriedades essenciais, já que, para ser agrupado em determinada categoria, as coisas precisariam ter todas as características essenciais dessa categoria, todos os membros serviriam como exemplo perfeito da categoria, ou seja, não haveria membro que funcionasse como um modelo mais claro que os demais; e c) valorização da intensão, visto que é a intensão que determina a extensão da categoria, ou seja, é o conjunto de atributos essenciais (intensão) que vai definir quem são os itens que compõem determinada categoria (extensão). Desse modo, ao dizer que um X é um Y, atribuímos uma entidade X à categoria Y, marcando as propriedades de X que condizem com a essência da categoria Y. No exemplo citado anteriormente, Aristóteles destacou duas características definidoras da categoria *humano* [duas patas] e [animal], portanto qualquer item integrante da categoria *humano* é um animal e possui duas patas.

O modelo clássico é retomado pela semântica estruturalista. Exemplo disso é a análise de Katz e Postal (1964) da palavra *bachelor* (solteirão). Conforme os autores, traços essenciais representam o significado desta palavra [HUMANO+],

[MACHO+], [ADULTO+] e [NUNCA CASADO+], sendo assim, qualquer entidade no mundo que apresente essas quatro características pode ser corretamente designada por *bachelor*. Entretanto, se a entidade não exibir alguma (ou todas) das quatro características, não pode ser designada como *bachelor*. Por se basear em traços, Taylor (1992) compara tal análise à análise fonológica, o termo *spinster* (solteirona), por exemplo, se distingue de *bachelor* por não apresentar o traço [MACHO+].

Em suma, o modelo clássico estabelece condições necessárias e suficientes para definir a pertença de um membro a uma dada categoria. No âmbito da gramática, as condições necessárias e suficientes vão definir as categorias gramaticais e, em especial, as partes do discurso. Em Dionísio da Trácia, *nome* é definido como palavra que varia em caso, e *verbo*, como palavra que varia em tempo. Assim, uma forma, para pertencer à classe nominal, deve ter como traço, e apenas esse, a variação em caso. Para pertencer à classe verbal, deve ter como propriedade a variação em tempo e somente ela. A forma participial por conter os dois traços, variação em caso e em tempo, não poderia ser nome nem verbo, e assim é considerada à parte.

Tal percepção de limites rígidos entre as categorias passou, desde meados do século passado, a suscitar diversos questionamentos. Fillmore (1975), por exemplo, a propósito da análise componencial de Katz e Fodor, mostra que os traços [HUMANO+], [MACHO+], [ADULTO+] e [NUNCA CASADO+] não são suficientes para definir *bachelor*, já que o termo não é adequado para se referir a qualquer homem adulto que não seja casado. O Papa, por exemplo, mesmo atendendo a esses critérios, não é caracterizado como *bachelor*. Esse fato se explica porque, conforme o autor, o significado das palavras é subordinado a *frames*, ou seja, domínios cognitivos específicos que reúnem conhecimentos compartilhados socioculturalmente; no caso de *bachelor*, o termo não se emprega na caracterização de Papa porque faz parte do conhecimento compartilhado pelos falantes de uma língua que papas não se casam.

Ao tratar da definição do termo *spiel* (jogo), o austríaco Wittgenstein foi um dos primeiros autores a apontar as insuficiências do modelo clássico. Ele mostrou que os limites dessa categoria (*spiel*) não são tão claros, uma vez que não apresenta atributos essenciais compartilhados por todos os membros que a compõem. Na verdade, o autor defende a existência de atributos tipicamente

associados à categoria, mas que não sejam obrigatoriamente compartilhados por todos os membros da categoria. No caso de *spiel*, há atributos compartilhados por alguns membros e atributos compartilhados por outros membros, mas nenhum atributo é compartilhado por todos os membros. O atributo [COMPETITIVIDADE+] e [COLETIVIDADE+], por exemplo, apesar de serem comuns a jogos bastante variados, não estão presentes em jogos individuais, como “paciência”⁵. O autor compara esse agrupamento de elementos em uma categoria a “semelhanças de família”, em que os membros de uma mesma família podem compartilhar determinado traço com outro membro e outro traço com outros membros, sem necessariamente todos compartilharem exatamente os mesmos traços. Nesse caso, haveria um conjunto de traços que seriam partilhados parcialmente pelos membros de uma dada categoria.

Outra alternativa para os problemas da visão clássica de categorização foi a proposição da teoria dos protótipos, que tem como origem estudos empíricos de Labov (1973) e de Rosch (1973, 1975). Labov (1973) desenvolveu experimentos acerca da categorização de recipientes como xícaras, tigelas e vasos. Os sujeitos da pesquisa foram solicitados a avaliar uma série de desenhos e nomear cada um dos objetos desenhados. O recipiente unanimemente nomeado por *xícara* apresentou, como ilustra a figura 1, três características básicas: a) base circular e mais estreita que o topo; b) largura máxima igual à altura e c) presença de aselha.

Figura 01 – Protótipo de xícara



Fonte: Labov (1973)

Ao contrário do que previa a abordagem clássica, não foi possível apontar uma clara divisão entre os elementos. Mesmo que os objetos que não apresentavam aselha tenham sido classificados como xícara por um número bem menor de sujeitos, a ausência do elemento não o excluiu completamente da categoria. Os

⁵ Jogo de baralho também conhecido como *solitário*, por ser jogado por apenas uma pessoa.

objetos que apresentavam aselha, mas tinham a largura maior que a altura, tenderam a ser chamados de tigela. Quando tinham aumentada a altura, no lugar da largura, a tendência foi de serem nomeados como vaso e, quando não eram afunilados, mas cilíndricos, geralmente eram considerados como canecas (TAYLOR,1992).

Além das características estruturais do objeto, também influenciaram os sujeitos na categorização questões contextuais. Nos testes que incluíram informações relacionadas ao tipo de conteúdo dos objetos, as classificações sofriam mudanças. Recipientes que continham café, por exemplo, mesmo que não apresentassem estrutura prototípica, passavam a ser chamados de xícaras, e não de tigela ou vaso, e os que continham purê de batata tendiam a ser nomeados como tigelas.

Taylor (1992) aponta algumas conclusões importantes desse experimento. Em primeiro lugar, ficou claro que, apesar de as entidades serem categorizadas por meio de seus atributos, esses atributos não são construções binárias, mas variáveis contínuas, uma vez que apresentam um certo valor prototípico, ou seja, a categorização de uma entidade não depende de ela possuir ou não determinado atributo, mas da proximidade que tal entidade estabelece com as dimensões prototípicas da categoria. Em segundo lugar, apesar de a categorização das entidades envolver características formais, como, no caso dos recipientes, tamanho, forma e material, também foram essenciais para a classificação as características relativas ao uso, como o objeto estar relacionado à atividade de tomar café, comer purê de batatas ou carregar flores.

Importantes estudos para a teoria dos protótipos foram empreendidos pela psicóloga Eleanor Rosch. Ela investigou, em quatro experimentos, a percepção que falantes de diferentes línguas tinham das cores. Em seu primeiro experimento, Rosch percebeu que falantes de 11 línguas distintas, ao serem solicitados a apontar bons exemplos de cores nas suas respectivas línguas, tendiam a selecionar as mesmas tonalidades. Por exemplo, quando foram solicitados a apontar um bom exemplo da cor vermelha (ou termo equivalente em sua língua), tenderam a indicar o mesmo tom independentemente da língua que falassem. No segundo experimento, apresentou-se a falantes de 23 línguas uma amostra de cores focais e não focais e pediu-se que eles as nomeassem. Os resultados comprovaram que as cores focais

são nomeadas mais rapidamente que as não focais, o que sugere que aquelas sejam mais salientes que essas. O terceiro experimento foi realizado com dois grupos distintos de participantes. O primeiro grupo foi constituído por 20 falantes nativos do inglês, e o segundo, por 21 falantes monolíngues da tribo Dani, da Nova Guiné, cuja língua tem apenas dois termos básicos (branco-quente, que abrange todas as cores quentes, como vermelho, laranja e amarelo, e preto-frio, que abarca as cores frias como azul e verde) para se referir a todo o espectro de cores. Uma cor foi exposta aos participantes durante cinco segundos e, após um intervalo de trinta segundos, eles foram solicitados a identificar a cor que tinham visto em um matiz de diversas cores. Os resultados mostraram que falantes do inglês foram capazes de indicar com mais precisão as cores que tinham visto, o que indica que a existência de termos linguísticos específicos pode auxiliar a memória das cores. Cumpre ressaltar que os Dani, assim como os falantes de inglês, se mostraram mais competentes na indicação das cores focais que na das cores não focais, entretanto tal fato já não se explica pela maior codificação das cores focais, já que não dispunham de termos lexicais específicos para distinguir as cores focais e não focais. Por fim o quarto experimento testou o aprendizado dos Dani em relação aos termos que designam as cores em inglês, a saliência das cores focais foi mais uma vez evidenciada, uma vez que os Dani aprenderam mais rapidamente os nomes de cores focais que de não focais.

Em suma, os estudos de Rosch comprovaram que há, no vasto espectro de cores, algumas que são mais facilmente perceptíveis e, portanto, se configuram como mais prototípicas. A partir de tal percepção, Rosch (1973, 1978) verificou a extensão da noção prototípica para outras categorias além das cores, avaliando os objetos que sujeitos indicavam como bons exemplos das categorias mobília (furniture), fruta (fruit), veículo (vehicle), arma (weapon), vegetal (vegetable), ferramenta (tool), pássaro (bird), esporte (sport), brinquedo (toy) e roupas (clothing). Para cada categoria, a psicóloga solicitou que 200 estudantes americanos avaliassem 60 objetos e os julgassem com base em uma escala de 7 pontos (tendo 1 para os ótimos exemplos de mobília, 4 para exemplos moderados e 7 para péssimos exemplos). Tal experimento possibilitou que a autora comprovasse a existência de uma escala de prototipia, uma vez que cada uma das dez categorias, apresentou objetos considerados bons, moderados e péssimos exemplos.

Mais recentemente (cf. KLEBER, 1990, *apud* RIZZATTI, 2001), tende-se a considerar o protótipo não o melhor exemplar concreto, mas uma imagem mental, uma série de propriedades típicas de uma dada categoria. Nesta visão, o protótipo é uma abstração, um esquema cognitivo, a que os exemplares podem se aproximar ou distanciar. Desse modo, as categorias se organizam em torno desse esquema mental, e os exemplares, agrupados em função de sua maior ou menor proximidade do protótipo, podem ser mais ou menos prototípicos. No que tange ao conceito de protótipo, Taylor (1992) ressalta que essa abordagem mais abstrata do termo *protótipo* permite ao falante identificar o protótipo em diferentes ocasiões e reconhece a possibilidade de que membros de uma categoria sejam eles próprios categorias. O autor assim defende que é preciso reconhecer não apenas que *piscos-de-peito-ruivo* são membros da categoria *pássaros*, mas também que *pássaros* tem como um de seus membros a categoria *piscos-de-peito-ruivo*.

Vale aqui mencionar a distinção estabelecida por Langacker (1987) entre as noções de protótipo e de esquema. Segundo o autor, enquanto o protótipo é uma instância típica de uma categoria, que orienta a assimilação de determinados elementos, por meio do grau de semelhança que esses elementos estabelecem com o protótipo; o esquema é uma caracterização abstrata, cuja associação não é uma questão de grau, pois tal abstração é totalmente compatível com todos os membros da categoria que define. Assim, segundo Langacker (1987), o conceito de árvore é inicialmente associado pelo aprendiz de uma língua a instâncias específicas de grandes plantas folhosas, como os carvalhos. Tal representação passa a funcionar como protótipo de árvore¹. Posteriormente, o aprendiz, com base na similaridade, associa pinheiros à categoria árvore, pois, mesmo que pinheiros não tenham folhas, compartilham características com a representação prototípica, visto que apresentam, por exemplo, um tronco central alto com galhos. Assim, o falante estendendo a representação prototípica, pode extrair um esquema adicional de árvore², mais abstrato. Assim, tal esquema passa a funcionar como um protótipo para extensão da categoria às palmeiras, as quais compartilham com o protótipo árvore² um tronco central alto, apesar de não se ramificarem formando galho. Desse modo, as semelhanças entre árvore² e as palmeiras permitem a extração de um esquema ainda mais abstrato, que podemos chamar de árvore³.

Taylor (1992) toma como foco a categorização por protótipo, em detrimento da categorização por esquema, porque, segundo ele, nem sempre é possível abstrair um esquema suficientemente abstrato para que seja possível a compatibilidade com todos os membros de determinada categoria, ou, por vezes, o esquema não é suficientemente restritivo para distinguir membros e não membros de determinada categoria, como exemplifica o autor:

Considere a possibilidade de um esquema de árvore abstrato que inclua carvalhos, pinheiros, árvores genealógicas e árvores de estrutura de frase. O que esses diferentes tipos de árvores têm em conexão é o fato de que elas se ramificam, em algum sentido literal ou metafórico. No entanto, nem tudo o que ramifica é uma árvore; não se pode, por exemplo, referir-se a uma estrada que se ramifica no entroncamento Y como uma árvore. Todavia, o esquema em árvore é elaborado tanto por uma estrada de ramificação quanto por uma estrutura sintática de ramificação. (TAYLOR, 1992, p. 67)⁶

Além disso, a crescente abstração necessária para o entendimento das representações esquemáticas indicia, segundo o autor, que tais esquemas são acessíveis apenas para usuários capazes de reflexões mais sofisticadas sobre a língua.

Diante do exposto, fica evidente a complexidade do processo de categorização de modo geral. No que diz respeito à flutuação categorial entre adjetivos e advérbios, a teoria dos protótipos pode servir de base para a análise das formas adjetivas usadas em contexto de advérbio, uma vez que tais formas parecem pertencer a duas categorias distintas. Consoantes a Taylor (1992), adotamos a noção de categorização por protótipo, segundo a qual:

Categorias gramaticais têm uma estrutura prototípica com membros centrais compartilhando uma variedade de atributos sintáticos e semânticos. A falha de um item em exibir algum desses atributos não exclui por si só a associação [a uma dada categoria] (TAYLOR, 1992, p.196).⁷

⁶ Tradução nossa de: Consider the possibility of an abstract tree-schema which encompasses oak trees, pine trees, family trees, and phrase structure trees. What these different kinds of tree have in common is the fact that they branch, in some literal or metaphorical sense. Yet not everything that branches is a tree; one could not, for instance, refer to a road branching at a Y-junction as a tree. Yet the tree-schemas is elaborated by a branching road just as much as by a branching syntactic structure.

⁷ Tradução nossa de: Grammatical categories have a prototype structure, with central members sharing a range of both syntactic and semantic attributes. Failure of na item to exhibit some of these attributes does not of itself preclude membership.

Desse modo, os membros centrais da categoria adjetiva compartilham os atributos de admitir gradação e de modificar um nome com ou sem cópula. Já os membros centrais da categoria advérbio são os que funcionam como qualificador, determinando o predicado.

A propósito, cumpre ressaltar que, como já adiantamos, a categorização das palavras em classes também não é tão simples como pode parecer. Na seção a seguir discutimos tal categorização, segundo a tradição gramatical e posteriormente refletiremos sobre a fluidez categorial nos processos de mudança linguística.

2.2 As classes de palavras na tradição gramatical

Os primeiros estudos ocidentais relativos às classes de palavras surgem no campo filosófico com as reflexões de Platão, que propôs que o discurso (*lógos*) fosse analisado em duas partes, *ónoma* e *rhêma* (nomes e verbos, respectivamente). A distinção entre tais partes revela a percepção do fenômeno da predicação. Aristóteles, discípulo de Platão, especifica ainda mais o estudo do *lógos*, ao tratar de uma terceira classe, *sýndesmoi*, constituída por elementos que passaram posteriormente a ser tratados como conjunções, artigos, pronomes e, provavelmente, preposições. Os estoicos, por sua vez, dividiram o discurso em quatro partes: nome, verbo, conjunção e artigo (DUARTE; LIMA, 2003).

Com objetivos pedagógicos e prescritivos, Dionísio da Trácia publica a primeira gramática do Ocidente, na qual constam oito partes do discurso: nome (*ónoma*), verbo (*rhema*), particípio (*metoché*), artigo (*árthon*), pronome (*antonymia*), preposição (*próthesis*), advérbio (*epírrhema*), conjunção (*sýndesmos*). Influenciados pelos estudos gregos, os gramáticos latinos também se empenham na classificação das unidades de sua língua. Prisciano, que parece ter simplesmente tentado adaptar ao latim as considerações linguísticas propostas pelos gregos, também dividiu o discurso em oito partes, entre as quais incluiu a classe das interjeições (*interiectio*) e excluiu a dos artigos, uma vez que não existem na língua latina.

O primeiro e mais original gramático latino foi Varrão.⁸ Para ele, havia apenas quatro classes de palavras: a) palavras que nomeiam (nomes); b) palavras que declaram (verbos); c) palavras que participam, compartilhando da sintaxe dos nomes e dos verbos (particípios) e d) palavras que auxiliam, acompanhando e sendo subordinadas aos verbos (advérbios). Assim como os gregos, Varrão também considerava as categorias de caso e tempo como os principais critérios para diferenciar os vocábulos variáveis e invariáveis da língua.

No que tange à língua portuguesa, um dos primeiros gramáticos a se dedicar ao estudo das classes de palavras foi João de Barros, que considerou o nome e o verbo como as partes principais da oração e atribuiu menor importância às demais classes: advérbio, pronome, particípio, artigo, conjunção e interjeição. Barbosa (1875), cuja gramática é, conforme Duarte e Lima (2003), representativa de uma resistência ao modelo latino, considerou que a gramática deveria ser estudada a partir de sua natureza mecânica e de sua natureza lógica. Esta diz respeito à ortografia e à ortoépia, e aquela, às classes de palavras e à sintaxe. No que tange às classes de palavras, Barbosa (1875) as dividiu inicialmente em dois grandes grupos: as exclamativas (ou interjetivas) e as discursivas (ou analíticas). O primeiro era composto apenas pelas interjeições, o segundo abarcava nomes substantivos, nomes adjetivos, verbo, preposição e conjunção. O autor justifica a distinção entre substantivos e adjetivos, explicando que, enquanto aqueles funcionam como sujeito, estes são atributo e que, para um substantivo servir de atributo, ele precisa ser adjetivado e, para um adjetivo servir como sujeito, ele precisa ser substantivado.

Cumprе ressaltar também que o autor reduz pronomes, artigos e particípios à classe dos adjetivos, pois, segundo ele, todo nome que se junta a um substantivo para modificá-lo, determinando-o, explicando-o ou restringindo-o é um adjetivo. Por fim os advérbios também não gozam de uma classe própria, uma vez que o autor os considera expressões compostas, equivalentes a uma preposição com seu complemento, que costuma ser um substantivo sozinho ou acompanhado de adjetivo. Desse modo, segundo Barbosa (1875), devem-se reduzir estes elementos às classes das preposições. Para o autor, advérbio é uma redução da

⁸ Nossos estudos sobre Varrão tiveram como fonte Robins (1983).

preposição com seu complemento⁹ e pode modificar não apenas o verbo, mas “qualquer palavra susceptível de determinação” (BARBOSA, 1875, p.235): *obrar com prudência, obrar prudentemente*. Nisto adianta-se a muitos autores modernos que apontam a insuficiência da definição tradicional do advérbio como palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, apresentando exemplos como “Jesus Cristo é verdadeiramente Deus”. O gramático fala de *nomes adverbizados*, que também seriam uma redução, mas de natureza nominal e, portanto, declináveis. São formados pela elipse da preposição e do nome na forma neutra. O autor oferece exemplos como *certo* empregado no lugar de *certamente*: *certo que isto é mal feito*. Outros exemplos estão listados a seguir:

(06) Modificações de lugar: *alto, baixo, contínuo, junto, segundo* etc.

(07) Modificações de quantidade: *muito, mais, menos, pouco*.

(08) Modificações de tempo: *súbito, tarde*

(09) Modificações de modo e qualidade: *atento, barato, caro, certo, claro, bem, mal, melhor, justo, só*

Assim como Barbosa (1875), Pestana (1849) também divide a gramática quanto à natureza lógica e mecânica. Entretanto sua proposição acerca das classes de palavras difere da de seu antecessor, pautando-se em critérios mais semânticos. Ele sugere duas categorizações mais amplas que dividam as palavras em nominativas (palavras com que designam as ideias) e conectivas (palavras que designam relações). Nestas figuram as preposições e conjunções e naquelas, os substantivos, adjetivos e verbos.

Os substantivos são definidos como nomes que designam ideia existente por si, os adjetivos, como nomes que designam ideia que existe em outro do qual faz parte, e o verbo é caracterizado como a palavra por excelência, o atributo por meio do qual se enuncia a existência (real ou abstrata) do sujeito da proposição. Vale destacar que, no grupo dos adjetivos, constam também os artigos e pronomes, classificados pelo gramático como adjetivos articulatórios.

⁹ Posição similar à encontrada em Macambira (1978), que considera os advérbios pronominais uma redução de uma expressão em que figura uma preposição e um pronome: *aqui* = “neste lugar”, *hoje* = “neste dia”.

Quanto aos advérbios e às interjeições, Pestana menciona-os como “pretendidos elementos da proposição”. Conforme o autor, advérbios devem ser considerados ou como preposições ou como nomes, uma vez que equivalem a locuções formadas por esses dois elementos. As interjeições são tidas como palavras mais ou menos inarticuladas que equivalem a proposições inteiras e servem para expressar “sentimentos e paixões da alma” (p. 72).

Diante do exposto, fica evidente a discrepância entre os gramáticos no que concerne às classes de palavras. A fim de simplificar e unificar a terminologia gramatical, foi publicada no Brasil, em 1959, a portaria ministerial que rege a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Entretanto, as ferrenhas discussões e discordâncias dos estudiosos durante a elaboração da NGB parecem, segundo Biderman (2001), ter culminado em um consenso mais político que científico. De todo modo, a portaria não teve como intuito estabelecer critérios para uma definição das classes, ela apenas lista as dez classes de palavras que devem ser consideradas no âmbito morfológico das gramáticas brasileiras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Mesmo após tal lista, as críticas e discussões não cessaram entre os estudiosos. Camara Jr. (2007) questiona, por exemplo, a inclusão da interjeição entre as classes vocabulares, uma vez que seu comportamento é de frase. Outro problema reside no fato de que a definição das categorias fica a critério das diversas gramáticas, que muitas vezes são imprecisas ou não entram em consenso. No próximo capítulo, discorreremos sobre as classes do adjetivo e do advérbio e, posteriormente, trataremos melhor da indeterminação entre tais classes, uma vez que são elas o foco de nosso trabalho.

2.3 Fluidez categorial nos processos de mudança linguística

Para as teorias funcionalistas, a língua é um instrumento de interação social e, por sua natureza adaptativa, está em constante mutação. Por conta dessas transformações, a gramática de uma língua natural é dinâmica ou, como diz Martelotta *et al.* (1996, p. 6), com base em Givón (2001), “é um ‘sistema adaptativo’: enquanto sistema, é parcialmente autônoma, mas, ao mesmo tempo, é adaptativa

na medida em que responde a pressões externas ao sistema”. Desse modo, não há como negar que tanto adjetivos em *-mente* (como investigamos em GONDIM, 2014) como também adjetivos adverbiais passam por processos de mudança linguística. Os primeiros advêm de perífrases latinas constituídas pelo substantivo latino feminino em sua forma ablativa – *mente* – acompanhado por adjetivo. Os segundos, ao que parece, originam-se em contextos típicos de predicativo, nos quais adjetivos por vezes passam a predicar, não um termo nominal, mas um verbo. No que respeita à gênese destas formas, Hummel (2002b) defende que o fenômeno da conversão de adjetivos em advérbios é o único mecanismo comum a todas as línguas românicas, o que o leva a supor originar-se na variedade vulgar da língua latina. Segundo ele, tais formas são mais frequentes na fala, em contextos menos formais. A respeito disso, vale ressaltar que pesquisa de Gondim (2011) corrobora os achados de Hummel (2002b), uma vez que, conforme a autora, as formas adverbiais em *-mente* parecem ter-se originado na variedade clássica do latim.

Resta saber em que estágio de mudança se encontra cada uma das formas e se apresentam trajeto semelhante em seus respectivos caminhos de mudança.

Convém destacar que, no tratamento da mudança linguística, dois fenômenos costumam ser destacados: a gramaticalização e a lexicalização. Não é nosso objetivo o trato detalhado de tais fenômenos, contudo alguns aspectos pontuais serão úteis ao nosso trabalho, como as contribuições de Heine *et al.* (1991) acerca da abstração metafórica e da polissemia; as noções de frequência propostas por Bybee (2003) e a definição de Lehmann (2002) dos processos de gramaticalização e lexicalização.

Para Heine *et al.* (1991), a motivação basilar da gramaticalização seria o que Werner e Kaplan (1963) chamaram de “princípio da exploração de velhos meios para novas funções”. Esse princípio parece estar bastante relacionado à abstração metafórica. Assim, o falante, inicialmente, com o intuito de deixar o seu discurso o mais claro possível, a fim de ser totalmente entendido pelo seu interlocutor, teria a necessidade de relacionar um conceito mais abstrato a algo mais concreto, ou seja, mais facilmente entendido. Quanto a isso, cumpre lembrar que os autores propõem que a trajetória de gramaticalização parte de uma palavra-fonte (lexical, concreta) para chegar a uma palavra-alvo (gramatical, abstrata). Conforme os autores,

palavra-fonte são elementos de significação própria que tendem a codificar objetos concretos pertencentes ao mundo sociofísico do falante/ouvinte, e as palavras-alvo são elementos que não possuem significado próprio, uma vez que são mais relacionadas a elementos abstratos da língua.

Desse modo, Heine *et al.* (1991) elaboram um arranjo de categorias conceituais,¹⁰ partindo das mais concretas às mais abstratas.

Figura 02 – Escala de categorias conceituais

PESSOA > OBJETO > ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO > QUALIDADE

Fonte: Heine *et al.* (1991)

Nesse arranjo, os elementos da escala têm a capacidade de conceitualizar o elemento que está à sua direita. Para exemplificar esse processo de conceitualização, Neves (2001) cita como exemplo a utilização de *perto*, que primordialmente indica posição de espaço, para indicar posição de tempo (ESPAÇO>TEMPO), como em *perto do Natal*, e a utilização de *pé*, palavra que nomeia uma parte do corpo humano, para indicar uma parte de um objeto (PESSOA>OBJETO), como em *o pé da mesa*.

Esse *continuum* de abstração, que parte da categoria mais concreta até as mais abstratas, também serve à hierarquização das classes de palavras proposta por Hengeveld (1992 *apud* HUMMEL, 2013):

Figura 03 – Hierarquia relativa às classes de palavras

VERBO > NOME > ADJETIVO > ADVÉRBIO

Fonte: Hummel (2013)

Conforme Hengeveld (1992), as línguas do mundo se distinguem, conforme sua função atributiva, de modificação, em três tipos distintos: *rígidas*, que

¹⁰ Categorias relacionadas à manipulação de conceitos cognitivos utilizados para conceitualizar formas de significado mais abstrato a partir de formas de significação mais concreta.

recorrem a perífrases para exercer tal função; *flexíveis*, que utilizam apenas uma classe de palavras para modificar tanto nomes quanto verbos, e *especializadas*, que distinguem as classes adjetivo e advérbio. Assim, línguas que não dispõem da categoria de advérbios (mais abstrata), automaticamente lançam mão de itens das outras categorias (mais concretas, já que são semanticamente mais bem definidas).¹¹

Em suma, Heine *et al.* (1991) defendem que, no decorrer do processo de gramaticalização, os elementos tendem a sofrer modificações semânticas, sintáticas e morfofonológicas, uma vez que, quando plenamente gramaticalizados, tendem a perder significados que originalmente possuíam e a adquirir novos, tornam-se formas presas e perdem massa fônica. É importante atentarmos também para o fato de que, durante as transformações semânticas, há um estágio intermediário entre os significados originais do elemento e os novos significados que ele adquire já no final do processo. Esse estágio intermediário é conhecido como fase da polissemia, na qual os novos significados coexistem com os originais. Tendo em vista a noção da coexistência de formas novas e primitivas, Heine *et al.* (1991) definem a gramaticalização como uma extensão gradual do uso de uma entidade original, e não como uma simples transição que se faz com entidades discretas.

Ao contrário dos autores anteriormente mencionados, Bybee (2003), em consonância com Traugott (1995), defende que nenhuma mudança pode ser estudada senão no contexto da construção na qual o elemento gramaticalizante ocorre. De tal forma, Bybee (2003) admite que talvez seja mais adequado dizer que uma construção constituída de determinados itens lexicais se torna gramaticalizada, em vez de dizer que um determinado item lexical torna-se gramaticalizado.

Todavia, a principal contribuição de Bybee (2003) é a ênfase dada à importância da frequência para os estudos acerca da gramaticalização. Ela defende a existência de dois tipos distintos de frequência: a de ocorrência (*token*) e a de tipo (*type*). A primeira se refere à quantidade de vezes que uma unidade, geralmente uma palavra ou um morfema, aparece num texto em andamento. Como exemplo, ela cita que o pretérito de *break*, *broke*, ocorre 66 vezes em um milhão no texto de Francis e Kucera (1982), enquanto o pretérito do verbo *damage*, *damaged*, ocorre

¹¹ Nas línguas românicas, Hummel (2013) argumenta que coexistem dois mecanismos de formação de advérbios, um compatível com o de línguas flexíveis e outros com o de línguas especializadas.

apenas 5 vezes no mesmo *corpus*. Dessa forma, conclui-se que a frequência de ocorrência de *broke* é muito mais alta que a de *damaged*. A segunda diz respeito à frequência de dicionário de um determinado padrão, como um padrão de tonicidade, um afixo etc. A autora toma como exemplo a formação do pretérito na língua inglesa. Segundo ela, dentre as várias possibilidades de expressão do pretérito em inglês, as formações com sufixo *-ed*, como em *damaged*, apresentam uma frequência de tipo bem mais alta que o padrão achado em *broke*, uma vez que, enquanto aquelas ocorrem em milhares de verbos, este ocorre apenas com uma pequena quantidade de verbos, que são considerados pela gramática tradicional como irregulares.

Para Bybee (2003), a gramaticalização deve ser vista como um processo pelo qual uma sequência de palavras ou de morfemas, quando usada frequentemente, se automatiza, passando a funcionar como uma única unidade de processamento. Nessa nova definição de gramaticalização, ela recorre a estudos de Haiman (1994), que discute os paralelos entre o fenômeno cultural geral de ritualização e o processo de gramaticalização na língua, e de Boyland (1996), que examina os efeitos da repetição nas representações cognitivas de construções gramaticalizantes.

Ao aplicar os aspectos de ritualização mencionados por Haiman (1994)¹² ao estudo da gramaticalização, Bybee (2003, p.5-6) chega à conclusão de que a frequente repetição tem papel importante nas seguintes mudanças relativas à gramaticalização:

1. A frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica por habituação – processo pelo qual um organismo deixa de responder no mesmo nível a um estímulo repetido.
2. Mudanças fonológicas de redução e fusão de construções gramaticalizantes são condicionadas por sua alta frequência e seu uso nas porções da declaração contendo informação velha ou de fundo.

¹² Ao tratar da relação entre ritualização e gramaticalização, Haiman (1994) observa, como resultado da repetição, os seguintes aspectos de ritualização: a habituação, processo que reduz um objeto cultural ou uma prática de sua força radicalmente e também costuma reduzir seu significado original; a automatização, que ocorre quando uma sequência de unidades, que eram anteriormente separadas, passa, em decorrência da repetição, a funcionar como um só bloco e as unidades que constituem a sequência perdem seu significado individual – como veremos adiante, esse fenômeno é considerado por Lehmann (2002) como um processo de lexicalização; a redução da forma, processo em que os gestos individuais que compõem o ato se enfraquecem devido à repetição e uma série de gestos anteriormente separados se reorganizam em uma unidade automatizada; e a emancipação, que ocorre quando uma função mais instrumental da prática dá lugar a uma função mais simbólica inferida do contexto no qual ocorre.

3. Frequência aumentada condiciona uma maior autonomia para uma construção, o que significa que os componentes individuais da construção [tais como *go*, *to* ou *ing*] em *be going to* do exemplo (1)] enfraquecem ou perdem sua associação com outras ocorrências do mesmo item (como quando se reduz a *gonna*).

4. A perda da transparência semântica acompanhando a ruptura entre os componentes da construção gramaticalizante e seus congêneres lexicais permite os usos do sintagma em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando à mudança semântica.

5. Autonomia de um sintagma frequente o torna mais firmemente estabelecido na língua e frequentemente condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas em outras ocasiões.¹³

Há, na literatura da Linguística funcionalista e cognitivista, inúmeros trabalhos que tratam de gramaticalização. Contudo, poucos se interessam pela lexicalização. Muitos autores trataram esses processos como opostos (VOTRE, NARO, 1989), defendendo que elementos originalmente gramaticais poderiam se tornar lexicais, por meio do processo de lexicalização, e elementos lexicais poderiam se tornar gramaticais, por meio do processo de gramaticalização.

Contudo, desde o início dos anos 2000, alguns autores têm-se dedicado a esclarecer melhor não só o processo de gramaticalização, como também o de lexicalização. Sobre tais processos, nossa visão está de acordo com o que propõe Lehmann (2002). Conforme o autor, podemos analisar um elemento complexo de duas maneiras: por meio de uma abordagem analítica, ou seja, analisando as partes do objeto e, posteriormente, seu todo; ou por meio de uma abordagem holística, isto é, analisando o todo sem considerar as partes. De tal modo, ele assevera que gramaticalização envolve um acesso analítico a uma unidade, enquanto lexicalização envolve um acesso holístico de uma unidade, ou seja, uma renúncia de sua análise interna. Assim, a lexicalização ocorre quando um determinado signo é retirado do acesso analítico e começa a fazer parte do inventário lexical da língua.

¹³ Tradução nossa de: (1) Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation -- the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus.

(2) Phonological changes of reduction and fusion of grammaticizing constructions are conditioned by their high frequency and their use in the portions of the utterance containing old or backgrounded information.

(3) Increased frequency conditions a greater autonomy for a construction, which means that the individual components of the construction (such as *go*, *to* or *-ing* in the *be going to* example of [1]) weaken or lose their association with other instances of the same item (as the phrase reduces to *gonna*).

(4) Tradução nossa de: The loss of semantic transparency accompanying the rift between the components of the grammaticizing construction and their lexical congeners allows the use of the phrase in new contexts with new pragmatic associations, leading to semantic change.

(5) Autonomy of a frequent phrase makes it more entrenched in the language and often conditions the preservation of otherwise obsolete morphosyntactic characteristics (BYBEE, 2003, p.5-6).

Por outro lado, a gramaticalização ocorre quando um signo adquire funções na formação analítica de signos mais abrangentes. Ambos os processos não dizem respeito a sinais de forma isolada, mas a sinais nas suas relações paradigmáticas e sintagmáticas.

Isso se dá porque, para o autor, a diferença essencial entre gramática e léxico é a seguinte: a primeira concerne a signos que são formados regularmente e tratados analiticamente; o segundo concerne a signos que são formados irregularmente e tratados holisticamente. Destarte, acessar um elemento holisticamente significa tratá-lo como uma entrada do inventário da língua, ou seja, como um item lexical. Tomemos como exemplo o verbo português *botar* nas sentenças abaixo:

(10) Ao pegar o dinheiro e ***botar no bolso***, os policiais apareceram e deram voz de prisão. Ele foi autuado por crime de concussão, com pena que pode chegar a oito [...] ¹⁴

(11) Não ***bote boneco*** no trabalho, seja paciente, pois... ¹⁵

(12) O homem ***botou o maior boneco*** pra pagar! ¹⁶

A construção (10) é um exemplo apresentado pelo dicionário Houaiss do verbo *botar* funcionando como transitivo direto e indireto. Dessa forma, tendemos a tratar a construção (10) de forma analítica, ou seja, X bota Y em Z. As construções (11) e (12), por sua vez, são usos próprios do português cearense (Cf. RODRIGUES, 2012). Essa construção ainda não está fossilizada, pois percebemos que ainda pode haver a intercalação de elementos intensificadores entre os vocábulos *botar* e *boneco* — como ocorre em (12) — e que o verbo *botar* continua sujeito à flexão. Contudo, ao que parece, os falantes dessa variedade do português tendem a tratar a construção *botar boneco* de forma holística, o que, segundo Lehmann (2002, p. 3), significa tratá-la como uma entrada no inventário. O autor afirma, ainda, que, quando o acesso holístico da construção se torna mais proeminente, dá-se o primeiro passo para a lexicalização.

¹⁴ Exemplo extraído de Araújo (2010, p. 59).

¹⁵ Exemplo extraído de Rodrigues (2012, p. 6).

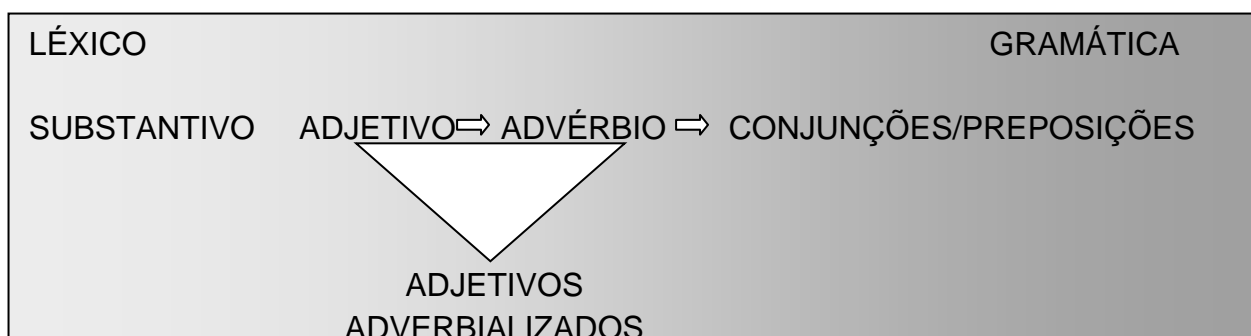
¹⁶ Exemplo extraído do Dicionário cearense de palavras de Nepomuceno, disponível em: < <http://ocearense.blogspot.com.br/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html> >.

Cumpramos ressaltar, ainda, que, para o autor, tanto o processo de gramaticalização como o de lexicalização são redutores, uma vez que restringem a liberdade do falante na seleção e na combinação dos constituintes de uma expressão complexa. Podemos concluir, assim, que a gramaticalização e a lexicalização agem, respectivamente, nos eixos saussurianos sintagmático e paradigmático.

Além disso, ambos os processos podem, até certo ponto, ser considerados uma transição de uma expressão da *parole* para a *langue*, o que está, segundo o autor, “em consonância com a concepção de *langue* como o sistema da língua cujo subsistema semântico consiste do léxico e da gramática” (LEHMANN, 2002, p. 17).¹⁷ Assim, ele defende que os dois processos são as duas faces de Jano, isto é, o presente e futuro para a criação do sistema da língua na *parole*, para a *Versprachlichung* (verbalização) do mundo.

Assim, a partir da literatura discutida, consideramos que adjetivos adverbiais são formas que estão a meio caminho entre adjetivos e advérbios, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 04 – Posição de adjetivos adverbiais na escala léxico-gramática



Fonte: a autora

À medida que itens adjetivos se gramaticalizam, passam a exercer funções de advérbios, que são, conforme Hengeveld (1992), uma categoria mais abstrata que a categoria dos adjetivos. De tal modo que adjetivos adverbiais flutuam

¹⁷ Tradução nossa de: In consonance with the conception of *langue* as the language system whose semantic subsystem consists of the lexicon and the grammar (LEHMANN, 2002, p. 17).

entre ambas as categorias, pois compartilham características com membros centrais das duas, associam-se, assim, aos adjetivos por apresentarem com esses similaridade formal; e a advérbios por uma similaridade relativa à função que exercem.

2.4 Síntese conclusiva

Os temas explanados neste capítulo são bases teóricas para a análise dos dados. A questão da prototipia e da complexa definição das classes de palavras é essencial para que possamos definir aquilo que entendemos como funções adjetiva e adverbial. As considerações de Heine *et al.* (1991) a respeito da motivação metafórica e metonímica do processo de gramaticalização nos auxiliarão na avaliação da trajetória percorrida pelos advérbios em *-mente* e pelos adjetivos adverbiais. As observações de Lehmann (2002), que respeitam não apenas ao fenômeno de gramaticalização, mas também ao de lexicalização, serão essenciais para avaliarmos a composicionalidade e a expansão funcional de tais formas. Ao que nos parece, é indiscutível que tanto advérbios em *-mente* como adjetivos adverbiais passam por um processo de gramaticalização, que inclusive supomos ter diversas similaridades. Todavia, no que tange ao processo de lexicalização, cremos ser mais evidente no trajeto dos advérbios em *-mente*, uma vez que eram, originalmente, perífrases latinas que foram introduzidas, através do processo de lexicalização, no inventário lexical da língua portuguesa e continuam aproximando-se cada vez mais de palavras idiomatizadas, ao perderem composicionalidade. O caso dos adjetivos adverbiais, por outro lado, envolve formas já introduzidas no léxico do português, mas que ganharam novas funções. Por outro lado, cumpre notar que, na língua espanhola, tais formas estabelecem, segundo Company (2017, p. 263), forte coesão com o verbo, tendendo à lexicalização da *construção verbo + adjetivo adverbial*. Ao que nos parece, o mesmo ocorre na língua portuguesa.

Em suma, como vimos nesta seção, o agrupamento de unidades em categorias, apesar de ser algo inerentemente humano, como aponta Lakoff (1987), não é tarefa simples e representa um sério desafio ao analista. Cotidianamente, deparamo-nos com elementos que flutuam entre as classes, como comprovam os estudos de Labov (1973) e Rosch (1973, 1978).

No que respeita às classes de palavras, tal flutuação pode levar à mudança linguística de determinados elementos, como parece ocorrer com os chamados adjetivos adverbiais, que se constituem de formas que atuam prototipicamente como adjetivos, mas, em determinados contextos, passam a atuar também como advérbios. No próximo capítulo, discutiremos melhor a flutuação entre adjetivo e advérbio. Nossa hipótese é de que, em contextos adverbiais, tais formas passem a exercer funções semântico-pragmáticas mais diversificadas, o que indicaria avanço no processo de gramaticalização.

3. ADJETIVOS, ADVÉRBIOS E ADJETIVOS ADVERBIAIS

Apresentada a problematização acerca das classes de palavras de forma geral e dos fenômenos de mudança linguística, neste capítulo, tratamos especificamente das classes que são o foco de nosso trabalho: adjetivos e advérbios.

3.1 Revisão sobre a classe dos adjetivos

Como dissemos, as reflexões sobre as classes de palavras se iniciam no *Crátilo*, obra na qual Platão trata da natureza da linguagem, confrontando duas teses fundamentalmente opostas: a) a de que a língua(gem) é fonte de conhecimento (tese naturalista) e b) a de que ela é um simples meio de comunicação (tese convencionalista) (WEEDWOOD, 2002; NEVES, 2005).

Neste diálogo, Platão dividiu a frase em duas categorias *rhêma* e *ónoma*. A primeira dizia respeito à predicação verbal, enquanto a segunda concernia à designação. Nesta divisão, os adjetivos, ao contrário do que podemos imaginar atualmente, foram considerados como pertencentes à classe dos *rhêma*, ou seja, dos verbos, pois, em sua divisão essencialmente funcional e semântica, Platão considerou que adjetivos, assim como os verbos, a) frequentemente funcionavam como predicados e b) eram portadores de uma referência temporal-presente. (CARVALHO, KANTHACK, 2012).

Posteriormente, os estoicos também se dedicaram ao tratamento dos adjetivos, mantendo-os, como Platão, na classe dos verbos. Todavia, propuseram uma distinção desses elementos opondo os que expressavam qualidades individuais e os que expressavam qualidades coletivas.

A partir das reflexões estoicas, mas com interesse pedagógico e literário, Dionísio da Trácia, em sua divisão das classes gramaticais, abriga os adjetivos na classe dos nomes, uma vez que entendia que a morfologia e a sintaxe de tais termos se assemelhavam às dos substantivos. Cumpre ressaltar a importância do trabalho de Dionísio, que foi autor da primeira gramática ocidental, que serviu de modelo para as subsequentes. Desse modo, sua divisão das classes de palavras em oito, a saber: nome (*ónoma*), verbo (*rhêma*), particípio (*metoché*), artigo (*árthron*),

pronome (*antonymía*), preposição (*próthesis*), advérbio (*epírrhema*) e a conjunção (*sýndesmos*), vigorou até os fins da Idade Média na descrição das línguas grega e latina. Esta última não apresentava apenas a classe *árthron*, por não existirem artigos, na língua latina (ROBINS, 1983; NEVES, 2005). Assim, no que tange aos adjetivos, os romanos os mantiveram, como os gregos, incluídos na classe dos nomes.

Na Gramática de Port-Royal, substantivos e adjetivos também dividiam a classe dos nomes. Para tais gramáticos, a classe dos nomes envolvia as palavras que significam os objetos dos nossos pensamentos, que podiam ser os substantivos, ou seja, as coisas em si, “como a terra, o sol, a água, a madeira, o que é comumente chamado substância” (ARNAULD e LANCELOT, 1992, p. 31) ou os adjetivos, ou seja, “a maneira das coisas, como ser redondo, vermelho, sábio etc., o que é denominado acidente” (ARNAULD e LANCELOT, 1992, p. 31). Assim, a principal distinção que tais gramáticos apontam entre os nomes substantivos e adjetivos é que, enquanto as substâncias subsistem por elas mesmas, os acidentes só existem devido às substâncias.¹⁸ Os gramáticos criticam ainda o fato de, segundo eles, até então ter-se tratado desta questão apenas superficialmente, dando-se, assim, mais atenção à significação (nomes substantivos) que à maneira de significar (nomes adjetivos).

Já que a substância é aquilo que subsiste por si mesmo, chamaram-se nome substantivo todos aqueles que subsistem por si mesmos no discurso, sem que tenham necessidade de um outro nome, ainda que signifiquem acidentes. E, ao contrário, foram chamados adjetivos mesmo aqueles que significam substâncias, quando por sua maneira de significar devem estar junto a outros nomes no discurso (ARNAULD e LANCELOT, 1992, p. 31).

Conforme ARNAULD e LANCELOT (1992), o que faz que um determinado nome não seja possível existir por si mesmo é ele ter, além de sua significação distinta, uma significação confusa (a conotação), a qual exige que se expresse ou se subentenda uma coisa à qual convém o que é designado pela significação distinta do adjetivo. Os autores exemplificam essa questão a partir do exemplo *rouge* (“vermelho”), que, segundo eles, tem como significação distinta

¹⁸ Cumpre notar que a definição de *propriedade* da Gramática Discursivo Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), e a de *predicado* da Gramática Funcional, de Dik (1997), também se pautam nesta ideia.

rouger (“vermelhidão”), mas o termo não subsiste por si mesmo, pois precisa expressar ou subentender o sujeito dessa qualidade.

Destarte, é essa conotação que, segundo os gramáticos, caracteriza os nomes adjetivos, de modo que, excluída tal conotação das palavras que significam os acidentes, criam-se substantivos e, ao contrário, quando se acrescenta aos nomes que significam as substâncias essa significação confusa de um referente, criam-se adjetivos. Assim, excluída a significação confusa de um referente de termos como *colorido*, *duro*, *prudente*, fazem-se substantivos, como *cor*, *dureza*, *prudência*, respectivamente; e, acrescentando-se tal significação ao nome substantivo *homem*, por exemplo, forma-se o adjetivo *humano*, cuja existência passa a depender de um referente, como gênero humano ou virtude humana (ARNAULD; LANCELOT, 1992, p. 31).

Carvalho e Kanthack (2012) ressaltam ainda como valiosa contribuição dos estudiosos de Port-Royal a ideia de que a sequência NOME – ADJETIVO resulta de transformações generalizadas ou de orações relativas. Tal ideia nascida na Gramática de Port-Royal foi posteriormente desenvolvida nos estudos chomskyanos.

Seus precursores, portanto, exemplificavam tal noção com o clássico exemplo: *Deus invisível criou o mundo visível*, no qual eles defendiam estarem implícitas três sequências: (1) *Deus é invisível*; (2) *o mundo é visível* e (3) *Deus criou o mundo*. Chomsky, que inicialmente concordava com a visão dos teóricos de Port-Royal, posteriormente defendeu que tal sentença não era fruto de uma transformação generalizada que envolvia as três sequências implícitas, mas resultava de transformações de orações relativas que compunham a sentença *Deus que é invisível criou o mundo que é visível*.

Em seus estudos sobre os adjetivos, Neves (2011, p. 173) os define como elementos “usados para atribuir uma propriedade singular a uma categoria [...] denominada por um substantivo”. Quanto à forma, ela afirma que podem ser simples ou perifrásticos (como *amigo* e *do interior*, respectivamente). A autora ainda classifica os elementos de tal classe no que tange às suas funções sintáticas (função de adnominal, de predicativo, de argumento, de substantivo e de aposto) e semânticas. Dedicar-nos-emos, em especial, a estas últimas, uma vez que os

adjetivos pelos quais voltamos nosso interesse atuam sintaticamente como advérbios.

Para Neves (2011, p. 184-185), adjetivos podem ser subclassificados em: qualificadores e classificadores. Quanto aos primeiros, ela afirma que “indicam, para o substantivo que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem”. Os classificadores, segundo ela, geralmente, correspondem a locuções adjetivas constituídas por sintagmas nominais do tipo *de+nome* e, portanto, têm, no texto, a mesma distribuição de tais locuções.

(13) Nossa vida simples era rica, alegre e sadia (ANA)¹⁹

(14) Interessaram-se todas as companhias de indústrias alimentícias, que entraram com fortes somas (BH)

A autora ressalta ainda que, enquanto os primeiros, ao qualificarem os substantivos, podem implicar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade, como *rica*, *alegre* e *sadia*, no exemplo (13); os classificadores enquadram o substantivo que lhe serve de escopo em uma subclasse, trazendo, assim, uma indicação objetiva e, portanto, apresentando caráter não vago, como *alimentícias* no exemplo (14).

3.2 Revisão da classe dos advérbios

No que concerne à revisão da literatura sobre os advérbios, em Gondim (2011), dedicamo-nos às abordagens já usadas nos estudos desta classe, desde Dionísio da Trácia. Nesta seção, retomaremos, sucintamente, algumas questões relativas a isso e, na próxima seção, trataremos das pesquisas que já se dedicaram à fluidez entre adjetivos e advérbios.

Como dissemos anteriormente, os advérbios constituíam uma das oito classes gramaticais dionisianas. Dionísio define tal classe como a parte do discurso que não pode ser flexionada e que é colocada antes ou depois do verbo (cf. NEVES, 2005, p. 168). É notável, assim, que o advérbio era considerado como modificador

¹⁹ Exemplos retirados de Neves (2011, p.185 e 186).

apenas do verbo, ou seja, a possibilidade de o advérbio modificar outras partes do discurso, como o adjetivo ou o próprio advérbio não era considerada; tampouco era considerada a possibilidade de o advérbio modificar uma oração inteira. O próprio nome *epírrhema* – *epí* (junto ou muito perto de) + *rhêma* (verbo), ou seja, junto ou próximo ao verbo – deixa isso claro.²⁰ Parece-nos, ainda, que, para tal definição, não foi levado em conta um critério semântico, mas apenas um critério mórfico, por ser uma classe não flexionável, e um critério sintático, por aparecer sempre no mesmo contexto: próximo ao verbo. Dionísio subdivide essa classe em advérbios simples e compostos e apresenta vinte e seis classes de advérbios, a exemplo da classe dos advérbios de tempo (*chrónou*); de posição intermediária (*mesótetos*); de qualidade (*poiótetos*); entre outros.

Quanto aos estudos gregos, merecem atenção também as contribuições de Apolônio Díscolo, que iniciou o tratamento específico da sintaxe. Apesar de o tratado de Apolônio sobre as partes do discurso não ter chegado até nosso tempo, restam-nos outras obras de interesse para nosso estudo, como o *Da Sintaxe das partes do discurso* e o *Dos advérbios* e a obra do gramático latino Prisciano, seu seguidor, do qual trataremos mais adiante. Apolônio divide as classes gramaticais da mesma forma que Dionísio, mas separa as partes do discurso que entende como essenciais das que considera acessórias, ou seja, partes fundamentais para a existência de uma proposição e partes que trazem ideias secundárias, o que, segundo Neves (2005), determinou uma ordem de importância entre os elementos do discurso. Nesta ordem de importância, o advérbio aparece em sétimo lugar, vem após a preposição, pois enquanto esta se liga ao nome, aquele se liga ao verbo. Ele define o advérbio “como uma palavra indeclinável que se predica de maneira geral ou particular aos modos dos verbos e que, sem eles, não pode completar o pensamento” (NEVES, 2005, p. 191). Assim, o advérbio é visto como uma espécie de adjetivo do verbo. Conforme o autor, uma palavra variável passa a ser invariável quando usada como advérbio, ou seja, para ele, quando ligada a um verbo.

No que tange aos gramáticos romanos, cumpre lembrar que Varrão soube se utilizar dos estudos antigos sem simplesmente copiá-los, classificando as

²⁰ Barbosa (1875, p.235), a propósito da etimologia do nome *adverbium*, ‘adjunto ao verbo’, explica que *verbo* aí não significa uma das partes do discurso, mas “qualquer palavra capaz de modificação; que isto significa o nome latino *verbum* em toda sua extensão”.

palavras latinas a partir de critérios como a manifestação de caso e tempo, como vimos no capítulo anterior, em quatro classes: palavras que nomeiam; que declaram, que participam e que auxiliam. Advérbio é incluso na classe das que auxiliam, acompanhando e sendo subordinadas aos verbos. Cumpre notar, ainda, que, ao tratar dessa classe, Varrão só faz alusão aos advérbios derivados, como por exemplo, *docte* (sabidamente), que advém do adjetivo *doctus*, -a, -um. Apesar de sua definição se adequar perfeitamente também aos advérbios não derivados, o autor trata destes apenas na parte do livro na qual discorre sobre as palavras invariáveis. Ao contrário do que fizeram os gramáticos gregos e apesar do fato de o latim apresentar inúmeras palavras invariáveis com distintas características, Varrão não propõe nenhuma subdivisão para o estudo desse tipo de palavra.

Na obra *Institutiones grammaticae*, Prisciano define o advérbio da seguinte maneira:

O advérbio é a parte indeclinável da oração, cujo significado é acrescido ao verbo. Portanto o advérbio acrescido ao verbo aperfeiçoa este, como os nomes adjetivos adjuntos aos nomes apelativos, por exemplo, *o homem prudente age prudentemente; o homem alegre vive alegremente*. Assim, os advérbios são certas coisas que naturalmente são associados a todos os tempos, como *digo sabidamente, dizia sabidamente, disse sabidamente, dissera sabidamente, direi sabidamente, faço corretamente, fazia corretamente, fiz corretamente, fizera corretamente, farei corretamente*. (tradução nossa).²¹

Desta feita, podemos perceber que a definição de Prisciano muito se assemelha à dos gregos, uma vez que ele também considera que o advérbio acrescenta significação apenas ao verbo, não percebendo ainda a sua relação como outros elementos da sentença ou mesmo com a sentença como um todo.

Tal relação passa a ser apontada na gramática de Dom Jeronymo, segundo o qual advérbios “ordinariamente se põem junto ao verbo, assim como Combate valorosamente”, mas “também se põem com os adjetivos, assim como

²¹ aduerbium est pars orationis indeclinabilis, cuius significatio uerbis adicitur. hoc enim perficit aduerbium uerbis additum, quod adiectiua [nomina appellatiuis nominibus adiuncta, ut prudens homo prudenter agit, |felix uir feliciter uiuit. |sunt igitur quaedam aduerbia, quae omnibus conuenienter sociantur temporibus, ut sapienter dico, sapienter dicebam, sapienter dixi, |sapienter dixeram, sapienter dicam; recte facio, recte faciebam, recte feci, recte feceram, recte faciam (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae*)

Muito bom, mas sempre leva verbo, ou se lhe entende” (JERONYMO, 1725, p. 170) [grifo nosso].

Em suma, advérbios foram, por muito tempo, vistos como elementos que eram acrescentados ao verbo para expressar diversas significações. Mais recentemente, passou-se a reconhecer o leque mais amplo de possibilidades de escopo dos advérbios. Sobre isso Macambira (1978 p.44) afirma que “o advérbio, embora excepcionalmente, pode modificar o próprio substantivo”. A exceção parece ter sido a gramática de Barbosa (1875) que admite já no século XIX que o advérbio tinha outros escopos além do verbo, como parte do discurso.

3.3 Adjetivos, advérbios e adjetivos adverbiais

Como vimos, adjetivos e advérbios são excelentes exemplos da dificuldade de distinguir os vocábulos em categorias. As dificuldades relativas à definição dos advérbios são inúmeras. Além das críticas já mencionadas em Pottier (1968) e Bomfim (1988), entre outros, no que concerne à grande diversidade de elementos que integram tal classe de palavras, Macambira (1978) também afirma que “o advérbio é indefinível semanticamente”. Conforme o autor, é preciso considerar essencialmente critérios mórficos e sintáticos para caracterizar determinado elemento como advérbio. Em relação a tais critérios, as gramáticas normativas geralmente apontam a invariabilidade e a capacidade de modificar verbos, adjetivos ou outros advérbios. Macambira (1978) chama a atenção para dois pontos: a) a falta de clareza das definições, que, ao afirmarem, por exemplo, que advérbio é aquilo que pode modificar outro advérbio, pressupõem um conhecimento prévio daquilo que se procura entender; e b) a necessidade de ampliar o escopo indicado, uma vez que, após a NGB, pronomes e numerais ganharam classe própria, independente da classe adjetiva. Segundo o autor, deveriam figurar entre os possíveis escopos dos advérbios verbos, adjetivos, pronomes, numerais, advérbios, excepcionalmente, alguns substantivos e a oração como um todo.

Quanto aos adjetivos, a dificuldade em classificá-los remonta aos estudos platonianos. Inicialmente, adjetivos foram tomados, por Platão, como similares a verbos, pois, como indicam qualidades dos seres os quais são claramente mutáveis,

não fariam parte da substância, da essência do ser. Foram assim tomados como acidentes.

Posteriormente, os estoicos propuseram que adjetivos e substantivos compartilhassem a mesma classificação, uma vez que ambos apresentam características morfológicas em comum, como a variação em gênero, em número e, no caso da língua grega, a capacidade de assumirem desinência de caso. Além disso, é com substantivos que os adjetivos estabelecem concordância. Apenas no século XVII, adjetivos se separam dos substantivos e ganham uma classe própria, proposta pelo gramático francês Nicolas Beauzée. Apesar de bem acolhida entre os gramáticos, tal divisão é questionada por diversos linguistas.

Camara Jr. (2007) trata de substantivos, adjetivos e advérbios como funções, uma subdivisão sintática das classes, estas definidas com base no critério morfossemântico. Para ele, os nomes, assim como os pronomes, apresentam três funções distintas na comunicação linguística: a de substantivo, a de adjetivo e a de advérbio. A primeira ocorre quando o nome funciona como termo determinado, ou seja, como o centro de uma expressão; as outras duas funções, quando o nome é determinante, ou seja, quando incide sobre um termo determinado. Se o termo determinado for um outro nome, o nome determinante funciona como adjetivo e, se for um verbo, o nome determinante atua como advérbio, como se verifica no quadro abaixo:

Quadro 01 – Classes e funções conforme Camara Jr.²²

Classes	Funções
Nome	Substantivo (termo determinado). Adjetivo (termo determinante de outro nome) Advérbio (termo determinante de um verbo)
Verbo	
Pronome	Substantivo (termo determinado). Adjetivo (termo determinante de um nome) Advérbio (termo determinante de um verbo)

Fonte: Camara Jr. (2007, p. 79)

²² Vale ressaltar que os estudos de Camara Jr. abarcam ainda a classe dos conectores, vocábulos “cuja função essencial é relacionar uns com os outros, ou entre si, os nomes, os verbos e os pronomes” (CAMARA JR., 2007, p.79)

Partindo desta visão, sintaticamente, tanto adjetivos como advérbios podem ser tidos como níveis básicos da categoria superordenada dos modificadores, uma vez que ambos atuam na oposição entre determinados e determinantes, modificando o núcleo de um sintagma. Tal semelhança parece favorecer a flutuação categorial entre os elementos das duas classes, prova disso são as diversas ocorrências de adjetivos atuando como advérbios com as quais nos deparamos recorrentemente, ou ainda o uso de advérbios flexionados como adjetivos, em construções como *meia cansada*, frequente no falar não padronizado. É sobre o que trataremos na próxima seção.

3.4. Flutuação categorial: adjetivo/advérbio

Conforme Hummel (2002b), adjetivos adverbiais tendem a ser mais frequentes na fala, em contextos menos formais, como ocorre nos exemplos (15), *slogan* da marca de cerveja *Skol*, e (16), na fala do personagem Deus polinésio do grupo humorístico Porta dos Fundos. Entretanto, mesmo na escrita de autores e até de gramáticos renomados, é possível flagrarem-se adjetivos fazendo as vezes de advérbios, como ocorre no exemplo (15):

(15) Skol - a cerveja que desce redondo

(16) ...você escolheu o Deus... deixa eu ver aqui... Judite... *catholic*, errou... errou feio... errou feio, errou rude...²³

(17) Salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração (CUNHA; CINTRA, 1985, p.530)

Em (15), o adjetivo *redondo* é usado adverbialmente para modificar o verbo *descer*, prova disso, por exemplo, é sua não concordância com termos nominais. O adjetivo é usado no masculino singular, por isso claramente não determina o sintagma nominal *a cerveja*, incide, na verdade, sobre o verbo *descer*. Em (16), os adjetivos *feio* e *rude* funcionam como advérbios qualificativos modificando o verbo *errar*. Por fim, em (17), *raro* também é usado no masculino singular, expressando a ideia de frequência, similar ao uso do advérbio *raramente*.

²³ PORTA DOS FUNDOS. Deus. **Youtube**, 21 mar. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg>>. Acesso em: 06 nov. 17.

Apesar de os exemplos citados darem margem à ideia de uma pesquisa variacionista, cumpre ressaltar que este estudo não se abriga no campo da Sociolinguística, como o de Pires e Kolling Dutra (2008),²⁴ pois não investigamos uma regra variável, o que, conforme Labov (1999), iria requerer a análise de variantes linguísticas que fossem capazes de expressar o mesmo valor referencial, mas apresentassem diferenças sociais e/ou estilísticas. Tal perspectiva teórica não seria compatível com o que ensejamos empreender, pois nem sempre é possível a correspondência entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*, como no exemplo (01), que retomamos em (18).

(18) a) Aauto fala ***alto***

b) Aauto fala ***altamente****

Diferente do que ocorre em (15) e em (16), exemplos cujos adjetivos *redondo* e *raro* poderiam ser substituídos, respectivamente, pelos advérbios *redondamente* e *raramente*, em (18), não é possível a substituição pelo advérbio cognato em *-mente*. Dessa forma, tendo em vista os estudos de Barbosa (2006), que, ao investigar a gramaticalização de adjetivos adverbiais na fala carioca, chegou à conclusão de que a maioria dos adjetivos analisados não apresenta correspondência semântica com advérbios em *-mente*, não investigamos tais formas como variantes linguísticas. Analisamos, comparativamente, o uso das formas adverbiais em *-mente* e de adjetivos adverbiais, a fim de investigar os contextos que favorecem a flutuação de uso entre tais formas.

Na literatura linguística, alguns autores já apresentaram valiosas contribuições sobre os adjetivos adverbiais, entre eles, Hummel (2002a, 2002b, 2013), que tem estudado detidamente o fenômeno. O autor se dedica ao estudo dos adjetivos adverbiais e dos advérbios em *-mente* em diversas línguas neolatinas, nas quais, segundo ele, dois mecanismos de formação de advérbios coexistem e competem, ambos por meio da conversão de adjetivos em advérbios. Em um dos

²⁴ Os autores estudam a flutuação categorial entre adjetivos e advérbios em *-mente* sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana, considerando apenas os casos em que há possibilidade de uso tanto da forma adjetiva quanto da forma em *-mente*. Consoantes com Hummel (2002), os autores concluem que a conversão de adjetivos em advérbios é mais frequente na fala coloquial e mais expressiva na conversa de falantes menos escolarizados.

mecanismos, tal conversão se daria diretamente, de modo que a forma adjetiva passa a ser usada como advérbio sem alteração; no outro, a conversão é tida como indireta, visto que ocorre por meio do acréscimo de *-mente* à forma feminina do adjetivo.

No que concerne ao fenômeno na língua portuguesa, Hummel (2002) afirma que adjetivos adverbiais ocorrem mais frequentemente na variedade brasileira que na europeia e que em ambas é mais característico de registros mais informais, enquanto os advérbios em *-mente*, segundo ele, se registram preferencialmente em estilo literário mais elaborado. Nas palavras do autor, no português brasileiro,

até se registram casos duvidosos [de adjetivos adverbiais] que levam os próprios falantes brasileiros a falar de abuso. Trata-se, a meu ver, de uma destas zonas de ambiguidade, de onde, por vezes, surgem mudanças linguísticas (HUMMEL, 2002a, p.67).

Basílio (2002) também defende que o processo de conversão de adjetivo em advérbio é produtivo na língua portuguesa. Conforme a autora, afora o processo de formação de advérbios por meio do acréscimo do sufixo *-mente*, geralmente mencionado nas gramáticas tradicionais como único processo de formação de advérbio na língua portuguesa, há também um segundo processo, ao qual ela chama de *conversão*, que se configura pela “mudança de classe adjetivo/advérbio sem alteração na forma fonológica” (BASÍLIO, 2002, p.82). A autora, em seu estudo, se dedica a dois objetivos principais: a) defender a existência do fenômeno de conversão, em oposição à possibilidade de analisar tais itens como adjetivos; e b) estabelecer as condições de produtividade de tais itens.

Para defender que esses itens devem ser tomados como advérbios, Basílio (2002) argumenta que eles não atendem a duas características essenciais dos adjetivos: a concordância em gênero e número e a função de qualificador de substantivo. A partir do cotejo dos exemplos a seguir, a autora discute tais critérios.

- (19) a) João dorme tranquilo.
b) Maria dorme tranquila.

- (20) a) João fala gostoso.
b) Maria fala gostoso.
c) Maria fala gostosa.*

- (21) a) Maria falou engasgado.
 b) Maria falou engasgada.
 c) João falou engasgado.

- (22) a) Maria andou torto.
 b) Maria andou torta.
 c) Maria andou firme.

Por atenderem a dois critérios mencionados acima, em (19), *tranquilo* e *tranquila* são classificados pela autora como adjetivos que exercem função de predicativo do sujeito. A autora afirma, entretanto, que, por não ter o mesmo comportamento flexional, a forma *gostoso*, no contexto do exemplo (20), exerce a função de qualificador verbal.

Com os exemplos (21) e (22), Basílio pondera que, por vezes, a ambiguidade deixa margem para se tomar um item como adjetivo ou como advérbio, por ser possível interpretá-lo como qualificador do substantivo ou do verbo. O fenômeno ocorre em (21c) porque a forma masculina singular pode funcionar como qualificador tanto do substantivo masculino *João* como do verbo *falar*, e em (22c) porque o adjetivo uniforme *firme* não sofre alteração de gênero, mesmo que seja determinante do substantivo feminino *Maria*.

Além da inflexibilidade, Basílio (2002) ainda elenca outras características que tais itens apresentam e que também a levam a identificá-los como advérbios, e não como adjetivos. Conforme a autora, um dos indícios de que a conversão de adjetivos é um processo produtivo de formação de advérbios é que, na maioria das ocorrências encontradas em sua pesquisa, não há item correspondente em *-mente*. Ela cita também a capacidade de tais itens de expressarem noções tipicamente expressas por advérbios, como a de modo e, por fim, a redução da liberdade que os adjetivos conversos sofrem, visto que, diferentemente dos adjetivos qualificadores nominais, que podem ocorrer antes ou depois do seu escopo, os que exercem função adverbial assumem posição fixa, posterior ao verbo. Sobre essa última característica, vale ressaltar que advérbios em *-mente* apresentam, em geral, grande liberdade no enunciado.²⁵

²⁵ Sobre a posição dos advérbios em *-mente*, convém conferir Ilari (1991) e Pinto (2008).

No que tange às condições de produtividade desse tipo de adjetivo converso, Basílio (2002) assevera que tal fenômeno é típico da linguagem coloquial e que adjetivos qualificativos são mais suscetíveis ao fenômeno de conversão de adjetivos em advérbios que os descritivos. Sendo assim, é mais comum encontrar, em contexto adverbial, adjetivos primitivos em *-ado* e *-oso* que adjetivos em *-ico*, *-al*, *-ório*, e *-ivo*, pois, ao contrário daqueles, esses geralmente assumem função descritiva e ocorrem em contextos mais formais.

Diferentemente de Basílio (2002), Lobato (2008) rejeita a possibilidade de conversão de um adjetivo em advérbio, visto que esta defende que as classes adjetiva e adverbial são distintas e devem ser definidas por características semânticas e sintáticas distintas. Sob ponto de vista gerativista, Lobato (2008) defende que a suposição de que formas adjetivas possam funcionar como advérbios é equivocada, uma vez que, para ela, mesmo os adjetivos que apenas aparentemente predicam verbos são adjetivos que não fogem a sua classe de palavras original.

Para Lobato (2008), tais itens funcionam como adjetivos de fato, pois não modificam verbos, como defendem Basílio (2002), Hummel (2002, 2013), mas predicam uma forma nominal não manifesta. Assim, em exemplos como *falar alto*, *alto* concerne não ao sujeito do verbo *falar*, seja masculino seja feminino, mas ao ato de falar. Sobre tal perspectiva, Zambi (2010, p. 37) pondera que esta não serviria para analisar ocorrências nas quais não se recuperam as propriedades semânticas que seriam motivadas pelo verbo, como é o caso de enunciados com “João foi *direto* para a cozinha”.

Zambi (2010) empreendeu pesquisa cujo objetivo foi identificar em que medida características morfológicas e sintáticas de adjetivos adverbiais influenciam sua ocorrência em contextos sintáticos em que se verificam advérbios em *-mente* correspondentes. Assim como Basílio (2002), a autora também entende que adjetivos adverbiais são transpostos, por meio do processo de conversão, da classe adjetiva para a adverbial, sem sofrerem nenhuma alteração fonológica. Portanto, ambas pesquisadoras consideram distintas as classes de adjetivos e advérbios.

Zambi (2010) analisou qualitativamente 90 ocorrências desse tipo de adverbial extraídas de três *corpora* distintos: o *corpus* do Núcleo Institucional de Linguística Computacional (NILC), textos obtidos na plataforma *Google* e textos de

dois inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), do Rio de Janeiro. Com base em seu conhecimento de falante nativa, a autora buscou nesses textos adjetivos que sabia serem capazes de funcionar como advérbios. A autora chega à conclusão de que, diferentemente do que defendia Lobato (2008), adjetivos adverbiais atuam não apenas como modificadores de verbos, mas também como modalizadores asseverativos, como se vê no exemplo (23).²⁶

(23) – Professora, preciso das notas para lançar nos boletins.

– **Perfeito**, amanhã as entrego.

– **Perfeitamente**, amanhã as entrego.

Neves (2011), ao tratar dos advérbios que atuam como modalizadores asseverativos, também reconhece a possibilidade, nesse tipo de contexto, de ocorrência de adjetivos que são, segundo ela, gramaticalizados em advérbios. A autora menciona ainda os seguintes exemplos.²⁷

(24) **Exato**, é o que se tem receio que aconteça pelo número de escolas de engenharia que se fundam todos os anos (PT)

(25) **Claro**, ora, pois ele é bruxo! (BR)

(26) **Certo**, Ângela lhe podia ter feito bem, pelo menos, durante algum tempo (A)

(27) **Lógico**, se há mais jogadores jogando beisebol, é muito mais fácil encontrar gente que não está conseguindo acertar a bola (REA)

Quanto à possibilidade de os adjetivos adverbiais predicarem formas adjetivas e adverbiais, como fazem frequentemente formas em *–mente*, a autora concorda que há uma tendência de que tais itens, essencialmente, não prediquem adjetivos e advérbios. Portanto, são avaliadas pela autora ocorrências em que os adjetivos adverbiais figuram como qualificadores e ocorrências em que funcionam como modalizadores.

²⁶ Extraído de Zambí (2010, p 46).

²⁷ Exemplos extraídos de Neves (2011, p. 250)

Na avaliação dos dois grupos, a autora percebeu que adjetivos adverbiais, independentemente de apresentarem características morfológicas simples ou complexas (adjetivos em *-nte*, *-(t)ivo*, *-al*), tendem a corresponder a advérbios em *-mente* ou a locuções adverbiais que expressam a noção de modo.

No concernente ao grupo dos adjetivos adverbiais com função modalizadora, Zambi (2010) esclarece que, por serem pouco numerosos na língua portuguesa, foram avaliados apenas oito itens adverbiais: *certo*, *claro*, *correto*, *perfeito*, *lógico*, *exato*, *óbvio* e *positivo*. Apenas a forma modalizadora em *-(t)ivo* (*positivo*) fugiu à tendência de admitir a substituição por advérbio em *-mente*. Em suma, quanto à sua correspondência com uma forma em *-mente*, os dois grupos de adjetivos adverbiais estudados pela pesquisadora apresentaram três possibilidades:

- i) ora AAs [adjetivos adverbiais] não apresentam forma X-mente correspondente; ii) ora apresentam um advérbio em *-mente* que, no entanto, tem um significado diferente do AA; e iii) ora apresentam construções em *-mente* correspondentes ou, alternativamente, a locução adverbial “de modo”, sem alteração de sentido (ZAMBI, 2010, p. 55).

Foltran (2009), ao tratar do que chama predicados secundários, ou seja, predicativos do sujeito ou do objeto não argumentais, mostra a flutuação categorial entre adjetivos e advérbios, partindo da noção comum de que os primeiros funcionam como predicados de nomes, e os segundos, de verbos. A autora mostra exemplos em que esta distribuição não se aplica, ou seja, casos, como (28), em que o advérbio denota propriedades atribuídas ao sujeito, e como (29), em que o adjetivo toma como argumento o verbo.

- (28) Ele ***inteligentemente*** respondeu à pergunta do delegado.
a. Foi inteligente da parte do João responder à pergunta do advogado.

- (29) O professor falou ***claro***.
a. A fala do professor foi clara
b. O professor estava claro ao falar

Para mostrar o comportamento diferenciado dos predicados secundários, advérbios de modo e adjetivos adverbiais, Foltran (2009) propõe paráfrases reproduzidas em (28a) e (29a) e (29b), considerados exemplos com advérbios e em (30), considerado exemplo de predicado secundário.

(30) Ele respondeu à pergunta **bêbado**.

- a. Ele estava bêbado quando respondeu à pergunta
- b. ???A bêbada resposta à pergunta
- c. *A resposta à pergunta foi bêbada.

Os adjetivos adverbiais admitem as duas paráfrases, ou seja, podem ser orientados para o agente ou para o evento e, nesse caso, se assemelham a construções do alemão em que não há diferença formal entre adjetivo e advérbio. A autora cita Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), segundo os quais os falantes do alemão não interpretam frases, como *Claire hat wütend das Zimmer verlassen* (*Claire deixou a sala furiosa/furiosamente*) como semanticamente ambíguas, mas como frases que apresentam vagueza em relação aos diferentes significados. Construções como a ilustrada em (31) apresentariam também vagueza de significado:

(31) Maria canta **alegre/alegremente**

- a. Maria está alegre quando canta.
- b. O alegre cantar de Maria.
- c. O cantar de Maria é alegre.

Em Foltran (2011), a autora apresenta duas propriedades que diferenciariam adjetivos adverbiais de advérbios em *-mente*: os primeiros são usados predominantemente com verbos intransitivos, quando aparece um objeto direto, este não pode ocupar posição adjacente ao verbo (32) e não admitem passiva (33):

(32) ?Ela leu esta carta **bonito**/Ela leu **bonito** esta carta.

(33) Meu time perdeu **feio** a partida.

*A partida foi perdida **feio** pelo meu time.

Ao final, a autora afirma, com base em dados de outras pesquisas, que os advérbios de modo em *-mente* são raros, o que a leva a supor que a noção de modo está sendo realizada de outras formas, entre as quais, pelo uso de adjetivos adverbiais. Acrescenta ainda que a construção com adjetivo adverbial, como em (33), “é sempre a de um evento que incorpora o adjetivo, ou seja, não é um evento de perder, mas um evento de perder feio” (FOLTRAN, 2010, p.173).

Barbosa (2006) chegou a conclusões distintas das de Zambi (2010), uma vez que a maioria das ocorrências que analisou em seu trabalho não apresentava correspondência semântica com advérbios em *-mente*, como é possível ver nos exemplos a seguir.

- (34) a) as portas não se fecham *direito*...
 b) as portas não se fecham *direitamente*...*
- (35) a) o que eu:: falarei *naturalmente* é sobre minhas preferências...
 b) o que eu:: falarei *natural* é sobre minhas preferências...*
- (36) a) os professores daqui são ótimos... eles fazem tudo pra ajudar as pessoas... gosto deles *legal*.²⁸
 b) os professores daqui são ótimos... eles fazem tudo pra ajudar as pessoas... gosto deles *legalmente*.

Assim como a substituição, em (34), do adjetivo adverbial *direito* pela forma em *-mente*, a de *naturalmente* pela forma adjetiva *natural*, em (35), torna a sentença agramatical. Em (36), apesar de a substituição não ocasionar agramaticalidade do enunciado, causa significativa alteração em seu sentido, uma vez que *legalmente* expressa ideia de legalidade, ou seja, de algo em conformidade com a lei, noção que não se preserva com o uso da forma *legal* no mesmo contexto.

Assim como Basílio (2002) e Zambi (2010), Barbosa (2006) também defende que adjetivos usados invariavelmente modificando verbos passam por um processo produtivo de formação de advérbios a partir de adjetivos. Entretanto, ao contrário daquelas, esta se empenha no estudo do processo de gramaticalização, o qual ela acredita possibilitar a ocorrência de tais formas. A respeito desse processo, ela propõe que os adjetivos adverbiais passam por um movimento de *overlap model*, segundo os termos de Heine (2003), que ocorre em três estágios: 1) uma determinada expressão linguística passa a sofrer o processo de gramaticalização; 2) adquire um padrão de uso diferente do que apresentava originalmente, o que ocasiona ambiguidade entre o padrão de uso original e o mais recente; e 3) perde seu padrão de uso original.

Assim, Barbosa (2006) defende que adjetivos adverbiais em contextos predicativos passam a incidir sobre verbos, adquirindo um segundo padrão de uso

²⁸ Os exemplos (34), (35) e (36) foram extraídos de Barbosa (2006, p. 60).

ao funcionar como advérbio. O segundo estágio do movimento de *overlap model* explica a ambiguidade que ocorre em contexto como os mencionados por Basílio (2002) e expresso aqui nos exemplos (21c) e (22c) cujas formas podem ser analisadas tanto como advérbios quanto como predicativos.

Barbosa (2006) argumenta também que, em casos como *nadar borboleta* ou *nadar cachorrinho*, os substantivos *borboleta* e *cachorrinho* também funcionam como advérbios, indicando um percurso de gramaticalização mais longo, no qual substantivos passam a funcionar como adjetivos e posteriormente como advérbios. Ao que nos parece, os substantivos, em casos como esses, não ganham ares de advérbios. Contextos como os citados pela autora podem, ao nosso ver, ser entendidos como usos diferentes para conceitualizações de eventos diferentes, semelhante ao que ocorre com o verbo *dançar*, por exemplo, que ora pode funcionar como intransitivo, quando se refere à ação de movimentar o corpo acompanhando um ritmo musical (HOUAISS, 2009; AULETE, 2014), como em “Os convidados dançaram durante a festa de formatura” (AULETE, 2014); ora funciona como transitivo direto, quando expressa o ato de executar os passos ou movimentos próprios de um tipo de dança específico (HOUAISS, 2009; AULETE, 2014; LUFT, 2010). O mesmo ocorre com o verbo *tocar*, que, no Houaiss, é apresentado como intransitivo no contexto de *ele toca muito bem*, e como transitivo direto em *ele sabe tocar violão*.

Desse modo, entendemos que o verbo *nadar*, costumeiramente classificado como intransitivo ou como transitivo indireto – quando expressa noção de *nadar até ou de algum lugar* (LUFT, 2010, p. 374) – ou ainda como transitivo direto se disser respeito à determinada distância que se possa ter percorrido a nado: “*nadou metade da lagoa*” (AULETE, 2014, s.v. *nadar*), também pode atuar como transitivo direto em contextos nos quais expresse a ação de executar determinado nado específico – *crawl, peito, costas, borboleta, cachorrinho*. Dessa forma, em *nadar borboleta*, defendemos que *borboleta* não funciona como advérbio, mas como substantivo em função de complemento verbal, assim como *tango* e *flauta* em *dançar tango* e *tocar flauta*, respectivamente.

Cumprido notar que, diferente de *nadar borboleta*, *tocar flauta* e *dançar tango*, são expressões como *dançar desengonçado*, *tocar bonito* ou *dançar agarradinho*, nas quais as formas adjetivas *desengonçado*, *bonito* e *agarradinho*

estão semanticamente excluídas da possibilidade de funcionar como complementos de tais verbos, uma vez que não expressam tipos respectivos de nado ou dança nem instrumentos musicais. Fica evidente, portanto, que tais formas adjetivas exprimem, nesses contextos, o modo como se nada, dança e toca, noção reconhecidamente expressa por advérbios.

Por outro lado, concordamos com Barbosa (2006) no que tange ao reconhecimento de que tais adjetivos passam por processo de gramaticalização, uma vez que caminham de uma classe mais lexical de adjetivos para uma mais gramatical de advérbios. Ao que nos parece, tais formas não são prototipicamente adjetivos nem advérbios, estão a meio caminho das duas classes. Vestem-se como adjetivos, mas se comportam como advérbios. Portanto, o que propomos é o estudo diacrônico de adjetivos adverbiais em cotejo com advérbios em *-mente*, a fim de perceber, na comparação do comportamento de ambos, até que ponto adjetivos adverbiais concorrem com advérbios em *-mente*, se o processo de gramaticalização pelo qual passam se assemelha ao sofrido por advérbios em *-mente* em épocas mais remotas da língua portuguesa e como tais formas adjetivas se estabelecem em uma escala de prototipia de adjetivos a advérbios nos três séculos aos quais nos dedicaremos. Para tanto, apresentaremos, na próxima seção, a metodologia que seguimos na coleta e análise dos dados.

3.5 Síntese conclusiva

Este capítulo teve como objetivo a revisão da literatura acerca das classes dos adjetivos e advérbios e do fenômeno de adverbialização de adjetivos, ou seja, itens que ficam a meio caminho entre as duas classes. As pesquisas que diversos linguistas já empreenderam sobre a flutuação categorial de adjetivos e advérbios (BASÍLIO, 2002; HUMMEL, 2002a, 2002b, 2013; BARBOSA, 2006; ZAMBI, 2010; FOLTRAN, 2007; 2010) serviram de ponto de partida para nosso trabalho, que se calcará nessas valiosas contribuições.

As diversas obras de Hummel (2002a, 2002b, 2013) foram o ponto de partida desta pesquisa e a base para a definição de nosso *corpus*, uma vez que a investigação de cunho sociolinguístico empreendida pelo autor revelou ser maior a possibilidade de ocorrência de adjetivos adverbiais em gêneros orais. Além disso,

também nos vinculamos ao autor na defesa de que adjetivos e advérbios compõem uma categoria mais ampla de atributivos.²⁹

Assim como Barbosa (2006), também entendemos que adjetivos adverbiais passam por processo de gramaticalização, que ocasiona a flutuação desses itens entre as categorias de adjetivo e advérbio, uma vez que tais itens passaram a atuar em contextos distintos dos que apresentavam originalmente (como modificadores de nomes), adquirindo novo padrão, assimilado ao de modificadores adverbiais.

As pesquisas de Basílio (2002) e Zambí (2010) e Foltran (2009, 2011), embora de cunho formalista, nos proporcionaram diversas reflexões sobre as características morfológicas e sintáticas dos adjetivos adverbiais. Além disso, as paráfrases propostas por Foltran (2009) foram essenciais para a seleção das ocorrências de adjetivos adverbiais que coletamos, como discutiremos mais detalhadamente no capítulo a seguir.

²⁹ No que se refere à noção de atribuição, Hummel (2012, p. 07) esclarece que toma como atribuição a modificação de um constituinte pelo significado conceitual da palavra atributiva, como ocorre com o uso dos itens *verde*, *tranquilamente* e *logicamente* em contextos como: “árvore verde”, “falar tranquilamente” e “logicamente, eles não vão gostar”.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, procederemos à especificação dos procedimentos metodológicos que empregamos em nosso estudo. Inicialmente, definiremos a natureza de nossa pesquisa e, em seguida, dedicar-nos-emos à especificação das técnicas que adotamos.

4.1 Natureza da pesquisa

Quanto à natureza da pesquisa, há mais de uma classificação a depender do critério adotado. Para descrever a natureza da pesquisa que empreendemos, tomamos como base três critérios, expostos a seguir.

4.1.1 Do método de abordagem

Nesta pesquisa, nosso método de abordagem se aproxima do que Givón (1995) propõe como um jogo de indução e dedução, teoricamente sem fim, o que alguns modernamente chamam de *método indutivo-dedutivo*. Usamos a indução, uma vez que acolhemos os dados empíricos, ao lado da quantificação. Ao analisar a relação entre as variáveis e verificar as implicações das hipóteses diante dos resultados, usamos a dedução.

Com base nos resultados de pesquisas anteriores (GONDIM, 2014; HUMMEL, 2002b; BARBOSA, 2005), partimos, via abdução, de hipóteses já referidas sobre a fluidez categorial de adjetivos e advérbios na língua portuguesa. Após o refinamento das hipóteses num primeiro contato com os dados, testamos as hipóteses por meio de análise qualitativa e quantitativa.

Em seguida, com o auxílio da dedução, voltamos às hipóteses e analisamos sua relação com os resultados empíricos. Analisamos os resultados, a fim de vermos as associações condicionais lógicas nas duas direções: da forma para a função e da função para forma, e observarmos as implicações dos resultados, se

são ou não *provisoriamente* explicadas pelas hipóteses ou se há necessidade de novas hipóteses que deem conta dos resultados empíricos.

Não nos limitamos ao método indutivo, uma vez que não nos detemos nos resultados empíricos para daí fazer generalizações. Submetemos os resultados empíricos ao crivo da dedução lógica para avaliarmos possíveis contradições das hipóteses e a necessidade ou não de refutá-las e reelaborá-las.³⁰

4.1.2 Dos objetivos

De acordo com a classificação de Gil (2002), as pesquisas podem ser, quanto aos objetivos, de três tipos: a) exploratórias, aquelas que visam aprimorar ideias ou descobrir intuições, tornando mais próxima a relação entre pesquisador e objeto; b) descritivas, aquelas que buscam descrever propriedades e subpropriedades de uma população ou um fenômeno, pretendendo estabelecer relação entre variáveis; c) explicativas, aquelas que se preocupam em identificar os fatores motivadores ou as causas para a ocorrência de fatos das mais diversas áreas do conhecimento.

Destarte, esta pesquisa classifica-se como descritivo-explicativa, uma vez que, não só descrevemos o processo de flutuação categorial entre adjetivos e advérbios, mas também buscamos as motivações sintático-semântico-discursivas para os usos de tais formas em função adverbial.

4.1.3 Dos métodos de procedimento

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados para a coleta de dados, Gil (2002) classifica as pesquisas em dois grupos. No primeiro, o autor agrupa as chamadas *fontes de papel*, base da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. No segundo, agrupam-se os dados fornecidos por pessoas, base da pesquisa experimental, levantamento, estudo de campo e estudo de caso.

³⁰ Cumpre deixar claro que, conforme o método givoniano, a reflexão sobre as hipóteses iniciais levaria à elaboração de novas hipóteses a serem testadas e reelaboradas, por isso o jogo de indução e dedução seria, como dissemos, teoricamente sem fim. Isso não significa uma refacção das nossas hipóteses iniciais para aparentemente sempre acertarmos nossas suposições. As hipóteses iniciais serão mantidas e darão ou não origem a novas suposições.

Esta pesquisa parte de uma etapa exclusivamente bibliográfica, na medida em que é realizado um levantamento da literatura sobre o tema em livros, gramáticas e trabalhos acadêmicos em geral. Além disso, coletamos os dados de textos escritos documentais do século XIX ao XXI, o que aproxima ainda esta pesquisa da documental quanto à natureza das fontes.

4.2 Do *corpus*

Considerando os estudos de Hummel (2002b), segundo os quais os advérbios em *-mente* são característicos da escrita, enquanto os adjetivos adverbiais tendem a ser mais recorrentes na modalidade oral, sobretudo em registros informais, selecionamos para nosso *corpus* peças teatrais brasileiras datadas dos séculos XIX, XX e XXI. A escolha do gênero peça teatral se justifica por ser o gênero que mais se aproxima da modalidade oral, já que não há possibilidade de registro documentado em tal modalidade no século XIX.

Para a montagem de nosso *corpus*, selecionamos duas peças disponíveis no Corpus PHPB (projeto *Para História do Português Brasileiro*), seis na Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDTeatro) e uma na Oficina de Teatro. O PHPB é um projeto nacional que tem como intuito tornar disponíveis à comunidade acadêmica *corpora* diacrônicos constituídos de textos de diversos gêneros escritos no Brasil, como cartas, notícias, peças teatrais e testamentos. Os textos da BDTeatro fazem parte do Banco de Textos Sandro Polloni, que atualmente estão sob a guarda da Biblioteca Central da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O projeto, resultante da parceria Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais com a Faculdade de Computação e a Biblioteca Central da UFU e do apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, tem como objetivo preservar e facilitar o acesso (a)os textos do Banco de Textos Teatrais Sandro Polloni, uma coleção de aproximadamente 800 textos de peças teatrais, doada em 1993, pelos artistas Sandro Polloni e Maria D'ella Costa, cuja grande maioria das obras era de difícil acesso para leitura devido a problemas de preservação, como rasuras, desgaste na impressão, folhas soltas. Por fim, a Oficina de Teatro é um site que visa facilitar o compartilhamento de material entre artistas de teatro, permitindo aos usuários baixar ou enviar textos teatrais.

Por meio dessas plataformas, selecionamos, para nossa análise quantitativa, peças que registrassem os falares dos três séculos aos quais nos

dedicamos. Dessa forma, não consideramos textos que, apesar de terem sido escritos nos séculos que nos interessavam, apresentavam o tempo da narrativa diferente, o que, obviamente, poderia enviesar nossos resultados.

Portanto, os textos que selecionamos foram: quanto ao século XIX, *O noviço* (composto de 14323 palavras), de Martins Pena, *O demônio familiar* (composto de 18000 palavras), de José de Alencar e *Sangue limpo* (composto de 17450 palavras), de Paulo Eiró; ao século XX, *Flor de Maio* (composto de 8763 palavras), de Jésus Miranda, *Perdoa-me por te traíres* (composto de 13673 palavras), de Nelson Rodrigues e *Direita volver* (composto de 19132 palavras), de Lauro César Muniz; por fim, quanto ao século XXI: *O mendigo e o magnata* (composto de 14076 palavras), de Rutinaldo Miranda, *Meu querido falecido*, ou *Como livrar-se de um corpo* (composto de 16980 palavras), e *O Brasil de cuecas* (composto de 14612 palavras), ambas de Aziz Bajor. A partir dessas obras, tomamos como *corpus* um recorte de 40.000 palavras de cada século, de forma que obtivemos um total de ocorrências encontradas em 120.000 palavras.

A fim de atestar, em *corpus* mais extenso, os resultados que obtivemos, buscamos também ocorrências no Corpus do Português, que nos serviram apenas para análise qualitativa. Assim, sempre que tivemos indícios de que determinados itens adverbiais não faziam parte do léxico do português ou não exerciam determinadas funções, buscamos tais itens neste banco de dados.

O Corpus do Português faz parte da coleção *corpora da BYU* e, atualmente, é composto por três *corpora*: *Gênero/Histórico*, *Web/Dialetos*, *Now*. A aba *Gênero/Histórico* foi criada em 2006, é um *corpus* composto por 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos representantes do português dos séculos XIII ao XX. Vale notar que esse *corpus* apresenta uma distinção de volume textual entre os séculos, quase metade das palavras que compõe o banco datam do século XX (20 milhões) e são uma mistura de diversos gêneros textuais. A aba *Web* é um *corpus* do português mais recente, composto por aproximadamente um bilhão de palavras em português retiradas de páginas de Web de quatro países: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Por fim, a aba *Now* é um *corpus* composto por aproximadamente 1,4 bilhões de palavras coletadas de jornais e revistas *online* de 2012 até a atualidade. A característica mais importante desse *corpus* é que ele é

constantemente atualizado, crescendo cerca de 20 a 25 milhões de palavras por mês.

4.3 Dos procedimentos metodológicos

No que tange aos procedimentos metodológicos que adotamos, convém descrever o tratamento que demos aos dados coletados e os instrumentos que utilizamos para isso.

4.3.1 Dos instrumentos

Para o tratamento estatístico dos dados, usamos o software SPSS (*Statistical Program for Social Science*), que já utilizamos em Gondim (2011; 2014). Trata-se de um programa de computador que faz análise estatística de dados de uma tabela, com variáveis e categorias definidas pelo usuário, oferecendo desde a frequência simples numérica e/ou percentual, o cruzamento de dados até testes inferenciais como *chi-square* (X^2 , qui-quadrado).

4.3.2 Do tratamento dos dados e dos procedimentos

Inicialmente, coletamos todas as ocorrências de advérbios em *-mente* e de adjetivos adverbiais com os respectivos contextos. Nessa coleta inicial, encontramos, nas peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI, 447 ocorrências de adverbiais de base nominal, sendo 324 constituídas por formas em *-mente* e 109, por formas adjetivas e 14 ocorrências em que a forma masculina foi considerada ambígua, uma vez que poderia ser tomada tanto como adjetivo, em função predicativa, quanto como advérbio.

Destacamos que todas as formas ambíguas ocorreram na escrita, que, no *corpus*, se resume a pequenos comentários de orientação aos atores, muitas vezes de forma sintética. Muito comum nesta parte da peça chamada *didascália* são ocorrências com *alto* e *baixo*, usados, com ou sem o verbo *dicendi*, para orientar o ator sobre a emissão vocal adequada para a cena. São exemplos como os ilustrados em (37)-(38).

(37) CARLOTINHA: (**baixo**, a Henriqueta) Que fátuo! (**alto**) Vem, Henriqueta; vamos chamar mamãe para falar ao Sr. Azevedo. (DF – séc. XIX)

(38) RÔ - Alô? () Quem? (SUSTO) não pode dizer o nome por enquanto? por quê? o que quer? (ESCUA. FICA TRÊMULA, SENTA, APAVORADA, GAGUEJA) o.. o ... olha, deve estar havendo alguma confusão eu... (ESCUA) mas eu posso explicar tudo e... (ESCUA) não, não foi nada disso. (ESCUA) o senhor não tem o direito de... () mas...()... (**fala baixo** OLHANDO PARA O CORREDOR COM MEDO DE MÉRCIA OU JUJÚ APARECEREM) o quê? amanhã às 9 horas? (ESCUA. PENSA. NERVOSA) Está bem, estarei esperando. (DESLIGA APAVORADA, ESTADO DE CHOQUE. SE BENZE) Meu Deus! Almas caridosas do purgatório protejam-me nesta hora de aflição! (MQF – séc. XXI)

Como nossa análise exige contexto sintático-semântico, excluímos todas as ocorrências de formas isoladas, o que aconteceu não apenas com adjetivos, mas também com advérbios em *-mente*. São ocorrências como ilustradas em (39)-(44).

(39) PEDRO: (a Jorge) Já vem mancada! (**alto**) Sr. quer alguma coisa? (DF – séc. XIX)

(40) CARLOTINHA: (**baixo**) Por que nos deixou, mano? Henriqueta está tão triste! (DF – séc. XIX)

(41) GOMES - (**violento**) Já lhe disse que não suporto atrasos. (BAIXO, VIOLENTO) Cadê minha grana. Anda, dá logo. (MQF – séc. XXI)

(42) BANDIDO 2: (**furioso**, com o canivete no pescoço de Thomas) Deus que me perdoe, mas odeio esses safados que nadam na grana e a gente não tem nada. Se eu pegar, eu sangro. (MM – séc. XXI)

(43) LUIZA, (**dolorosamente**). (SL - séc. XIX)

(44) MÉDICO (Arquejante) Aqui todo o mundo fala em morte. (para Nair, **histericamente**) Você não pode morrer no meu consultório frio! (para a Enfermeira)... (PMT - séc. XX)

O gênero peça teatral nos leva a concluir que, em (39) e (40), o adjetivo se refere ao ato de falar. Já em (41) e (42) os adjetivos *violento* e *furioso* parecem mais orientados para o sujeito que para o processo verbal. Em (43) e (44), a forma em *-mente* parece se referir ao processo verbal. Todavia, por não estar em uma predicação ou conter elementos sintáticos explícitos, não nos permitem chegar a nenhuma conclusão sobre o verdadeiro escopo do adjetivo ou do advérbio e por isso não foram considerados na análise de frequência.

É interessante observar que algumas das ocorrências de adjetivos aparecem coordenadas a outros elementos como nas ocorrências a seguir.

- (45) **commovido**, tentando desembaraçar-se. (SL - séc. XIX)
- (46) PEDRO: (**baixo**, puxando-lhe a manga) Não assuste a moça! Senão está tudo perdido. (DF - séc. XIX)
- (47) ADRIANO - Vendi (**alto e perto do ouvido de elizarda**) PORRA nenhuma. Tinha acabado de estender o plástico na rua quando os homens chegaram, só deu tempo de catar tudo e fugir. (BC - séc. XXI)
- (48) NAIR ...(**baixo e aliciante**) E até já imaginei tudo... (PMT – séc. XX)
- (49) TIO RAUL...(**carinhoso, baixo**) Responde: gostas muito dessa mãe desconhecida? (PMT - séc XX)

Nas três primeiras, a coordenação com uma reduzida de gerúndio com valor, em geral, adverbial, ou com uma expressão de valor adverbial leva-nos a atribuir o valor adverbial ao adjetivo. Nas duas últimas, a coordenação se dá com outro adjetivo, o que reforça seu valor adjetivo. Apesar dessas possibilidades, optamos por excluir estas ocorrências da análise de frequência pela impossibilidade de analisar sua função semântica e pragmática.

Esse critério não excluiu, entretanto, ocorrências de adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* que atuam como modalizador asseverativo, pois, de acordo com Neves (2011, p.249-250):

Na conversação, advérbios asseverativos podem empregar-se de maneira absoluta, valendo por um enunciado. Iniciando resposta, esses elementos funcionam predicando toda a fala anterior do interlocutor, sem que seja necessário repeti-la, embora a repetição possa acontecer. Exatamente porque se trata de uma função atributiva, os advérbios que assim se empregam são os que têm uma base adjetiva.

Diante disso, consideramos que a desconsideração desses casos levaria a falsos resultados, pois não teríamos ocorrências de asseverativos típicos da conversação, como representadas nas peças teatrais usadas como *corpus*.

Também foram excluídos casos em que a forma adjetiva parece se relacionar com o sujeito e não com o evento, como em (50) e (51), a seguir.

- (50) Thomas tira um lenço do paletó e começa a limpar o suor do rosto, **desesperado**. (MM - séc. XXI)
- (51) SEVERINO: (pega um pedaço de madeira, dá três pancadas, **assustado**) Vamos mudar de assunto, vamos falar sobre... (MM - séc. XXI)

Aplicando-se as paráfrases propostas por Foltran (2009), a fim de concluir se a forma adjetiva se orienta para o evento ou para o sujeito, temos (52) e (53), que parecem apontar para um adjetivo em função predicativa.

(52) Thomas está desesperado, quando começa a limpar o suor do rosto.
 ?? A desesperada limpeza do rosto de Thomas.
 ?? A limpeza do rosto de Thomas é desesperada.

(53) Severino está assustado quando bate na madeira.
 ?? A assustada batida na madeira de Severino.
 ?? A batida na madeira de Severino é assustada.

Outras formas que se mostraram ambíguas à primeira vista acabaram por entrar na análise por assumir comportamento híbrido, como vemos em (54) e (55).

(54) EDUARDO - Deste lado é o interior da casa, aqui tenho janelas para um pequeno jardim e um bela vista. Vivo completamente ***independente*** da família. Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quiseres, sem a menor cerimônia; estaremos em perfeita escolástica. (DF – séc. XIX)

(55) RAPHAEL. - Sou filho de um escravo, e que tem isso ?.. onde está a mancha indelevel?... O Brasil é uma terra de captiveiro. Sim, todos aqui são escravos. O negro que trabalha semi-nú, cantando aos raios do sol; o índio que por um miseravel salario é empregado na feitura de estradas e capellas ; o selvagem, que, fugindo ás bandeiras, vaga de matta em matta; o pardo a quem apenas se reconhece o direito de viver ***esquecido***; o branco emfim, o branco orgulhoso, que soffre de má cara a insolencia das Côrtes e o desdem dos europeos. Oh! quando cairem todas estas cadêas, quando estes captivos todos se resgatarem—ha de ser um bello e glorioso dia! (SL – séc. XIX)

Em 54, o termo *independente* parece expressar sentido de modo³¹: *vivo de modo completamente independente da família*. Considerando-se, com Foltran (2009), as paráfrases para construções adverbiais que divergem das que têm predicativos, teríamos para (54):

³¹ O indicar modo não parece ser exclusivo do advérbio. Construções com adjetivos em função predicativa podem responder à pergunta *como? Ele chegou bêbado*. Como ele chegou? *Bêbado*.

- (56) a. Vivo completamente independente da família.
 b. *Vivo completamente independentemente da família
 c. Vivo independentemente da família

- (57) A minha vida é independente da família.
 b. A minha vida independente da família
 c. *Eu estou independente ao viver.

Foltran (2009) considera que apenas adjuntos que denotem propriedades transitórias possam ser predicados secundários. Note-se que a construção não admitiria a paráfrase com *estar* proposta por Foltran (2009), mas apenas a com verbo *ser*, por se tratar de propriedade permanente: *Eu sou independente ao viver*. Desse modo, a forma *independente* nesse contexto comporta-se como um adjetivo adverbial e não como um adjetivo em função predicativa.

Também na ocorrência (55), o *direito de viver* **esquecido**, o valor semântico de modo parece presente: *o direito de viver de modo esquecido*. Também admite as paráfrases propostas. O comportamento, portanto, é de advérbio e não de predicativo.

- (58) a. A vida dele é esquecida.
 b. A vida esquecida dele
 c. *Ele está esquecido ao viver

Definidos os critérios de inclusão e exclusão das ocorrências, estas foram categorizadas segundo fatores morfossintáticos, semânticos e discursivos, explicitados a seguir.

a) *Função semântico-pragmática da forma adverbial*: este fator justifica-se para analisar quais funções adverbiais são exercidas pelas formas em *-mente* e pelas formas adjetivas adverbiais e quais são exercidas por apenas uma destas formas. Consideramos, com base em Neves (2011), cinco funções semânticas dos advérbios em *-mente*:

- (1) qualificadores
 (2) intensificadores
 (3) modalizadores

(4) circunstanciais

(5) focalizadores

b) *Possibilidade de correspondência entre adjetivos adverbiais e advérbios em -mente*: com base em pesquisas no *Corpus do Português*³² e em nosso conhecimento de falante nativo, avaliamos, nas ocorrências que encontramos tanto de adjetivos adverbiais como de advérbios em *-mente*, a possibilidade de substituição de um pelo outro. Tentaremos, assim, flagrar em que contextos tais advérbios competem e verificar se certos contextos favorecem a produção de adjetivos adverbiais pela impossibilidade de uso de um advérbio em *-mente*.

(1) possibilidade: quando houver correspondência entre as formas adjetiva e adverbial.

(2) impossibilidade: quando não houver correspondência entre as formas adjetiva e adverbial.

(3) ambiguidade: quando a substituição de um adjetivo por um advérbio provoca ambiguidade.

c) *Modalidade*: o gênero teatral é, geralmente, composto por diálogos entre os personagens e textos secundários que geralmente descrevem alguns elementos da narrativa, como o cenário, os personagens, e trazem orientações relativas aos movimentos, gestos e entoação de voz dos personagens. Embora os textos secundários considerados globalmente constituam um volume textual menor em relação aos diálogos entre os personagens, propomos esta variável a fim de verificar se alguns itens adverbiais figuram exclusivamente em uma das seguintes modalidades:

(1) fala: quando ocorrem nos diálogos.

(2) escrita: quando ocorrem nos textos secundários.

³² Trata-se de *corpus* extenso e variado, dividido em quatro subtipos: o gênero-histórico (séc. XVI ao séc. XX-45 milhões de palavras); o corpus da Web (1 bilhão de palavras) e o corpus *Now*, com dados mais recentes, de 2012 a 2018 (1,1 bilhões de palavras) e *WordAndFrases* (40 mil palavras). Disponível em corpustoportugues.org.

d) *Período*: cada ocorrência será categorizada quanto a um dos três períodos estudados, a saber:

(1) XIX

(2) XX

(3) XXI

Após a categorização dos dados, segundo essas variáveis, analisamos as relações entre elas para avaliar se os adjetivos adverbiais que apresentam correspondência com certos advérbios em *-mente* na língua portuguesa apresentam um percurso de gramaticalização semelhante ao que advérbios em *-mente* apresentam em períodos mais remotos do português.

5 FLUIDEZ CATEGORIAL ENTRE ADVÉRBIOS EM *-mente* E ADJETIVOS ADVERBIAIS

Neste capítulo, tratamos da fluidez categorial entre advérbios em *-mente* e adjetivos em função adverbial nos séculos XIX, XX e XXI, a fim de comparar o comportamento de ambas as formas e verificar as similaridades e diferenças e a possibilidade ou não de intercâmbio de uma forma por outra.

Nossa hipótese, cumpre lembrar, é a de que adjetivos adverbiais tendem, com o passar do tempo, a assumir funções semântico-pragmáticas mais variadas, assim como ocorreu com advérbios em *-mente*, que se originaram como modificadores verbais latinos, mas atualmente exercem funções bastante variadas (GONDIM, 2014).

Vale notar que as formas em *-mente* atuam exclusivamente como advérbios, uma vez que são marcadas morfologicamente pelo afixo. Deste modo, este afixo assume comportamento de marcador funcional, no caso, a de adjunto adverbial. Já os adjetivos adverbiais parecem atuar prototipicamente como adjetivos, ou seja, figuram em função de adjunto adnominal e de predicativo. Não prototipicamente exercem também a função adverbial, de forma não marcada, o que caracteriza o fenômeno de flutuação, como já discutido. Nesse contexto, são considerados naturalmente ambíguos na literatura, pois admitem as interpretações de modificadores nominais ou verbais, ou de marcadores discursivos. Tendemos a considerar tais ocorrências não casos de ambiguidade, uma vez que o contexto não esclarece a leitura pertinente, mas, como propõe Foltran (2009), casos de vagueza semântica, pois as duas leituras possíveis caracterizam a forma como simplesmente não específica, o que é compatível com nossa hipótese de que adjetivos e advérbios são categorias superordenadas.

Neste capítulo, organizamos os resultados em quatro seções. Primeiramente, apresentamos os resultados gerais, para na sequência, passar a analisar os resultados específicos das formas em *-mente* e dos adjetivos adverbiais, destacando as funções semânticas e pragmáticas assumidas pelas formas. Por fim, discutimos, com base nos dados, a mudança linguística de adjetivos adverbiais.

5.1 Resultados gerais

Em nossa análise, encontramos, nas peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI, 390 ocorrências de advérbiais de base nominal, sendo 314 constituídas por formas em *-mente* e 76, por formas adjetivas. Nas subseções a seguir, discutiremos os resultados gerais encontrados para todas as ocorrências.

5.1.1 A modalidade

No total, houve mais ocorrências das duas formas na fala que na escrita. Todavia, este resultado não permite generalização, pois, como já adiantamos, a parte escrita do nosso *corpus* é consideravelmente menor que a parte falada, uma vez que se trata de peças teatrais, em que predominam as falas. As tabelas a seguir apresentam os resultados quanto a esta variável.

Tabela 01: Frequência quanto à modalidade (forma vs. registro)

			REGISTRO		Total
			fala	escrita	
CLASSE	ADV	Nº	208	106	314
		%	66,2%	33,8%	100%
	ADJADV	Nº	47	29	76
		%	61,8%	38,2%	100%
Total	Nº		255	135	390
	%		65,4%	34,6%	100,0%

Tabela 02: Frequência quanto à modalidade (registro vs. forma)

			REGISTRO		Total
			fala	escrita	
CLASSE	ADV	Nº	208	106	314
		%	81,6%	78,5%	80,5%
	ADJADV	Nº	47	29	76
		%	18,4%	21,5%	19,5%
Total	Nº		255	135	390
	%		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: a autora

Conforme Hummel (2002b, 2013), advérbios em *-mente* ocorrem mais frequentemente na escrita, por serem mais formais, enquanto as formas adjetivas em função adverbial são mais recorrentes na fala. Nossos dados mostram, no entanto, uma distribuição similar das formas nos dois registros, como se vê na Tabela 01: 66,2% e 61,8% de ocorrências de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais na fala, respectivamente, contra 33,8% e 38,2% na escrita, ou seja, as duas formas predominam na fala. Se olharmos do registro para a forma, encontramos predominância das formas em *-mente* nos dois registros: 81,6% (208) na fala e 78,5% (106) na escrita.

Cumpramos observar, por fim, como já apontado, que nosso *corpus* não se constitui verdadeiramente de amostra de fala. É um texto escrito para ser falado. Esta característica o aproxima de dados de fala, mas não se situa no extremo da escala entre fala e escrita (cf. MARCUSCHI, 2008). Este fato e, especialmente, a brevidade das orientações na parte considerada propriamente escrita provavelmente explicam a disparidade dos nossos dados em relação à observação de Hummel (2002b).

5.1.2 A função

Quanto à variável função, do total de ocorrências (advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais), a mais frequente, com pouco mais da metade das ocorrências, 51%, foi a função de qualificador, e a menos frequente, a de ordenador, com apenas uma ocorrência e 0,2%. Os resultados estão na Tabela 03 a seguir.

Tabela 03: Frequência quanto à função (continua)

FUNÇÃO		
	Nº	%
qualificador	199	51,0
modalizador	83	21,3
circunstanciador	39	10,0
focalizador	35	9,0
intensificador	33	8,5

Tabela 03: Frequência quanto à função (conclusão)

FUNÇÃO		
	Nº	%
ordenador	1	0,2
Total	390	100,0

Entre os adjetivos adverbiais, lembremos que, na literatura (cf. CAMPOS, 2019; BARBOSA, 2006; BASÍLIO, 2002; HUMMEL, 2013), predominam estudos que tomam por base os adjetivos adverbiais apenas em função de qualificador, considerados formas alternantes dos advérbios de modo. Essa predominância independe do período, como mostra a Tabela 04, em que as ocorrências com função de qualificador se distribuem de modo quase uniforme, com leve aumento no séc. XXI, provavelmente pela ampliação do emprego das formas adjetivas, o que veremos a seguir.

Tabela 04: Frequência da função conforme o período (continua)

			PERÍODO			Total
			XIX	XX	XXI	
FUNÇÃO	qualificador	Nº	60	69	70	199
		% de FUNÇÃO	30,2%	34,7%	35,2%	100,0%
		% de PERÍODO	51,7%	41,8%	64,2%	51,0%
	intensificador	Nº	14	17	2	33
		% de FUNÇÃO	42,4%	51,5%	6,1%	100,0%
		% de PERÍODO	12,1%	10,3%	1,8%	8,5%
	modalizador	Nº	24	38	21	83
		% de FUNÇÃO	28,9%	45,8%	25,3%	100,0%
		% de PERÍODO	20,7%	23,0%	19,3%	21,3%
circunstanciador	Nº	6	24	9	39	
	% de FUNÇÃO	15,4%	61,5%	23,1%	100,0%	
	% de PERÍODO	5,2%	14,5%	8,3%	10,0%	
focalizador	Nº	12	16	7	35	
	% de FUNÇÃO	34,3%	45,7%	20,0%	100,0%	
	% de PERÍODO	10,3%	9,7%	6,4%	9,0%	

Tabela 04: Frequência da função conforme o período (conclusão)

			PERÍODO			Total
			XIX	XX	XXI	
FUNÇÃO	ordenador	Nº	0	1	0	1
		% de FUNÇÃO	0,0%	100,0%	0,0%	100,0%
		% de PERÍODO	0,0%	0,6%	0,0%	0,3%
Total		Nº	116	165	109	390
		% de FUNÇÃO	29,7%	42,3%	27,9%	100,0%
		% de PERÍODO	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: a autora.

A tabela mostra duas principais diferenças entre os períodos: no séc. XXI, há pouquíssimas ocorrências de advérbios em função de intensificador: 6,1% contra 42,4% no séc. XIX e 51,5% no séc. XX. As duas ocorrências de intensificador do séc. XXI estão nos exemplos (59) e (60) e figuram na parte escrita:

(59) ELIZARDA - 80 ANOS - Avó de Isolina. **completamente** esclerosada. Desde a morte do marido vive presa no passado. Veste roupas antigas. Usa bengala. Quando entra traz uma pequena e velha mala. Tem várias manias. (BC – séc. XXI)

(60) ROSÁLIA -(RÔ) - 40 a 45 ANOS. - Solteira. **extremamente** religiosa. Tanto é devota de Sta. Izildinha como do Exú Sete Estradas - mistura de religião católica e Afro num sincretismo religioso bem próprio do Brasil. (MQF – séc. XXI)

Outra diferença marcante nos dados aparece na função de circunstanciador, mais frequente no séc. XX e menos frequente nos outros dois séculos.

(61) LILI – Minha saudosa mãe tinha muita cultura e contava-me várias e interessantes histórias sobre poetas. FLOR-DE-MAIO – Ela era formada? LILI – Perfeitamente. E fora nomeada professora naqueles bons tempos em que as normalistas pobre e feias conseguiam uma “cadeira!...” FLOR-DE-MAIO – E’ uma realidade! mais você não acha que já há sinal de que o mérito ocupará **novamente** o seu lugar de antanho? (FM – séc. XX)

(62) THOMAS: Mas eu não sou mendigo. **Temporariamente**, por motivos de força maior, estou mendigo. (MM – séc. XXI)

(63) SENADOR - Você já está cansada de me pajear... MARINA - Bobagem. SENADOR - Eu sei que você tá cansada... Não é fácil cuidar de mim... ultimamente você tem me evitado (DV – séc. XX)

Tanto a função de intensificador como de circunstanciador estão entre as funções em que todas as ocorrências foram de formas em *-mente*, o que nos leva a hipotetizar que a razão desta distribuição das funções em relação aos períodos se deve a paulatino desuso das formas em *-mente* e avanço das formas adjetivas.

Outro indício de tal hipótese é a frequência relativa à função de qualificador. Tal função foi mais recorrentemente exercida pelos advérbios em *-mente*, que figuraram em 67,8% (135/199) das 199 ocorrências de qualificadores nos três séculos analisados. Entretanto, ao compararmos o comportamento de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais, em três períodos, flagramos um paulatino aumento dos adjetivos adverbiais nessa função, em oposição a uma relativa redução de frequência de advérbios em *-mente*, como ilustra a Tabela 05.

Tabela 05 – Frequência de adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* na função de qualificador

			PERÍODO			Total
			XIX	XX	XXI	
FORMA	ADV	Contagem	47	64	24	135
		% em FORMA	34,8%	47,4%	17,8%	100,0%
		% em PERÍODO	78,3%	92,8%	34,3%	67,8%
	ADJADV	Contagem	13	5	46	64
		% em FORMA	20,3%	7,8%	71,9%	100,0%
		% em PERÍODO	21,7%	7,2%	65,7%	32,2%
Total	Contagem	60	69	70	199	
	% em FORMA	30,2%	34,7%	35,2%	100,0%	
	% em PERÍODO	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: a autora

Como se pode conferir na tabela 05, no século XXI, os adjetivos adverbiais ocorrem em 65,7% das ocorrências de qualificadores desse período. Tal resultado condiz com os achados de Gondim (2014), que tomou como corpus o

português escrito dos séculos XIV, XVI e XX. Nessa pesquisa, observamos que, conforme as formas em *-mente* expandem suas funções, passam a atuar, em séculos mais recentes, cada vez menos frequentemente como qualificadores. Naturalmente, não podemos comparar *corpus* tão distintos, contudo o aumento da frequência de adjetivos adverbiais qualificadores no século XXI não deixa de sinalizar para uma possível ampliação de uso de adjetivos adverbiais em detrimento das formas em *-mente* na função de qualificador. Discutiremos essa hipótese com mais vagar adiante, quando tratarmos das formas em separado.

5.1.3 A alternância

Inicialmente, pretendemos investigar o que motiva o uso preferencial de uma ou outra formação adverbial no português. Do total de itens adverbiais que encontramos, apenas 11 formaram pares correspondentes no *corpus*. Desses, 08 apresentaram correspondência tanto formal, quanto semântico-pragmática, ou seja, encontramos tanto a forma adverbial em *-mente* quanto a forma adjetiva neutra de mesma base, exercendo mesma função semântico-pragmática. Os outros 3 pares foram encontrados não exercem mesma função. O quadro 02 resume os dados encontrados.

Quadro 02: Pares alternantes AA/formas em *-mente*

PAR	FUNÇÃO	
	adjetivo adverbial	forma em <i>-mente</i>
Alto/altamente	Qualificador	Intensificador
Breve/brevemente	Circunstanciador	Circunstanciador
Direto/diretamente	Qualificador	Qualificador
Exato/exatamente	Modalizador	Modalizador
Firme/firmemente	Qualificador	Qualificador
Forte/fortemente	Qualificador	Intensificador
Leve/levemente	Qualificador	Qualificador
Pronto/prontamente	Modalizador	Qualificador
Rápido/rapidamente	Qualificador	Qualificador
Sério/seriamente	Qualificador	Qualificador
Súbito/subitamente	Qualificador	Qualificador

Fonte: a autora

De todos esses itens que figuram em pares, o único não dicionarizado no Houaiss (2009) como advérbio é o termo *exato*. Todos os demais aparecem

registrados no dicionário como adjetivo e advérbio, o que indicia um uso já consagrado. *Exatamente* e *seriamente* exercem outras funções em que não formaram pares com as formas adjetivas correspondentes. *Exatamente* também figurou como qualificador e modalizador, como ilustram os exemplos a seguir.

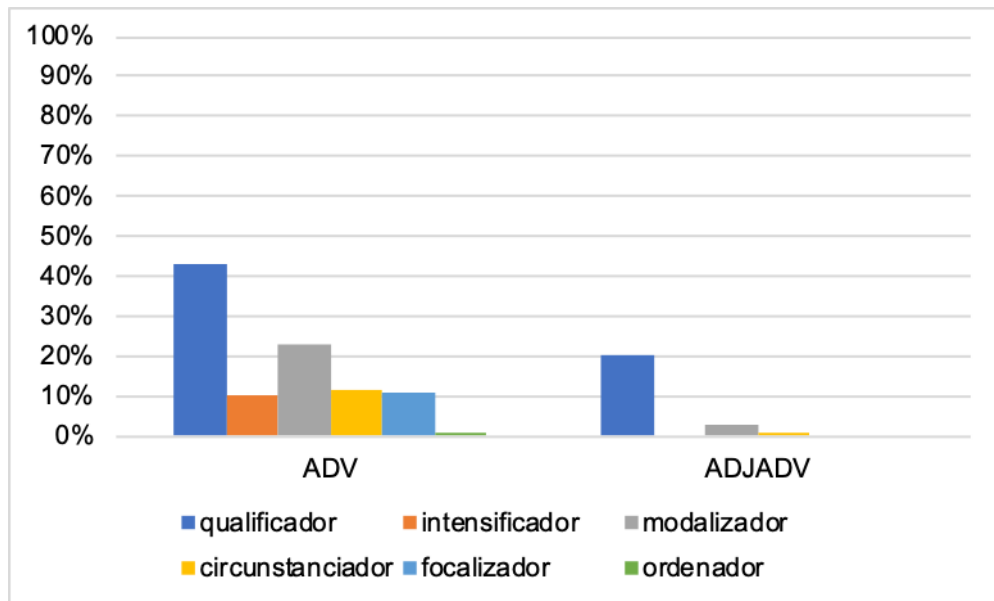
(64) Qualificador: (TOM) Para esclarecer, vou contar **exatamente** como tudo aconteceu... e se eu mentir que a Ira Divina caia sobre a minha cabeça! JUJÚ - Vai firme, coroa! Mete bronca! (MQF – séc. XXI)

(65) Modalizador: ISOLINA- Dia 5! ADRIANO- **Exatamente!** Hoje tem! (BC – séc. XXI)

O termo *seriamente* aparece também como modalizador na ocorrência transcrita a seguir.

(66) AZEVEDO; Chacun son tour, Eduardo, nada mais justo. A Segunda conveniência, e a principal, é que, rico, independente, com alguma inteligência, quando basta para desperdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira pública. EDUARDO: **Seriamente?** (DF – séc. XIX)

A julgar por esse resultado, parece-nos que determinadas bases tendem a formar mais frequentemente ou advérbios simples ou advérbios derivados, ou seja, a possibilidade de alternância entre as formas simples e derivada não parece ser tão frequente na língua portuguesa. Tal fato parece ser motivado pela função semântica exercida por tais itens. Como vimos, na seção anterior, formas em *-mente* se mostraram bem mais frequentes, uma vez que esse tipo de formação originou 80,5% dos itens adverbiais que encontramos. Não coincidentemente, os itens em *-mente* também exerceram funções bem mais variadas que as formas simples, como se pode ver no gráfico a seguir.

Gráfico 01 – Funções de advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais

Fonte: a autora

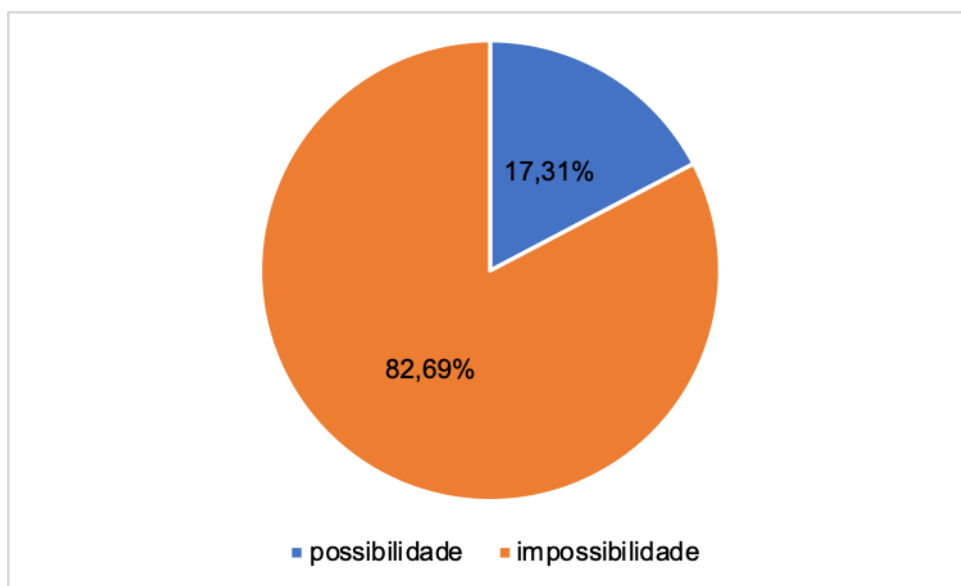
Embora adjetivos adverbiais tenham sido, como já esperávamos bem mais recorrentes como qualificadores, também identificamos itens que funcionaram como modalizadores e como circunstanciadores. Nas seções a seguir, analisaremos com mais vagar a possibilidade de alternância dessas formas adverbiais. Inicialmente, trataremos das formas em *-mente*, em seguida das formas adjetivas. Por fazermos nestas seções uma análise predominantemente qualitativa, optamos por considerar apenas as ocorrências presentes na parte da fala.

5.2 Dos advérbios em *-mente*

Os advérbios em *-mente*, como mencionamos, se mostraram capazes de formar um leque mais diverso de funções, o que parece se dever ao fato de tais itens serem mais claros quanto à marcação da função adverbial, tanto por ocorrerem exclusivamente como advérbios, quanto pela marcação morfológica em *-mente*. Tais itens funcionam, portanto, como advérbios mais prototípicos, uma vez que, além de exercerem um número maior de funções semânticas, também apresentam maior liberdade dentro da sentença.

Ao analisarmos a possibilidade de tais formas serem substituídas por adjetivos adverbiais correspondentes, verificamos que, na maioria das ocorrências identificadas, tal substituição é impossível, como se pode atestar no gráfico abaixo.

Gráfico 02 – Possibilidade de substituição de advérbios em *-mente* por adjetivos adverbiais



Fonte: a autora

Em 82,69% das ocorrências que analisamos das formas em *-mente*, a troca pela forma adjetiva masculina ocasionaria ou agramaticalidade ou ambiguidade em relação às funções de adjetivo e advérbio, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(67) AZEVEDO: Perdão, mas não podia deixar que esses dois especuladores abusasses por mais tempo da minha boa fé. EDUARDO; Se continua desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se cale. AZEVEDO: Bom; não me leve a mal este desabafo. O fato é que o casamento está **completamente** desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: - Tout est perdu, hors i'honneur. (DF – séc. XIX)

a. o fato é que o casamento está **completo*** desfeito (...)

(68) EDUARDO: E esperaste chegar a este estado para te casares? AZEVEDO: justamente. Tiro disso duas conveniências: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar **perfeitamente** o seu grave papel de carregador do mantelete, do

leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher. (DF – séc.XIX)

a. um marido como eu está preparado para desempenhar **perfeito*** o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher

(69) AZEVEDO: Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou **realmente** fascinado. A sua conversa é uma gerbe de graça; uma fusée de ditos espirituosos! (DF –séc. XIX)

a. Estou **real*** fascinado. (...)

Nos exemplos acima, a substituição do advérbio em *-mente* por adjetivo adverbial foi considerada impossível. Para atestarmos a agramaticalidade das construções, buscamos no Corpus do Português a relação entre o adjetivo adverbial e o escopo tomado pelo advérbio em *-mente* a ser substituído, mas em nenhuma dessas ocorrências identificamos a possibilidade de atuação do adjetivo adverbial. Ao que parece adjetivos adverbiais não incidem sobre formas adjetivas, exceto se constituírem sintagma preposicional como no exemplo (70), encontrado no Corpus do Português.

(70) Entretanto, o fisco espanhol afirma que o esquema de as Ilhas Britânicas nunca foi **desfeito por completo**. (CP – *Now*)

A alternância da maioria das ocorrências de advérbios em *-mente* por adjetivos adverbiais causaria agramaticalidade (92,89%). Diante de tal resultado, levantamos as seguintes hipóteses para a impossibilidade de troca de advérbio em *-mente* por um adjetivo adverbial correspondente nesses casos: a forma adjetiva correspondente à forma em *-mente* a) ainda não se gramaticalizou em advérbio; ou b) não exerce a mesma função semântica que o advérbio em *-mente*. Nas duas subseções a seguir, trataremos de tais formas verificando a motivação da impossibilidade de substituição.

5.2.1 Quando a forma adjetiva não atua como advérbio

Supomos que a substituição da forma em *-mente* por uma adjetiva neutra correspondente é impossível em alguns contextos porque alguns itens adjetivais não

se gramaticalizaram em advérbios. Para identificar tais formas e discutir esse bloqueio, identificamos, inicialmente, as formas em *-mente* que apresentaram impossibilidade de substituição em todas as ocorrências em que figuraram. Ao final desta seleção, foram identificados 71 itens em *-mente* retirados da fala.

Os itens considerados impossíveis de troca que foram mais recorrentes em nosso *corpus* são *realmente*, com 17 ocorrências; *infelizmente*, com 12; *completamente*, com 09; *absolutamente*, com 08, *unicamente*, com 6; *finalmente* e *inteiramente*, com 5 ocorrências cada um; e *pessoalmente* e *principalmente*, com 4 ocorrências cada.

No que tange a essa primeira hipótese, faremos a discussão apenas destes 8 itens, já que os outros 63, embora tenham apresentado impossibilidade de substituição em todas as ocorrências em que figuraram, foram pouco frequentes.

O item *realmente* figurou como modalizador em 13 ocorrências, como intensificador em 03 e como qualificador em 01, como se observa nos exemplos (71) a (74).

(71) EDUARDO: Ainda bem! Eu sabia que nos havíamos de entender; posso ser franco. Um homem que ama ***realmente*** uma moça, Sr. Alfredo, não deve expô-la ao ridículo e aos motejos dos indiferentes; não deve deixar que a sua afeição seja um tema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos. (DF – séc. XIX)

(72) AZEVEDO: (A Eduardo) ***Realmente*** não pensava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distinta como tua irmã. É uma verdadeira parisiense. (DF – séc. XIX)

(73) AZEVEDO: Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que ***realmente*** é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca? (DF – séc. XIX)

(74) AZEVEDO: Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou ***realmente*** fascinado. A sua conversa é uma gerbe de graça; uma fusée de ditos espirituosos! (DF – séc. XIX)

Em (71), *realmente* funciona como um qualificador, tomando como escopo o verbo *amar*. Nos exemplos (72) a (73), atua como modalizador asseverativo. Em (72), é usado por Azevedo, personagem que tem como forte característica a valorização da cultura europeia, para reforçar sua descrença de

encontrar moça distinta na cidade do Rio de Janeiro. Em (73), o mesmo personagem tenta, por meio do reforço do modalizador *realmente*, fazer sua opinião sobre a personagem D. Carlotinha ser tomada como fato pelo seu interlocutor. Por fim, em (74), *realmente* funciona como intensificador, similar ao advérbio muito, e toma como escopo o atributo *fascinado*.

A partir das ocorrências que analisamos deste item, a forma *real* não nos parece ser capaz de substituir *realmente* sequer nos casos em que funciona como um qualificador, como no exemplo (65), o que pode indicar que a forma *real* exerça apenas a função de adjetivo. Vale ressaltar que a maior parte dos estudos que tratam dos adjetivos adverbiais examinam tais formas na função de qualificador, uma vez que tal função parece predispor a ocorrência destes itens por expressarem noção atributiva (cf. HUMMEL, 2002b; BASÍLIO, 2002, CAMPOS, 2019).

O advérbio *infelizmente* ocorreu 12 vezes em nosso *corpus*, todas como modalizador atitudinal, como se vê nos exemplos a seguir, em que o item figura em diferentes posições no enunciado:

- (75) JUDITE (Lenta e falsa) — ***Infelizmente*** não posso faltar a esse compromisso! (PMT – séc. XX)
- (76) GLORINHA Eu tenho que ir, Madame! Estão-me esperando... Nair me falou, agradeço muito, mas é que eu não posso, ***infelizmente...*** (PMT – séc. XX)
- (77) THOMAS: Eu sei, mas ***infelizmente***, tenho mesmo que ir. Essa nossa conversa fica pra outro dia. (MM – séc. XXI)

A propósito Neves (2011) considera que os modalizadores atitudinais revelam o sentimento do falante em relação ao dito. Entretanto, na maioria das ocorrências que encontramos de *infelizmente* o advérbio não retratou de fato o sentimento do falante em relação ao dito, mas o sentimento que ele julgava ser o adequado a revelar ao seu interlocutor. Tal forma assume, portanto, valor argumentativo. Em (75), por exemplo, Judite tenta fugir do marido, que acaba de retornar de uma clínica de reabilitação, mentindo sobre um compromisso, uma promessa que teria feito por sua cura. O termo *infelizmente*, portanto, expressa o

que o falante julga ser o sentimento esperado pelo interlocutor naquela circunstância.

Quanto aos itens *completamente* e *absolutamente*, eles atuaram como intensificadores em todas as ocorrências nas quais figuraram, como se vê nos exemplos a seguir.

(78) D. MARIA: Assim, tu julgas que é inútil pedir ou receber uma promessa? EDUARDO: **Completamente** inútil, quando a promessa não constitui uma verdadeira obrigação social e um direito legítimo. D. MARIA: Não te percebo! (DF – séc. XIX)

(79) FLOR-DE-MAIO – É Falcão. Vou começar a desempenhar o meu novo papel. Éle encontrar-me-há **completamente** diferente. (FM – séc. XX)

(80) SENADOR - E desta vez não teremos complacência! Abriremos as portas dos nossos mais terríveis calabouços... torturaremos, violentaremos, mataremos se preciso for! (Ofegante, tremendo) Voltaremos com um instrumental de poder mais forte ainda! Nada de anistias! Nada de aberturas! Nada de eleições diretas! Não!!! Desta vez será definitivo, eterno, **absolutamente** cristalizado no tempo! (DV – séc. XX)

(81) TIO RAUL (...) Agora quero a tua própria confissão. E se disseres tudo, **absolutamente** tudo, eu te perdô a vida. Aceitas assim? (PMT - séc XX)

Por fim, a forma *unicamente* figurou sempre como focalizador, já que foi usada para salientar o escopo, como se observa em (82) e (83).

(82) EDUARDO: (A Pedro) Toma: é tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão **unicamente** sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. (DF – séc. XIX)

(83) FALCÃO – Espere! Mas êle não vai hoje, ainda virá aqui despedir-se... e eu vim **unicamente** para ouvi-la, pois quero sentir de perto o som da sua encantadora voz neste concerto de súplicas e prantos, acompanhada peló violão mágico do professor Ricardo e sob o soluçar rítmico do notável cavaquinho de Mário... (FM – séc. XX)

Diante do exposto, as formas *realmente* e *unicamente* parecem atender à hipótese de não poderem ser substituídas porque as formas adjetivas *real* e *único*

parecem não exercer função adverbial, por não terem se gramaticalizado em advérbio. Por outro lado, impossibilidade atestada de alternância das formas *infelizmente*, *completamente* e *absolutamente* pode derivar de um dos seguintes motivos: ou as formas *infeliz*, *completo* e *absoluto* não se gramaticalizaram como advérbio, ou tais formas, embora, em determinados contextos possam atuar como advérbio, não exercem as funções de modalizador atitudinal e de intensificador.

5.2.2 Quando o adjetivo adverbial não exerce a mesma função semântica que a forma em -mente correspondente.

Outra hipótese que formulamos para explicar a impossibilidade de substituição de advérbios em *-mente* por adjetivos adverbiais de mesma base é que uns e outros exercem funções distintas.

Como vimos, no início desta seção, os itens *profundamente*, *exatamente*, *justamente*, *perfeitamente*, e *rapidamente* ora foram considerados como possíveis de substituição — como se verifica nos exemplos (84-86) —, ora impossíveis — como veremos mais adiante —, o que pode indicar que a possibilidade de cambiamento está relacionada à função semântica expressa pela forma adverbial.

(84) TIO RAUL Bem, Gilberto, nós queríamos conversar contigo. GILBERTO Comigo? Pois não. Alguma novidade? MÃE É assunto particular, meu filho. JUDITE Não posso ouvir? TIO RAUL ***Exatamente***. É assunto que interessa a nós e a Gilberto e a mais ninguém. (PMT – séc. XX)

(85) RICARDO – Falcão, apresento-lhe a minha querida noiva. FALCÃO – Tenho imenso prazer em conhecê-la pessoalmente! Falcão, seu menor criado!... FLOR-DE-MAIO – O prazer foi todo meu, Flor-de-Maio! FALCÃO – Flor-de-Maio? FLOR-DE-MAIO – ***Perfeitamente*** (FM – séc. XX)

(86) FALCÃO – Se não fôsse a cachaça, meu caro, o que seria dêses pobres desgraçados que são os esteios da pátria! RICARDO – Assim mesmo, a cachaça que eles bebem é falsificada; misturada com fumo, pita, pimenta e outros venenos... FALCÃO – É ***justamente*** o motivo por que a pobre juventude de hoje se acha tão depauperada. (FM – séc. XX)

(87) CARLOTINHA: (A Henriqueta) Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo? ALFREDO: Nove e meia. AZEVEDO: Quase dez. Como passa ***rapidamente*** o tempo aqui! (DF – séc. XIX)

(88) RÔ - Pode ser. Só sei que me encostei na cama para pensar e dormi ***profundamente***. (MQF – séc. XXI)

Em (84) e (85), os itens *exatamente* e *perfeitamente* exercem a função semântica de modalizador asseverativo de afirmação, usados, respectivamente, pelos personagens Tio Raul e Flor de Maio para responder afirmativamente a pergunta feita anteriormente por seus respectivos interlocutores. Nos dois casos, a forma em *-mente* poderia — guardadas as questões pragmáticas, já discutidas por Campos (2019) — ser substituída pela forma adjetiva neutra correspondente (*exato* e *perfeito*) para expressar tal noção.

A forma *justamente*, em (86), é usada para focalizar o *motivo de a juventude se achar depauperada*. Tal noção pode ser expressa pelo correspondente *justo*, que, inclusive, é reconhecido como forma adverbial por Houaiss (2009), que aponta exatamente a sinonímia entre as duas formas:

□ advérbio

12 exatamente, justamente

Ex.: ele é j. a pessoa que eu imaginava para o cargo (JUSTO. In: Dicionário Eletrônico Houaiss, 2009)

Em (87), *rapidamente* funciona como um advérbio qualificador e tem como escopo o verbo *passar*, a forma correspondente *rápido* é bastante usual nesse tipo de contexto. A função semântica de qualificador também é expressa por *profundamente*, em (88), o qual poderia ser substituído por *profundo* sem que isso ocasionasse agramaticalidade, como ocorre nos exemplos a seguir, extraídos do Corpus do Português.

(89) Bem quis, tu sabes, lançar-me Pelos desertos do mundo, Dormir nas tascas ***profundo***, Se não morrer na solidão! (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XVIII)

(90) Tonto, que, quando ele adormeceu, com seu jeito de dormir ***profundo***, parecendo muito um morto, Maria Rita ainda ficou longo tempo curvada sobre as formas tranqüilas e o rosto de garoto cansado, envolvendo- o em um olhar de restante ternura. (CP - *Web*)

Muito recorrente em nosso *corpus*, *perfeitamente* apareceu em 13 ocorrências, das quais 08 constituíram-se de modalizadores cuja substituição por *perfeito* foi possível (como no exemplo 46, já mencionado) e 04, de qualificadores e 01 de intensificador, os quais não permitiram a substituição, como vemos nos exemplos abaixo.

(91) EDUARDO: E esperaste chegar a este estado para te casares?
AZEVEDO: justamente. Tiro disso duas conveniências: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar **perfeitamente** o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher. (DF – séc. XIX)

(92) AZEVEDO: Teorias!... Fumées d' escript.. (A Carlotinha) Mas, minha senhora, disse há pouco que se podia fazer deste jardim um paraíso!
CARLOTINHA: Como? Diga-me; quero executar **perfeitamente** o seu plano. (DF – séc. XIX)

(93) SEVERINO: Captou a mensagem **perfeitamente** (mostrando em volta) Olha ao redor. A rua: essa grande escola da vida. Nela, eu, o teu mestre, vou te ensinar a sobreviver e ganhar o pão de cada dia. (MM – séc. XXI)

(94) GENERAL - (Ergue a taça) Senador João Carioba! No momento em que ergo esta taça, tenho certeza que represento muitos brasileiros que têm no senhor um exemplo a ser seguido! O que todos nós desejamos é vê-lo na tribuna do senado, **perfeitamente** restabelecido, na defesa intransigente dos valores mais sagrados dessa Nação! (DV – séc. XX)

(95) AZEVEDO: Ao contrário, minha senhora, muito agradável; aqui pode-se estar **perfeitamente** à son aise. (DF – séc. XIX)

Nos exemplos (91) a (95), *perfeitamente* atua como qualificador, expressando a ideia de “de modo perfeito”. Apesar de a função de qualificador ser a mais recorrentemente exercida por adjetivos adverbiais, o uso de *perfeito* em tais ocorrências não se mostra possível. Não é possível também na ocorrência (95), em que o advérbio intensifica a expressão estrangeira “à son aise”, que significa “à vontade”.

O item *exatamente* figurou em 9 ocorrências, das quais 5 foram consideradas como possíveis de substituição pelo item *exato*, como vimos no exemplo (84). Todas as ocorrências em que tal substituição foi possível, o advérbio funcionou como modalizador. Nas outras 4 ocorrências, de cambiamento aparentemente impossível, *exatamente* perfilou como focalizador, em 02 ocorrências; como qualificador, em 01; e como modalizador, em 01.

(96) RÔ - Está bem. Eu não consigo entender porque insistem em confessar um crime que eu cometi e negar um outro que um de vocês cometeu. (TOM) Para esclarecer, vou contar **exatamente** como tudo aconteceu... e se eu mentir que a Ira Divina caia sobre a minha cabeça!
JUJÚ - Vai firme, coroa! Mete bronca! (MQF – séc. XXI)

(97) AGENOR- (...) Depois pegaram o corpo e levaram para a porta dela, para que ela desse um sumiço nele. E é **exatamente** o que ela vai fazer... sabe que se a verdade vier a tona estará muito mais comprometida. (BC – séc. XXI)

(98) AGENOR- (...) Se a senhora telefonar para ele, diga que chegamos a um acordo e o comício vai poder ser realizado sim, **exatamente** como ele imaginou... (BC – séc. XXI)

(99) TIO RAUL Ah, não? Mas o médico me descreveu o teu tipo **exatamente**... (PMT – séc. XX)

Em (96), *exatamente* toma como escopo o verbo *contar*, exprimindo a noção de modo, ou seja, *contar de modo exato*, correto, sem equívocos. No exemplo (97), *exatamente* reforça a certeza do personagem Agenor sobre a atitude que a vizinha tomará ao ver o corpo de um deputado, do qual ela era amante e cúmplice em atos corruptos, em sua porta. Nesta ocorrência, o item funciona, portanto, como modalizador asseverativo. Nos dois exemplos seguintes (98) e (99), *exatamente* não atua sobre o teor de verdade, funciona como advérbio focalizador, salientando, respectivamente, os sintagmas “como ele imaginou” e “o teu tipo”.

Aparentemente, *exato* não funciona como qualificador nem focalizador. Como modalizador asseverativo ele se mostrou possível de ocorrer em respostas, como no exemplo (100), mas não interno à proposição, como em (97).

(100) MÉRCIA - Aconteceu mesmo desse jeito, tia? RÔ - **EXATAMENTE!**
(MQF – séc. XXI)

Esta aventada impossibilidade é contrariada pelo Corpus do Português, em que encontramos ocorrências de *exato*, similares a (96), como as transcritas em (101)-(103).

(101) Não sei **exato** como verificam santo no Omolocô. (CP – Web)

(102) Sua proporção de homens para mulheres, não tem que ser **exato** como um peru macho pode atender várias galinhas.
(CP – Web)

(103) E caía **exato** como cai um gato. (CP – Web)

Também encontramos na Web os seguintes exemplos de um projeto da Câmara dos Deputados,³³ muito similar ao exemplo (97), e de um conto,³⁴ muito similar a (98).

(104) “Ora, não atingido o fim a que os incentivos se propõem, não cabe absolutamente que abruptamente se terminem. E é ***exato*** o que está prestes a ocorrer. Por outra, ocorrerá, ao final do corrente ano”. (CP – Web)

(105) “O Cristo Redentor, quando acende lá em cima, é todinho o Cristo Redentor, ***exato*** como ele aparece nas novelas” (CP – Web)

O item *justamente* funcionou como focalizador em 04 ocorrências e como modalizador em 02. Das 06 ocorrências em que figurou, não permitiu a substituição por *justo* em apenas 01, como se vê a seguir.

(106) THOMAS : Ah, Severino. Tem um certo charme, apesar de ser um nome comum. Aliás, comum demais. Lembra muito o povo do Nordeste...
SEVERINO : E ***justamente*** eu sou de Fortaleza, no Ceará. Já o senhor é de... (MM – séc. XXI)

Consideramos impossível a troca de *justamente* por *justo* em (106), porque, apesar de não ocasionar agramaticalidade, causaria uma mudança no escopo e de sentido. Como ocorre em (106), *justamente* alude à afirmação do interlocutor de que o nome do personagem lembra o povo do Nordeste, ao mesmo tempo que focaliza o dado que reforça essa afirmação. Por outro lado, o uso de *justo* nesse mesmo contexto focalizaria apenas o pronome *eu*, o que causaria forte mudança de sentido: *E justo eu sou de Fortaleza*.

Os itens *profundamente* e *rapidamente* ocorreram apenas 02 vezes cada. Em uma das vezes, eles permitiram substituição por adjetivo adverbial correspondente, como vimos em (85) e (86); na outra, a substituição não foi possível, como vemos a seguir:

³³ Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=2F33BFFF02A2BAF64FB6BC6F476113D2.proposicoesWeb1?codteor=1136198&filename=Avulso+-PL+4262/1993>. Acesso em 15 dez. 2019.

³⁴ Disponível em: http://www.releituras.com/adrifalcao_carta.asp. Acesso em 15 dez. 2019.

(107) GILBERTO A cara é o menos! Outra alma e te juro: eu sou outro, **profundamente** outro. (com angústia) E sabe por que é que enlouquecemos? Porque não amamos! (PMT – séc. XX)

(108) EDUARDO: (...) Aí achará os protestos de um amor **rapidamente** esquecido; aí, no delírio da valsa, e no abandono do baile, pode embriagar-se de prazer (...). (DF – séc. XIX)

Em nossa análise, consideramos que, em (107), *profundamente* é usado pelo personagem Gilberto para intensificar o termo *outro*, expressando a ideia de que ele sofreu uma mudança pessoal muito profunda, muito intensa. Já, em (108), *rapidamente* atua como qualificador, similar à locução “de modo rápido”, mas não incide sobre forma verbal prototípica, incide sobre o participio *esquecido*, o que nos pareceu ser o motivo para o bloqueio do uso da forma *rápido*.

Vale frisar que também não encontramos no Corpus do Português, ocorrências em que *rápido* figurasse sobre escopo participial em posição anterior. Entretanto, na Web, conseguimos encontrar as seguintes ocorrências:

(109) SE ELE RENDER 50% DO QUE MONSTRA NESSES VIDEOS, O PAYSANDU ESTÁ MUITO BEM SERVIDO NO MEIO DE CAMPO, ALÉM DOQUE O THIAGO POTIGUAR SERÁ **RÁPIDO** ESQUECIDO. (<https://blogdogersonnogueira.com/2011/03/31/tribuna-do-torcedor-112/>)

(110) Quando cresci, me apaixonei e pra mim esse era o amor maior do mundo, mais eu não entendia por que esse amor não era correspondido e tão **rápido** esquecido, coisas grandes são visíveis e assim reconhecidos. (<https://morripromundo.tumblr.com/page/476>)

Pautados em pesquisas como as de Zambí (2010) e Lima (2010), supúnhamos que não fôssemos encontrar exemplos de adjetivos adverbiais que tomassem como escopo formas nominais, entretanto os exemplos acima contrariaram nossa expectativa. Ao que nos parece, tal uso, embora seja pouco frequente, pode acontecer em contextos linguísticos mais informais, como é o caso de (109), que figuram em um comentário em blog sobre futebol. Tal fato reforça o posicionamento de Hummel (2002a) de que a conversão é o mecanismo para formar advérbios a partir de adjetivos dominante na comunicação informal.

A forma *igual*, por outro lado, não parece ser capaz de atuar sobre participio em posição anterior ao seu escopo, como figura o advérbio *igualmente* em

(111) e (112). Assim como fizemos com a forma *rápido*, também procedemos busca na Web por ocorrência em que a forma *igual* escopasse participio, mas não encontramos nenhuma ocorrência desse tipo.

(111) (...) Fiquei orphão de pai na idade de doze annos. Minha mãe teria **igualmente** succumbido ao pezar, se não lhe restassem filhos, que precisavam da sua dedicação (...) (SL – séc. XIX)

(112) FALCÃO – Eu nunca pratiquei uma injustiça ou crime sem que não fôsse, tempos depois, **igualmente** castigado pelas mãos de Deus! (FM – séc. XX)

Outro item que merece destaque é *naturalmente*, uma vez que se mostrou bastante recorrente. Das 10 ocorrências em que figurou, o item funcionou como qualificador em 01 e como modalizador nas outras 09, como percebemos nos exemplos a seguir.

(113) EDUARDO: Triste? Não, é meu gênio; sou **naturalmente** seco; gosto pouco de divertimentos. (DF – séc. XIX)

(114) CARLOTINHA: Ora, enfim! Podemos conversar, mano! EDUARDO: Sim! Estou ansioso por saber o que ela te disse! Com que fim veio ver-te! **naturalmente** foi para dar-me mais uma prova de indiferença, participando-te o seu casamento! (DF – séc. XIX)

(115) AZEVEDO: A nossa "Academia de Belas Artes?" Pois temos isto aqui no Rio? ALFREDO: Ignorava? AZEVEDO: Uma caricatura, NATURALMENTE... Não há arte em nosso país. (DF – séc. XIX)

(116) CARLOTINHA: Mano, aí entrou uma pessoa, que julgo procurar por você. EDUARDO: Há de ser **naturalmente** o negociante que espero. (DF – séc. XIX)

(117) MARINA - (fria:) Traduzindo ou adaptando alguns panfletos, conseguiu se eleger vereador na sua terrinha natal... Adaptando depois alguns manifestos para discursos em praças publicas, chegou a deputado... e finalmente... GENERAL - Isso é mentira! MARINA - ...editou o primeiro livro, PLAGIANDO o ideólogo fascista : "A família: célula mater da sociedade" , seu livro de cabeceira... GENERAL - Meu livro de cabeceira... MARINA - **Naturalmente** logo encontrou eco entre os antigos militantes da velha Ação Integralista... fez amizade com o Plínio Salgado. Daí para Congresso, foi um passo... Deputado em duas legislaturas... e hoje... senador... (DV – séc. XX)

Embora não tenhamos encontrado, em nosso *corpus*, ocorrências de *natural* em uso adverbial,³⁵ outros trabalhos já mostraram que tal forma pode funcionar como advérbio qualificador (CAMPOS, 2019), o que pode indicar que tal forma, apesar de funcionar como advérbio, só expressa a noção de qualificação quando toma como escopo o verbo (como ocorre no exemplo a seguir, extraído de CAMPOS, 2019) em suas formas mais prototípicas, não atuando, portanto, em formas participiais nem expressando modalização.

(118) O cabelo cacheado é muito sensível e quando ele é submetido a um determinado processo com muita frequência pode ficar com a sua estrutura alterada, o que pode ter acontecido com a sua franja, neste caso, só deixando a raiz crescer ***natural*** mesmo para voltar ao normal. (CAMPOS, 2019 <http://www.cabelosecachos.com>)

Na aba *Web* do Corpus do Português, também é possível encontrar diversas ocorrências em que *natural* atua como qualificador verbal. Identificamos ocorrências em que tal forma toma como escopo os verbos *crescer*, como no exemplo encontrado por Campos (2019) e *surgir*, como ocorre nos exemplos a seguir:

(119) Lilian, acho que a única solução agora é esperar o cabelo crescer ***natural*** mesmo e ir cortando as pontas lisas, se vc fizer alguma química agora em as pontas alisadas vai estragar seu cabelo (CP – *Web*)

(120) E a pergunta surge ***natural***: porque diabo estamos a falar da paixão dum cão por ossos velhos (CP – *Web*)

(121) Nada surge ***natural***, e pessoa que age dessa forma, acaba se cansando e sendo decepcionada (CP – *Web*)

Os resultados que obtivemos a respeito da relação entre a função semântica exercida pelos advérbios em *-mente* e a correspondência destes com adjetivos adverbiais estão resumidos na tabela 06.

³⁵ O Corpus do Português Web mostra muitas ocorrências de *natural* em função adverbial. Com o verbo *crescer*, aparecem 14 ocorrências: “agora é esperar o cabelo crescer ***natural*** mesmo”. Com *sair*, aparece 8 vezes: “e o fastscoop sai ***natural*** e sem grande esforço”. Com *surgir* também aparecem ocorrências: “E a pergunta surge ***natural***: porque diabo estamos a falar da paixão dum cão por ossos velhos”.

Tabela 06 – Advérbios em *-mente*: correspondência vs. função

FUNÇÃO		CORRESPONDÊNCIA		Total
		Possibilidade	impossibilidade	
qualificador	Contagem	7	53	60
	% em FUNÇÃO	11,7%	88,3%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	19,4%	30,8%	28,8%
intensificador	Contagem	0	25	25
	% em FUNÇÃO	0,0%	100,0%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	0,0%	14,5%	12,0%
modalizador	Contagem	17	57	74
	% em FUNÇÃO	23,0%	77,0%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	47,2%	33,1%	35,6%
circunstanciador	Contagem	1	18	19
	% em FUNÇÃO	5,3%	94,7%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	2,8%	10,5%	9,1%
focalizador	Contagem	11	18	29
	% em FUNÇÃO	37,9%	62,1%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	30,6%	10,5%	13,9%
ordenador	Contagem	0	1	1
	% em FUNÇÃO	0,0%	100,0%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	0,0%	0,6%	0,5%
Total	Contagem	36	172	208
	% em FUNÇÃO	17,3%	82,7%	100,0%
	% em CORRESPONDÊNCIA	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: a autora

Consoante com os resultados obtidos por Barbosa (2006), a função de qualificador apresentou um alto índice de impossibilidade de correspondência da forma em *-mente* com a forma adjetiva. Apesar de este resultado já ser esperado, supúnhamos que, em relação à possibilidade de substituição por adjetivo adverbial, os itens que funcionaram como qualificador fossem se mostrar mais frequentemente

possíveis de substituição que itens que exerceram outros tipos de funções, já que a função de qualificador é a mais recorrente entre os adjetivos adverbiais.

Entretanto, apesar de a impossibilidade ter sido mais representativa em todas as funções, as funções de modalizador e de focalizador apresentaram uma porcentagem de possibilidade maior, já que, das 74 ocorrências de modalizadores, 23% apresentaram possibilidade de correspondência, e, das 29 ocorrências de focalizador, 37,9% representaram correspondência possível, conforme observamos nos exemplos (122-123):

(122) ALFREDO: É uma acusação imerecida. Não dei ainda motivos...
EDUARDO: Estou convencido disso, e é ***justamente*** para que não os dê e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o a vir aqui esta noite. Quero apresentá-lo a minha família. (DF – séc. XIX)

(123) THOMAS : É essa a comida que a gente tanto esperava?!
SEVERINO : ***Exatamente***. Colocam aqui toda sexta-feira. (MM – séc. XXI)

Os intensificadores não apresentaram possibilidade nenhuma de correspondência, assim como a única ocorrência que tivemos de ordenador (exemplo 124), o que supomos se deve ao escopo nominal no qual advérbios como esses incidem. Ao que nos parece, quando o advérbio derivado atua sobre um escopo nominal, a substituição por um correspondente simples é bloqueada, por gerar imprecisão a respeito da função exercida pelo item, se adjetival ou adverbial, como vemos nos exemplos a seguir.

(124) MARINA - (fria) Traduzindo ou adaptando alguns panfletos, consegui se eleger vereador na sua terrinha natal... Adaptando depois alguns manifestos para discursos em praças públicas, chegou a deputado... e ***finalmente***... GENERAL - Isso é mentira! MARINA - ...editou o primeiro livro, PLAGIANDO o ideólogo fascista : "A família: célula mater da sociedade" , seu livro de cabeceira... (DV – séc. XX)

(125) AZEVEDO: ***Decididamente*** volto a Paris, meus senhores! (DF - séc. XIX)

(126) TIO RAUL: Ah, não? Mas o médico me descreveu o teu tipo ***exatamente***... (PMT – séc. XX)

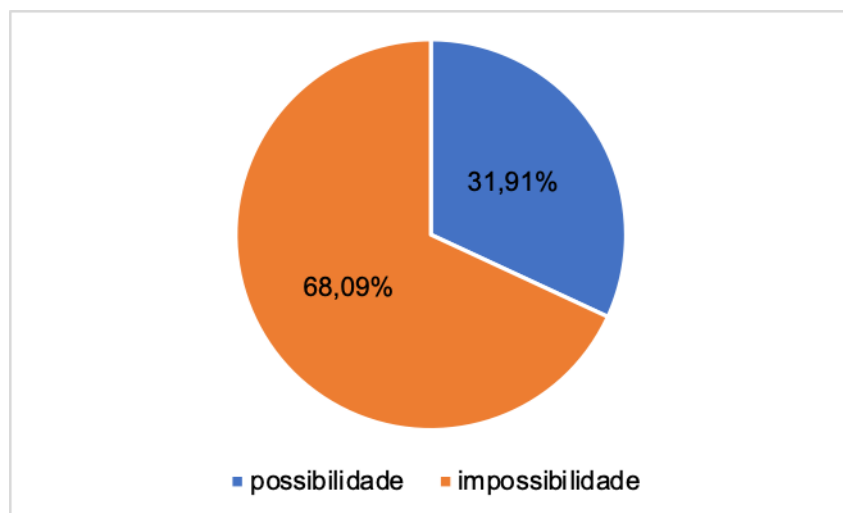
No que tange aos circunstanciadores, a única ocorrência em que houve correspondência entre advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais foi com o item *brevemente*, cuja forma *breve*, como veremos na próxima seção, também figurou entre os adjetivos adverbiais que encontramos e também apresentou possibilidade de substituição.

(127) RAPHAEL - Não era, porque a tia Onistalda tractava-o por senhor. Uma suspeita instintiva, que não pude vencer, fez-me parar na esquina. O embuçado parecia pedir alguma cousa que lhe era negada, até que tirando um objecto branco, que julgo ter sido uma carta, entregou-o á velha e desapareceu. Mostrei-me então. A tia Onistilda estava confusa.... eu não lhe disse palavra.... Confesso que envergonhei-me de patentear a minha espionagem. Pretendo dar-lhe alguma gratificação e despedi-la *brevemente*, pois não preciso de correios em casa. (SL – séc. XIX).

5.3 Dos adjetivos adverbiais

Assim como determinados advérbios em *-mente* não podem ser substituídos por adjetivos adverbiais, estes também nem sempre podem ser trocados por aqueles. Em nosso *corpus*, coletamos 47 ocorrências de adjetivos adverbiais, e destas apenas 31,91% admitiram substituição, como se verifica no Gráfico 03.

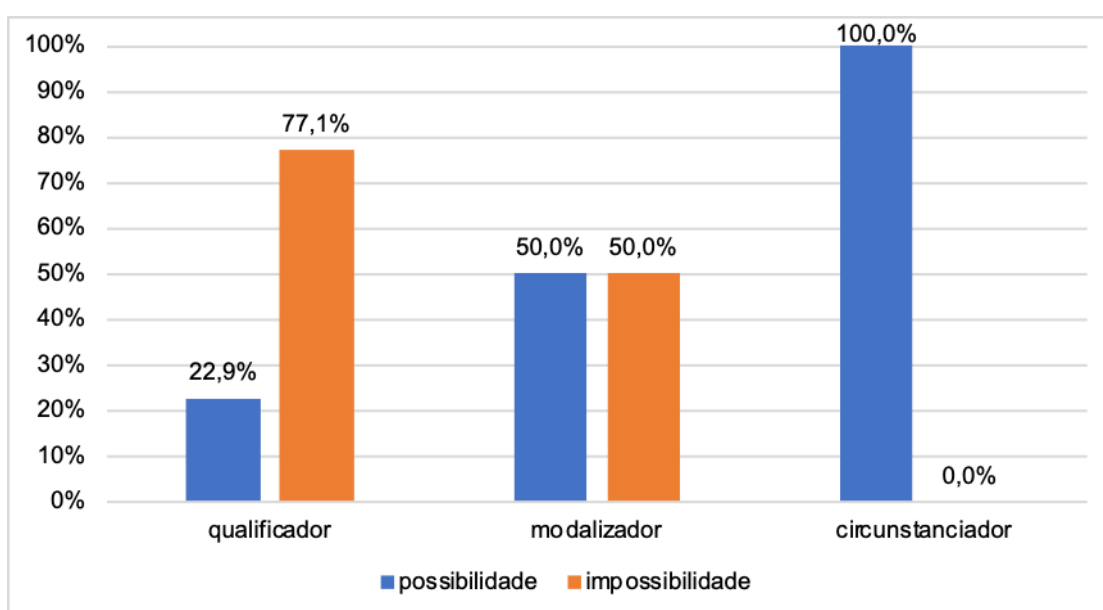
Gráfico 03 – Possibilidade de substituição de adjetivos adverbiais por advérbios em -*mente*



Fonte: a autora

Assim, como fizemos ao analisar os advérbios em *-mente*, no que concerne ao tratamento dos adjetivos adverbiais, também estabelecemos a correlação entre a forma e as funções por ela exercidas. Os resultados, apresentados no Gráfico 04, corroboram os expressos no Gráfico 03 acerca das formas em *-mente*.

Gráfico 04: Frequência da troca de AA por Advérbios em *-mente*



Fonte: a autora

Ao examinar a possibilidade de correspondência de advérbios em *-mente* por adjetivos adverbiais, identificamos a impossibilidade destas formas substituírem aquelas quando se expressa a função de intensificador e de ordenador. Além disso, identificamos apenas uma possibilidade de correspondência de circunstanciador, visto que consideramos ser possível a substituição do item *brevemente* por *breve*.

Ao analisar as formas adjetivas presentes em nosso *corpus* confirmamos o uso da forma *breve*, já no início do século XX, e a impossibilidade de uso destas formas para expressar a função de intensificador, o que corrobora também com os estudos de Zambi (2010), segundo a qual tais itens não costumam exercer a função de intensificador porque não figuram em sintagmas verbais interpostos entre o verbo e um adjetivo, nem entre o verbo e um advérbio.

Entre as funções exercidas por adjetivos adverbiais, a de qualificador, como supúnhamos, foi a mais frequente, como vimos no gráfico 04, e a que apresentou um número maior de itens adjetivais, como se vê na tabela a seguir.

Tabela 07 – Diversidade de adjetivos adverbiais por função (continua)

TERMO	FUNÇÃO			Total
	qualificador	modalizador	circunstanciador	
alto	2	0	0	2
baixo	5	0	0	5
baixinho	2	0	0	2
diretinho	1	0	0	1
rápido	1	0	0	1
direito	3	0	0	3
sério	1	1	0	2
esquecido	1	0	0	1
melhor	0	1	0	1
pronto	0	1	0	1
breve	0	0	2	2
exato	0	2	0	2
legal	5	0	0	5
claro	0	4	0	4
evidente	0	1	0	1
independente	1	0	0	1
grosso	1	0	0	1

Tabela 07 – Diversidade de adjetivos adverbiais por função
(conclusão)

TERMO	FUNÇÃO			Total
	Qualificador	modalizador	Circunstanciador	
firme	1	0	0	1
direitinho	1	0	0	1
feio	3	0	0	3
leve	2	0	0	2
bonito	1	0	0	1
direto	4	0	0	4
Total	35	10	2	47

Fonte: a autora

No que tange à possibilidade de substituição das formas adjetivas por formas em *-mente*, supomos que os casos de impossibilidade ocorrem: a) quando a forma em *-mente* não faz parte do inventário da língua, por exemplo, formas como *baixamente*³⁶; ou b) quando a forma em *-mente* não atua nos mesmos contextos em que a forma adjetiva, como o item *altamente*, que não atua como qualificador.

Para atestar tais hipóteses, nas seções seguintes, discutiremos os resultados que obtivemos, tal como fizemos com os advérbios em *-mente* na seção anterior, mas também buscaremos no Corpus do Português as formas em *-mente* correspondentes aos adjetivos adverbiais que consideramos, inicialmente, como impossíveis de substituição.

Como o número de ocorrências coletadas com adjetivos adverbiais foi pequeno, não será necessário nos restringirmos à análise dos itens mais recorrentes. Portanto, discutiremos item a item, considerando os que apresentaram possibilidade de correspondência, os que não apresentaram e os que se comportaram ora como de correspondência possível, ora impossível, a depender do contexto.

³⁶ A julgar pelo Corpus do Português, no português europeu, parece ser comum a forma *baixamente*, No PB vimos uma ocorrência: “As orelhas são malformadas e baixamente implantadas”. No PE: “E infelizmente saíra-lhe este dito, pitoresco sim, mas baixamente popular”; “fora indigno de viver quem tão baixamente a suplicasse”.

5.3.1 Adjetivos adverbiais passíveis de substituição por formas em *-mente*

Os itens *rápido* e *firme* ocorreram apenas uma vez cada, atuaram como qualificadores verbais passíveis de substituição pela forma em *-mente*, como se vê nos exemplos a seguir.

(128) THOMAS: (esbaforido) Aff! Aquelas duas mulheres me reconheceram e veio um monte de gente me bater. SEVERINO: Coitadinho! Se esconde **rápido**. (MM – séc. XXI)

(129) RÔ – (...) Para esclarecer, vou contar exatamente com tudo aconteceu... e se eu mentir que a Ira Divina caia sobre a minha cabeça! JUJÚ - Vai **firme**, coroa! Mete bronca! (MQF – séc. XXI)

Os itens *exato*, *evidente* e *breve*, por outro lado não atuaram como qualificadores, mas também permitiram a substituição pelos correspondentes *exatamente*, *evidentemente* e *brevemente*. Os dois primeiros atuaram como modalizadores e o último como circunstanciador, como se verifica nos exemplos abaixo.

(130) POLA NEGRI — (...) Manequim 42. GLORINHA (Intimidada) — **exato**. (PMT – séc. XX)

(131) GLORINHA (Crispada) —Nair? TIO RAUL (Com falsa naturalidade) — Sim, **exato**, Nair, essa que vinha aqui, que deixou de vir, Nair, perfeitamente. Tens visto? (PMT – séc. XX)

(132) JUDITE Sair para não voltar? TIO RAUL Mas **evidente**, para não voltar! (PMT – séc. XX)

(133) Flor-de-Maio – **breve** eu me casarei e/deixarei tudo... (FM – séc. XX)

(134) D. Maria – Tenha calma minha filha!/Por que queima o seu alento? Ele voltará **breve**!... (FM – séc. XX)

Como se vê nos exemplos (130), (131), e (132), as formas *exato* e *evidente* atuam do mesmo modo que *exatamente* no exemplo (84), já mencionado, são modalizadores asseverativos, assim como a forma *perfeito*, em (23), classificada por Zambí (2010) como modalizador de sentença.

Por fim o item *breve*, exemplificado em (133) e (134), foi o único exemplo que encontramos de adjetivo adverbial atuando como circunstanciador, resultado que corrobora o apresentado na tabela 06, na qual a única forma de circunstanciador em *-mente* que se mostrou possível de substituição por adjetivo adverbial correspondente foi *brevemente*.

5.3.2 Adjetivos adverbiais que não permitiram substituição por formas em *-mente*

No que concerne às formas que se mostraram impossíveis de correspondência com advérbios em *-mente*, a maior parte destes itens funcionou como qualificador: *alto, baixo, baixinho, direitinho, direito, legal, grosso, feio, leve, bonito*. Apenas 03 atuaram como modalizadores asseverativos, como vemos nos exemplos a seguir:

(135) AGENOR- (...) Olha, eu estou telefonando porque vimos pela janela uma viatura da Polícia Federal lá em baixo, na frente do prédio e logo depois ouvimos um tiro... foi no prédio? (TEMPO. ESCUTA) Ah, dever ter sido no prédio vizinho... graças a Deus, não é? Polícia Federal não é de brincadeira. (TELEFONE) **Claro, claro**... também não vejo razão nenhuma para a Polícia Federal vir ao nosso prédio. Não devemos nada a eles, não é mesmo? (BC – séc. XXI)

(136) ISOLINA- (TELEFONE) **Claro, claro**... Vou conversar com ela. (BC – séc XXI)

(137) GENIVAL- Bobagem? É isso que eles merecem sim... merecem por nos fazer acreditar em suas promessas mentirosas! Em suas palavras enganadoras e traiçoeiras! Em esperanças que nunca se realizam! Em sonhos! Quando estão em campanha prometem tudo, vão resolver tudo. Este será o melhor país do mundo. Nada vai faltar a ninguém... mas quando são eleitos somem e até a outra eleição não dão mais satisfações a ninguém... só ao bolso deles, **claro**. E quatro anos depois começa tudo de novo... e nós, idiotas, acreditamos nas promessas e voltamos novamente neles. (BC – séc XXI)

Assim como os modalizadores passíveis de correspondência, esses também exerceram a função semântica de modalizadores asseverativos. A ocorrência (137) foi a única que encontramos em que a forma adjetiva adverbializada predica a fala do próprio enunciador. Neste exemplo, personagem

Genival usa *claro* para reforçar o teor de evidência, de obviedade de sua asserção acerca do comportamento dos políticos após as eleições.

Nas demais ocorrências de modalizadores, tanto nas em que houve possibilidade de correspondência das formas em *-mente*, como nas em que não houve, tais itens figuraram em contexto de conversação no qual o enunciador inicia seu turno de fala com a modalização do conteúdo enunciado por seu interlocutor. Tal uso, vale frisar, já foi atestado por Neves, (2011, p. 249-250), segundo a qual, nesse tipo de caso, o modalizador possibilita a predicação da fala do interlocutor sem que o enunciador necessite repeti-la, como em:

- Se você recorrer à História, verá que as concepções variaram.
- Exatamente (FIG)
- (=Exatamente: Se você recorrer à História, verá que as concepções variaram.)

A propósito cumpre ressaltar que adjetivos adverbiais não parecem ser capazes de funcionar como modalizadores de qualquer espécie, mas especificamente como asseverativos, já que todas as ocorrências de modalizadores de adjetivos adverbiais que encontramos em nosso *corpus* são asseverativos e as formas em *-mente* asseverativas foram as únicas que apresentaram possibilidade de correspondência.

(138) AZEVEDO: **Decididamente** volto a Paris, meus senhores! (DF – séc. XIX)

(139) Dona MARIA – Senhor poeta Falcão, apresento-lhe aqui o meu filho Roberto. | FALCÃO – Tenho mais êste prazer em conhecer um membro da família a que já estou **espiritualmente** ligado... (FM – séc. XX)

Em (138), caso a forma *decidido* substituísse o modalizador atitudinal *decididamente*, não teria função adverbial, exerceria função adjetiva, atuando como predicativo. Já em (139), o cambiamento do delimitador *espiritualmente* por *espiritual* ocasionaria agramaticalidade, uma vez que a posição intercalar entre o verbo copulativo e o nome predicativo não pode ser ocupada pelos adjetivos adverbiais, mas apenas por advérbios prototípicos.

No que concerne aos itens *alto* e *baixo*, as ocorrências que encontramos dimensionam a emissão vocal, qualificando verbos de ação verbal, como se verifica nos exemplos (140) – (142).

(140) RAPHAEL, severo. Escreveram-te, Luiza? | LUIZA, com serenidade.
- Sim, mano. Foi elle. Quer lêr?–Não ha mais segredos entre nós. Leia **alto**, que eu não posso; tenho uma nuvem sobre os olhos. (SL – séc. XIX)

(141) VICTORINO. (...) A senhora interrogue sua consciencia, ella lhe responderà bem **alto**. (SL – séc. XIX)

(142) E' o padrinho que empurrou a porta. Falle mais **baixo**, senhor.... ou antes não falle.... sáia! (SL – séc. XIX)

Consideramos os itens *alto* e *baixo* impossíveis de correspondência em *altamente* e *baixamente* em todas as ocorrências que encontramos, visto que a forma *baixamente* seria agramatical e a forma *altamente* não atua como qualificador, mas apenas como intensificador.

Com base nos estudos de Moignet, que busca identificar o porquê de alguns itens, tratados como adjetivais serem resistentes à adverbialização em *mente*, Biderman (2001) defende que itens como *baixamente* e *altamente* são asemânticos porque as formas adjetivas que lhe servem de base expressam noção de espaço. Conforme Moignet (*apud* BIDERMAN, 2001), adjetivos que significam noções de espaço, de cor, assim como os de vocabulário técnico e os que se aplicam a seres animados, são semanticamente impossibilitados de sofrer adverbialização.

Há de se fazer ressalva sobre a possibilidade de *altamente* funcionar como intensificador, a autora admite que tal uso é comum na língua portuguesa e defende que esta forma sofreu mutação semântica, assim “nela não existe mais latente o significado espacial de altura.” (BIDERMAN, 2001, p. 291).

Lima (2010), calcado na classificação de adjetivos proposta por Kerbrat-Orecchioni (1980), na qual a autora identifica os tipos de adjetivos objetivos e subjetivos, reconhece haver uma tendência à formação em *mente* a partir de adjetivos subjetivos afetivos, enquanto os subjetivos avaliativos (não axiológicos e, especialmente, os axiológicos) seriam mais resistentes a tal formação. Assim, o autor também reconhece *baixamente* como agramatical e relaciona a

impossibilidade de tal formação à classificação avaliativa não axiológica da base *baixo*.³⁷

A fim de ratificar a impossibilidade de uso das formas *altamente* e *baixamente*, buscamos no Corpus do Português por tais formas. Embora pouco frequentes, há ocorrências de ambas as formas funcionando como qualificador verbal, como se verifica a seguir:

(143) Eu creio bem, Senhor, que esta sede era por nossa saúde, que tanto desejaste, que por ella morreste cruelmente". Entom lhe derom fell e vinagre e, gostado, nom no quis beber. Dês i, disse **baixamente**: "Acabado he". (CP – *Gênero/Histórico* – séc XV)

(144) A mua lhe respondeo cortesamente: -Tu falas **altamente**, como sse tu fosses muy poderosa! Ca eu nom temo ty, mays temo este azemell que me atormenta e faz em mym quanto mall quer. (CP – *Gênero/Histórico* – séc XV)

(145) Que direes se o nosso inmiigo antigo vier a nos? E a cabo de pouco começou de dizer **altamente** por tres vezes: -- Fuge, fuge mezquinho. Creemos que vio Christo viir com os sanctos e porem disse aquello ao diabo. (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XVI)

No que tange especificamente às ocorrências de *baixamente*, embora este item apresente frequência muito baixa, comporta-se de forma semelhante à *altamente*, de uso mais recorrente. Em séculos mais remotos, o item era capaz de atuar como qualificador; mais recentemente atua apenas como intensificador.

(146) Nem a idade, nem a obesidade (que lhe viera nos últimos anos), nem o respeito dos próprios cabelos grisalhos a retiveram, e, possuída de uma chama tardia mas exigente, trocou a delícia toda moral de apoiar a ilustre carreira do sobrinho, pelos encantos **baixamente** materiais de um esposo robusto. (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XX)

(147) O que ele estava preparando, desde o começo do discurso de Gomes Barreto, era esta bela frase: « Nós chamamo-nos o Progresso e

³⁷ Entretanto Lima (2010) reconhece haver outros itens também classificados como subjetivos avaliativos que podem ser adjungidos de *-mente* e, portanto, acaba assumindo não haver possibilidade de estabelecer uniformemente que tipos de adjetivos podem receber o afixo *-mente*.

vamos para a Liberdade » E infelizmente saíra-lhe este dito, pitoresco sim, mas **baixamente** popular. (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XX)

Cumprê notar ainda que tais formas expressam a ideia de grau, como se vê em (148), ocorrência extraída da plataforma Now do Corpus do Português,³⁸ na qual *altamente* e *baixamente* expressam, respectivamente, o mais alto e o mais baixo grau de perigo.

(148) Mesmo tratando-se de um delinquente, “**altamente** ou **baixamente**” perigoso, ele é um ser humano e não se pode denegar assistência médica e medicamentosa mas, ao que parece, para a Polícia deste regime, isso pouco importa. (CP - *Now*)

Os demais qualificadores que apareceram em nosso *corpus* e foram considerados impossíveis de serem substituídos por advérbios em *-mente* correspondentes foram *grosso*, *feio*, *bonito*, *legal*, *direito* e *leve*. Embora a maioria dos advérbios em *-mente* correspondentes a tais itens não se enquadre na descrição de Moignet relativa aos casos de resistência à adverbialização, nota-se que ocorrências como (149) – (155) não costumam ser constituídas com formas em *-mente*.

(149) PEDRO: Pedro tem manha muita, mais que Sr. Fígaro! Há de arranjar casamento de Sf. Moço Eduardo com sinha Henriqueta. Nhanhã não sabe aquela ária que canta sujeito que fala **grosso**? (Cantando) "La calunia!.." (DF – séc. XIX)

(150) THOMAS: Ei, vê se se limpa **direito**. Já me basta esse bafo de álcool! Severino sai. (MM – séc. XXI)

(151) MÉRCIA - (CHILIQUE, NERVOSA) Pára com isso e vê se fala **direito**. (MQF – séc. XXI)

(152) JUJÚ - Pega **leve** mucrêia, tá lá deixa ficar. (MQF – séc. XXI)

³⁸ A aba Now do Corpus do Português é constantemente atualizada, crescendo cerca de 20 a 25 milhões de palavras por mês. Atualmente, esta aba contém aproximadamente 1.4 mil milhões de palavras de textos de jornais e revistas online desde 2012 até à atualidade.

(153) JUJÚ - Essa velha é a maior gagá, piradona, já esclerou **feito**. (MQF – séc. XXI)

(154) RÔ - Foi o que o espírito de luz disse... ele falou também que devemos esquecer as acusações entre nós, sumir com o corpo e dar por encerrado este assunto. Quem tirou a vida dele não prestará contas na terra, mas no céu...a Deus e a ninguém mais. JUJÚ - Falô **bonito**. Puta moral tem esse guia... com isso ele limpou a área. (MQF – séc. XXI)

(155) JUJÚ - (ASSUSTADO) Pirou FEIO! Embarcou **legal!** (MQF – séc. XXI)

A fim de verificar os contextos de uso dos advérbios em *-mente* correspondentes aos adjetivos adverbiais nos exemplos acima, fizemos a busca dos itens *grossamente*, *feicamente*, *bonitamente*, *legalmente*, *direitamente* e *levemente* na aba histórica e na aba *Now* do Corpus do Português. No concernente à forma *grossamente*, ela consta em apenas 16 ocorrências na aba histórica do Corpus do Português e em apenas 01 na aba *Now*. Nas poucas ocorrências encontradas no CP, tal forma atuou ora como qualificador ora como intensificador:

(156) A qual notificação aproveitou muito em nosso favor; ca estes mercadores se ajuntaram e foram a el-Rei, requerendo-lhe que aceitasse qualquer condição de paz; e que se era por dinheiro, já lhe tinham dito que todos contribuiriam **grossamente** nisso, que melhor era que o pagasse a fazenda, que perecer tanta gente.

(157) 2 tomates picados # 1 maçõ de cheiro verde # 1 ramo de manjeriçõ # 1 ramo de alecrim picado # 1 ramo de manjeriçõ picado **grossamente** (CP - Now)

Ao contrário do que ocorre em (156), no contexto de (157), o uso de *grosso* em lugar de *grossamente* ocasionaria uma interpretação ambígua, já que *grosso* poderia ser tomado como adjetivo de manjeriçõ ou como advérbio, expressando o modo como o manjeriçõ seria picado.

A forma *feicamente* apresentou uma frequência baixíssima no CP. Encontramos apenas 06 ocorrências, sendo 04 da aba histórica (séc. XIX e XX) e 02 da aba *NOW*, como se verifica em (158) – (160).

(158) Vem, que a maldita me acompanha por toda a parte e me cheira como o cão à cadela! Vem de pressa; não a deixes saciar no meu corpo de virgem os seus apetites lascivos! Não me deixes assim, amado do meu coração, cair tão **feiamente** em pecado de impureza e luxúria! (CP – *Gênero/Histórico* – séc. XV)

(159) Esta festa de um tempo antes do tempo não foi uma reforma estrutural, mas a gênese de uma mudança de atitudes. Um exemplo de qualidade em relação a um país desfigurado por a voragem **feiamente** construtiva das duas décadas anteriores. (CP – *Now*)

(160) Cintura subida: a moda ainda não pegou muito por cá, excepto entre pessoas acima de os 78 anos. O que é uma pena, porque estas cinturas subidas são ótimas para esconder os Kit Kats emborcados **feiamente** ao longo de todo o inverno. (CP – *Now*)

Também encontramos ocorrências com o item *bonitamente*. Ainda menos frequente que a forma *feiamente*, o item aparece em apenas 02 ocorrências na aba *Now*:

(161) É no Natal que o Fortnum's se enche de ingleses, escoceses e galeses. / Durante o resto do ano são mais os turistas que visitam, comprando parvoíces **bonitamente** embaladas, como o péssimo chá em saquinhos. (CP – *Now*)

(162) Belo: "Eu vou resumir, mas resumir assim **bonitamente**: eu não sei como é que se despeja alguém da sua própria casa. É só isso que eu tenho pra dizer" (CP – *Now*)

Como levam a crer os exemplos acima, tais formas parecem atuar como qualificadores, nos exemplos (158), (159), (160) e (161), uma vez que, embora atuem também sobre formas verbais não prototípicas como os participios *emborcados* (160) e *embalada* (161), podem ser entendidos como “de modo feio” em (158) e (160) e “de modo bonito” em (161) e (162).

Já em (159) *feiamente* parece estar a meio caminho entre a noção de qualificador e de intensificador. O item atua sobre o adjetivo *construtiva*, ao nosso ver, expressando uma ideia de intensificação negativa, similar a *pouco*. Acreditamos guardar ainda traços de qualificador porque apresenta ainda alta transparência composicional de base atributiva.

No que concerne aos itens *direitamente* e *levemente*, estes se mostraram bastante recorrentes. O primeiro consta em 98 ocorrências na aba histórica e em 11

na aba Now. Ao que parece a frequência desse item está em queda, como se pode verificar na figura 05, extraída do CP. O segundo, ao contrário, parece se tornar cada vez mais frequente, visto que figura em 612 ocorrências na aba histórica e em 5615 na aba Now.

Figura 05: Frequência de *direitamente* no CP

CONTEXT	ALL	1200s	1300s	1400s	1500s	1600s	1700s	1800s	1900s
DIREITAMENTE	98		1	27	24	18	14	10	4

Fonte: Print de tela do site *Corpus do Português*.

O item *legalmente* constituiu 181 ocorrências na aba histórica e 11.151 na aba Now. Vale ressaltar que, assim como constatou Barbosa (2006), a substituição de *legal* por *legalmente* não ocasiona, em diversos contextos, agramaticalidade, mas provoca uma mudança de sentido. Ao contrário do que defende Moignet (*apud* BIDERMAN, 2001), segundo o qual adjetivos que expressam noções técnicas geralmente são resistentes à adverbialização em *-mente*, a forma *legalmente* expressa, em contexto adverbial, a ideia de conformidade com a lei, acepção técnica expressa pela forma *legal* apenas em contexto adjetival.

5.3.3 Adjetivos adverbiais de substituição ora possível ora impossível

Por fim, os itens *direto* e *sério* figuraram tanto em ocorrências em que era possível a troca pelos advérbios em *-mente*, como em ocorrências em que essa alternância foi considerada impossível, como se vê em (163) – (169).

(163) Raphael - Scisma? -Pois vão ouvindo. Hoje, ao levantar-me, fui **direto** á janella e abri-a. Por dentro do postigo, que casualmente ficára aberto, ví eu.... advinhem o que!... uma rosa branca. (SL – séc. XIX)

(164) RÔ - (NERVOSA) Que absurdo! Saí por último porque a Santinha ficou me pertubando... cheguei a menos de dez minutos e fui **direto** para a cozinha fazer uma canja para nós... nem olhei para ele. (MQF – séc. XXI)

(165) THOMAS: Dormir agora?! Mas se eles passarem **direto**? (MM – séc. XXI)

(166) Perdôe... eu não fallava sério. (Ironico). Bem sei que a senhora não cubiça essas honras... não busca os que estão ácima de nós. (SL – séc. XIX)

(167) SEVERINO: Daqui a pouco, tem rango de graça. THOMAS : sério?
SEVERINO: É, sim. Toda sexta-feira dão comida. (MM – séc. XXI)

Como se verifica nos exemplos acima, embora as formas *diretamente* e *seriamente* possam substituir seus respectivos correspondentes em (163), (164) e (166), não costumam ser usados em contextos como os de (165) e (167).

Tendo em vista as ocorrências identificadas, nas peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI, das formas *alto*, *baixo*, *grosso*, *feio*, *bonito*, *legal*, *leve*, *direto* e *sério*, parece-nos que a impossibilidade de substituição de adjetivos adverbiais por formas em *-mente* não se deve, como havíamos suposto, à inexistência, no inventário lexical, de uma forma correspondente em *-mente*. Supúnhamos ser este o motivo da impossibilidade de substituir, por exemplo, formas como *baixo*, *feio* e *bonito* (como nos exemplos 142, 153, 154) por, respectivamente, *baixamente*, *feiramente* e *bonitamente*.

Todavia identificamos, no Corpus do Português, o uso de todas as formas em *-mente* correspondentes aos adjetivos adverbiais. Assim, mesmo que alguns itens tenham apresentado frequência muito baixa — como foi o caso de *baixamente*, *feiramente* e, sobretudo, de *bonitamente* — não podem ser tomados como agramaticais, ou seja, como inexistentes no inventário da língua portuguesa. Ao que nos parece, as formas *baixo*, *feio*, *bonito* são usadas adverbialmente não por um bloqueio sistêmico das formas *baixamente*, *feiramente* e *bonitamente*, mas por uma tendência de uso.

Levantamos ainda a hipótese de que alguns advérbios em *-mente*, como *altamente*, não atuam nos mesmos contextos em que os correspondentes adjetivais por exercerem funções distintas das que estas exercem. De fato, alguns itens parecem ter se especializado em determinadas funções. O par *alto/altamente* mostra-se como um bom exemplo dessa característica, visto que o primeiro atua como qualificador e o segundo, embora tenha, em séculos mais remotos, exercido esta mesma função, passou atualmente a atuar essencialmente como intensificador, função não exercida por formas adjetivas adverbializadas.

A análise dos dados nos mostrou ainda que a impossibilidade de substituição em certos contextos se deve à lexicalização de algumas construções VERBO + AA.. Este parece ser o caso de *falar grosso*, *pegar leve*, uma vez que tais construções parecem já ter dado entrada no inventário lexical de nossa língua, sendo interpretadas holisticamente, sem que haja a análise interna de suas partes (LEHMANN, 2002). O uso das aspas na expressão *pegar leve*, em (168) exemplifica bem essa percepção holística da construção. Nesse exemplo a expressão *pegar leve* é antônima de *pegar pesado*.

(168) Não precisa ser atleta nem radical. Mas, se a onda da sua mãe é o esporte, que tal uma trilha urbana? Se a ideia é “**pegar leve**”, a boa pode ser uma caminhada em pista plana, como a da Claudio Coutinho, na Praia Vermelha, com o mar de um lado e o Morro da Urca de outro. (CP – *Now*)

Ao que nos parece, tais formas estão mais lexicalizadas que construções como *falar baixo* (exemplo 142), *falar direito* (exemplo 151). Em construções com *falar* e *pegar* é possível: (a) a inserção de um elemento intensificador intercalado entre o adjetivo adverbial e o verbo (como se observa nos exemplos 169, 170, 172 extraídos da aba *Now* do Corpus do Português) e (b) a flexão verbal (como nos exemplos 171, 172). Contudo, nas construções mais lexicalizadas como *pegar leve* e *falar grosso*, não parece ser possível a variação sintética em grau como ocorre em *falar baixinho*, *falar bonitinho*, como se vê nos exemplos (169-172).

(169) Eu estava em um estado de consciência mais elevado. Era uma época que eu tomava LSD, ayahuasca... E quando chegamos lá, estávamos programados para tocar 12 horas depois, então usamos drogas para nos soltar. Só que um produtor apareceu mandando a gente correr para o palco, duas horas depois. Eu olhava para o público e parecia uma ameba de cores, achava que minha guitarra era uma cobra... Fiquei repetindo mantras e pedindo a Deus “me permita tocar afinado e no ponto certo, prometo **pegar mais leve**”. E funcionou, todos amaram o show. (CP - *Now*)

(170) O carnaval está no meio, teve gente se acabando nas ruas sábado e domingo, ou virando a noite vendo desfile na TV, e a nossa dica é **pegar um pouco mais leve** na segunda. (CP - *Now*)

(171) É dada a largada oficial para o carnaval. Mas, para quem ainda trabalha na sexta e pretende se esbaldar a semana inteira, é de bom tom **começar pegando leve**. (CP – *Now*)

(172) Todo mundo fala em “azul Klein” e esquece do “azul Frida”. Pintei uma sala inteira num projeto em São Paulo e **peguei mais leve** no restante. (CP – *Now*)

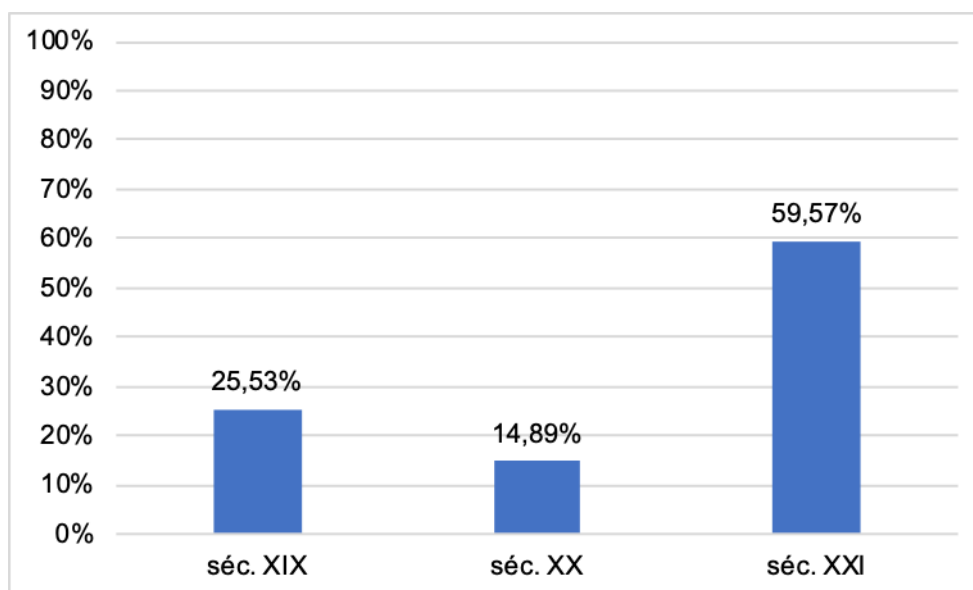
A impossibilidade de substituição nessas construções corrobora os resultados de Company (2017), que, ao investigar o comportamento dos adjetivos adverbiais em espanhol, já aponta a tendência de formação de construções lexicalizadas devido à forte coesão que adjetivos adverbiais estabelecem com o verbo. Desse modo, o item *levemente*, embora extremamente recorrente na língua portuguesa – figurando em mais de 5000 ocorrências na aba *Now* do Corpus do Português e em mais de 1000 na aba histórica – não é capaz de substituir a forma *leve*, porque esta compõe com o verbo um todo significativo, uma expressão idiomatizada.

5.4 Quanto à mudança linguística dos adjetivos adverbiais

A gramaticalização de adjetivos adverbiais parece ser uma tendência das línguas românicas. É o que sinalizam os estudos de Barbosa (2006), Hummel (2002a;), no que tange à língua portuguesa; e de Company (2017) e Hummel (2012) no que concerne à língua espanhola.

Embora tenhamos constatado que adjetivos adverbiais têm uma frequência bem menor que os advérbios em *-mente*, ficou claro que, com o passar do tempo, tais formas estão se tornando mais recorrentes, como se confere no gráfico a seguir.

Gráfico 05 – Frequência dos adjetivos adverbiais nos séculos XIX, XX e XXI



Fonte: a autora

Como podemos conferir no gráfico 05, 59,57% das 47 ocorrências de adjetivos adverbiais que identificamos ocorreram no século XXI, o que indicia o aumento da frequência dessa formação adverbial. Cumpre notar também que, embora as ocorrências do século XX tenham se mostrado um pouco menos numerosas que as do século XIX, a diferença não foi significativa estatisticamente. De todo, a diferença entre esses séculos não é estatisticamente significativa.

Além do aumento na frequência de ocorrência de adjetivos adverbiais (*token*), constatamos também um aumento da frequência de tipo (*type*), visto que, como ilustra a tabela a seguir, com o passar do tempo, mais tipos de adjetivos ocorreram em função adverbial.

Tabela 08 – Itens presentes no *corpus* nos séculos XIX, XX e XXI (continua)

TERMO	PERÍODO			Total
	XIX	XX	XXI	
alto	2	0	0	2
baixo	2	1	2	5
baixinho	0	0	2	2
diretinho	0	0	1	1
rápido	0	0	1	1
direito	0	0	3	3
sério	1	0	1	2
esquecido	1	0	0	1
melhor	1	0	0	1
pronto	1	0	0	1

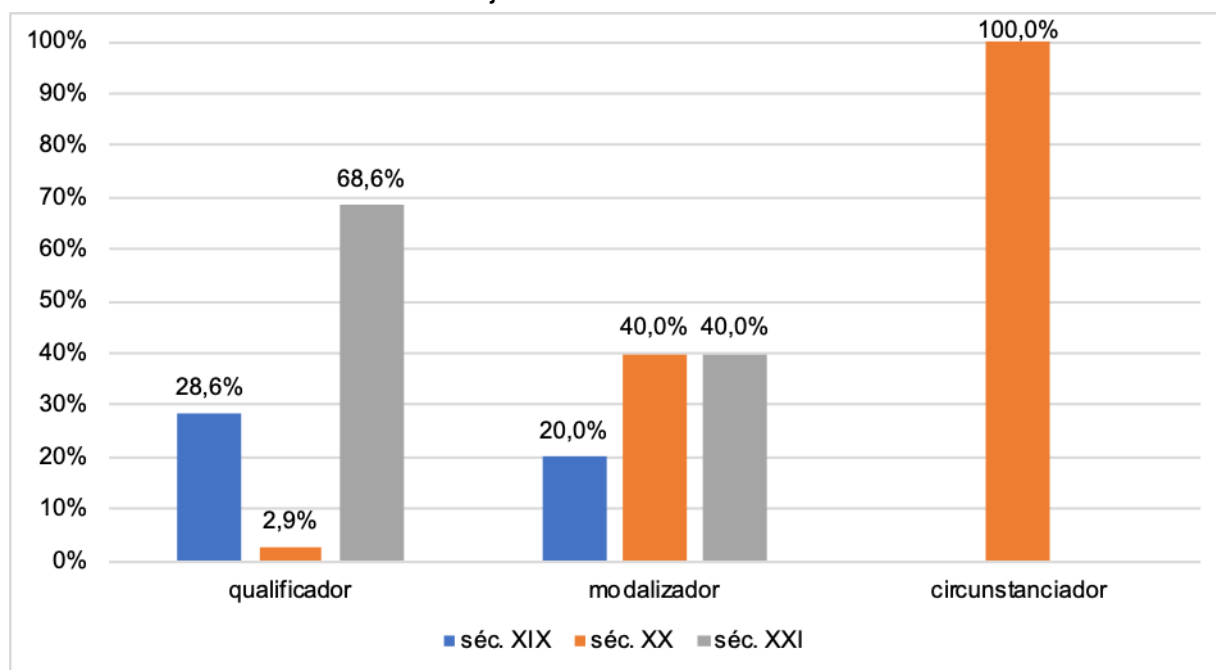
Tabela 08 – Itens presentes no *corpus* nos séculos XIX, XX e XXI (conclusão)

TERMO	PERÍODO			Total
	XIX	XX	XXI	
breve	0	2	0	2
exato	0	2	0	2
legal	0	0	5	5
claro	0	1	3	4
evidente	0	1	0	1
independente	1	0	0	1
grosso	1	0	0	1
firme	0	0	1	1
direitinho	0	0	1	1
feito	0	0	3	3
leve	0	0	2	2
bonito	0	0	1	1
direto	2	0	2	4
Total	12	7	28	47

Fonte: a autora

Ficou evidente também a expansão funcional dos adjetivos adverbiais, como ilustra o gráfico 06.

Gráfico 06 – Frequência das funções semântico-pragmáticas dos Adjetivos Adverbiais



Fonte: a autora

Neves (2011) e Zambi (2010) já apontaram a possibilidade de adjetivos adverbiais atuarem como modalizadores asseverativos de início de turno, que confirmam a fala do interlocutor. Encontramos também ocorrências em que o modalizador é usado para solicitar a confirmação do próprio interlocutor, como em (130), para modalizar uma asserção do próprio enunciador, como vimos em (86). Além disso, identificamos o item *breve*, que exerce função de circunstanciador. Por fim, apesar de não termos encontrado, em nosso *corpus*, ocorrências de adjetivos adverbiais exercendo função de focalizador, apontamos, por meio da análise de formas correspondentes, como *justamente*, a capacidade de formas como *justo* exercerem esta função, incidindo, inclusive sobre nomes e pronomes, desde que ocupem posição anterior ao escopo, pois, quando tal item ocorre em posição posterior ao escopo atua, não como focalizador, mas como adjetivo, atribuindo ao escopo a noção de conformidade com a justiça.

No que concerne à função de intensificador, Zambi (2010) parece ter razão quando afirma que o bloqueio de formas adjetivas nesses contextos se deve a uma tendência de uso dessas formas, conforme a qual estas não tomam como escopo formas nominais que exercem funções de adjetivos ou advérbios, ou seja, apenas formas em *-mente* são capazes de tomar como escopo adjetivos ou outros advérbios.

Cumpramos ainda ressaltar que, além da diversidade funcional, também observamos, no século XXI, o uso de adjetivos adverbiais com valor de grau, os quais dispomos a seguir.

(173) SANTA - (SIMPATICÍSSIMA. PEQUENO POTE NA MÃO) Tudo bem, mas porque está falando **BAIXINHO**? (MQF – séc. XXI)

(174) RÔ - Quando fiquei sabendo que era cocaína quase tive troço. Jujú se você chegasse naquela hora eu acho que ele mataria nós dois. Rezei **BAIXINHO** pedindo pra Sta. Clara me iluminar... e ela me iluminou e eu tive uma idéia brilhante. (VIRA PARA GOMES, TENTANDO MAIOR NATURALIDADE POSSÍVEL) Não precisa ficar assim Dr. Ademar, daqui a pouco o meu sobrinho chega com o dinheiro... e pode ficar descansado que ele não é viciado, portanto não vai usar o pó do senhor. (MQF – séc. XXI)

(175) RÔ - Por isso temos que resolver tudo sozinhos. Lembrem que só vieram morar aqui e tentar a vida em São Paulo porque eu prometi a Nara

que tomaria conta de vocês DIREITINHO. Com que cara vou ficar se se envolverem num crime? (MQF – séc. XXI)

(176) SEVERINO: Claro. Isso que é um homem sortudo. Vejam como Papai do Céu tá chamando ele. E como é pastor, vai DIREITINHO pro Paraíso. (MM – séc. XXI)

A priori, poder-se-ia entender tais usos como um indício contrário à gramaticalização de tais formas, uma vez que a derivação em grau exigiria, conforme Macambira (1978), o entendimento do item como um adjetivo. Contudo, a própria NGB reconhece a variação de grau no advérbio e até mesmo gramáticos conservadores como Almeida (1983) admitem: *cedo/cedinho; agora/agorinha; longe/longinho*. Tais usos nos parecem, portanto, motivados pela fluidez categorial especialmente evidente entre as classes de adjetivos e advérbios, pois se adjetivos tomados por advérbios são ainda capazes de variar sinteticamente em grau, também o são advérbios prototípicos como *agorinha, devagarinho, cedinho* (NEVES, 2011).

No próximo capítulo, apresentaremos nossas conclusões, fazendo uma síntese de nossos resultados.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo estabelecer uma comparação entre as formas adverbiais prototípicas, constituídas pela adjunção de *-mente*, e formas adjetivas que funcionam como advérbios para elucidarmos as seguintes questões:

- a) O que explica a flutuação entre adjetivos e advérbios na função adverbial?
- b) Quais funções semânticas e pragmáticas são exercidas por adjetivos adverbiais e por advérbios em *-mente* ao longo dos três séculos analisados?
- c) Quais contextos sintático-semântico-pragmáticos favorecem o uso de formas em *-mente* e de formas adjetivas?

Para tanto, percorremos, na literatura, trabalhos que se dedicaram ao estudo do tema, como de Barbosa (2006), Hummel (2002a, 2002b, 2012, 2013), Foltran (2007, 2010), Zambi (2010) e Company (2017), e analisamos 390 ocorrências de advérbios em *-mente* e de adjetivos adverbiais retirados de peças teatrais dos séculos XIX, XX e XIX.

Supomos que adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente*, como categorias híbridas, tendem à flutuação porque abrigam elementos cujas características estão mais relacionadas à classe de nível superordenado, no caso, a categoria de modificador, e que os adjetivos adverbiais tendem a exercer mais frequentemente a função de modificador verbal.

No que respeita aos contextos sintático-semânticos-pragmáticos que favorecem o uso das formas em *-mente* e/ou das formas adjetivas, hipotetizamos que a impossibilidade de substituição de advérbios em *-mente* por uma forma adjetiva deveria ocorrer ou quando esta não fosse capaz de atuar como advérbio, por restrições semânticas – exercendo, assim, apenas a função prototípica de adjetivo –, ou quando não fosse capaz de exercer as mesmas funções semântico-pragmáticas que as formas em *-mente*. Por outro lado, supomos que a impossibilidade de substituição de adjetivos adverbiais por advérbios em *-mente* se devesse ou à não existência, no inventário da língua, de advérbio em *-mente*

constituído pela base adjetiva correspondente ao adjetivo adverbial, ou à diferença de funções exercidas pelas formas adverbiais simples e derivadas.

A fim de atestar tais hipóteses, analisamos as 390 ocorrências quantitativa e qualitativamente, observando função semântica, período, modalidade e alternância.

Quanto ao primeiro problema de pesquisa, observamos que, na função qualificador, adjetivos adverbiais tendem a ser vagos quanto ao valor adjetival ou adverbial, o que provocava frequente dificuldade na coleta dos dados. Essa vagueza e a impossibilidade de alternância de alguns itens indicia que adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* pertencem a uma mesma categoria superordenada, compartilhando alguns atributos, como a modificação de verbo.

No que diz respeito ao segundo problema, nossos resultados corroboram os já apontados por pesquisas anteriores (BARBOSA, 2006; ZAMBI, 2010, COMPANY, 2017). Ficou evidente que, como supúnhamos, adjetivos adverbiais atuam mais frequentemente como qualificadores, mas, em séculos mais recentes, tendem a expandir suas funções, atuando também como modalizadores asseverativos, circunstanciadores e focalizadores, embora ainda apresentem funções menos diversificadas que as de advérbios em *-mente*, como discutimos no capítulo anterior. Portanto, os adjetivos adverbiais parecem estar seguindo percurso similar ao percorrido pelos advérbios em *-mente*.

Quanto ao contexto sintático-semântico-pragmático que favorece o uso de uma forma ou de outra, os dados apontam para possível restrição semântica ligada ao escopo e ao próprio adjetivo. Observamos, por exemplo, que adjetivos, como *ansioso*, não parecem admitir a leitura [+adverbial], mas apenas a [+adjetival] em contextos como *Ele saiu ansioso*, em que temos a impossibilidade da construção “A saída dele foi ansiosa”. Já outros adjetivos, também de estado, como *alegre*, permitem a construção com valor adverbial: *Ele trabalha alegre/O alegre trabalho dele*. Talvez a restrição do adjetivo *ansioso* se deva ao fato de exigir o traço [+humano], enquanto *alegre* tem maior extensão, pode ser aplicado também a propriedades, coisas e eventos. Podemos dizer *Aquela cor é alegre*”, mas não “**Aquela cor é ansiosa*”. Esta restrição não é captada pela classificação semântica dos verbos com base em Chafe, exigindo classificação mais refinada, o que pode ser testado em outra pesquisa.

Identificamos ainda nos dados possível restrição à alternância da forma adjetiva pelo advérbio em *–mente*, provocada pela lexicalização da forma adjetiva ao verbo, como em *pegar leve*, *falar grosso* etc, também a ser testada em *corpus* mais amplo e com outras variáveis.

Em suma, nosso estudo levou-nos às seguintes conclusões:

a) A alternância entre advérbios em *–mente* e adjetivos é rara. Isso indicia que são formas com funções e contextos distintos.

b) Na função qualificador, adjetivos adverbiais são vagos quanto ao valor [+ADV] e [+ADJ], estariam no centro de uma escala de modificador, como mostra a figura a seguir, em que os itens se distribuiriam de modo mais próximo ou mais distante do protótipo de adjetivo (orientado para o nome) ou advérbio (orientado para o evento).

Figura 06: Escala de prototipia da classe modificador

<i>ansioso</i> /	<i>alegre /calmo</i>	<i>inteligentemente</i> /	<i>tardiamente</i>
+ ADJ		+ADV	

Fonte: a autora

Nessa proposta, adjetivos e advérbios fariam parte de uma mesma categoria, a de modificador, e seus membros compartilhariam traços com uns e outros, mas não com todos os membros, como no modelo *semelhança de família*.

Isso daria conta do fato de alguns advérbios em *–mente*, como mostrou Foltran (2007, 2010), estarem ligados ao nome, como *inteligentemente*, e de alguns adjetivos, como *breve*, estarem ligados ao evento, e de outros, por fim, que apresentam as duas propriedades simultaneamente, como *alegre* e *calmo*, em exemplos como *Ela cantou alegre/Ela saiu calma* que, ao mesmo tempo que denotam uma propriedade do agente, denotam um modo do evento.

c) A ideia de modo não é exclusiva do advérbio, é comum à categoria de modificador, razão por que a função qualificador é a mais frequente no total e a que permite mais alternâncias. Retomando o exemplo de modificador marcado apenas

como [+ADJ] como *ansioso*, mesmo em função predicativa, como em *Ela saiu ansiosa* ou com cópula: *Ela estava ansiosa*, admite a pergunta *Como?*

d) Os adjetivos adverbiais possuem com os verbos que determinam um vínculo maior que os advérbios em *-mente*. Isso se manifesta na menor liberdade de posição dos primeiros, na alta frequência de verbos intransitivos ou usados como tais e, por fim, na formação de lexias complexas como *pegar leve*.

Embora ainda haja muitas perguntas por responder, o que demandará mais tempo, esta pesquisa representa, a nosso ver, uma contribuição aos estudos de base funcionalista sobre o emprego dos adjetivos adverbiais, por várias razões. Em primeiro lugar, por partir de dados gerais em textos reais, enquanto a maioria que trata do assunto se limita a determinados itens. Assim foi possível ter uma visão mais ampla do comportamento de itens diversos, ao invés de fechar a análise no comportamento de itens previamente selecionados. Em segundo lugar, por estabelecer uma comparação entre os adjetivos adverbiais e os advérbios em *-mente*, usando dados do *corpus* ou do *Corpus do Português*. A maioria se restringe aos adjetivos adverbiais, estabelecendo no máximo paralelo com formas adverbiais retiradas do léxico mental. Por fim, a contribuição deste trabalho se deve também ao fazer uma análise diacrônica, abarcando do séc. XIX ao séc. XXI, o que serviu para lançar luzes sobre o processo de ampliação do emprego dos adjetivos adverbiais apontado por pesquisas anteriores.

Além disso, os resultados a que chegamos podem, ao nosso ver, contribuir com o ensino das formas adverbiais, uma vez que evidenciamos que advérbios em *-mente* e adjetivos adverbiais não são sinônimos na maior parte dos contextos em que são usados. Embora isto já tenha sido apontado em trabalhos anteriores, como Barbosa (2006), nossa pesquisa confirmou essa não correspondência entre as formas com um alto quantitativo de ocorrências analisadas em peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI e ocorrências coletadas do *Corpus do Português*, que nos serviram de contraprova.

Como qualquer pesquisa, esta deixou lacunas que podem ser preenchidas em novos trabalhos. Uma delas diz respeito às restrições semânticas à alternância entre formas adjetivas e advérbios em *-mente*. Cumpre aplicar uma classificação de base semântica tanto aos predicados como aos adjetivos para

identificar eventuais restrições à troca de uma forma por outra. Outra lacuna relacionada a essa é avaliar até que ponto a telicidade do verbo pode influenciar a possibilidade ou impossibilidade de alternância das formas em função adverbial. Alguns autores, como Foltran (2011) levantam essa hipótese, caberia testar com dados reais. Outra lacuna devida ao gênero escolhido é a influência do registro no emprego de uma forma ou outra. Seria interessante investigar se o emprego de adjetivos adverbiais no português do Brasil estaria ligado a registros mais informais e o emprego de advérbios em *-mente*, a contextos mais formais, como afirma Hummel (2002a).

Esperamos que este trabalho, a despeito das lacunas apresentadas, contribua com novos trabalhos, para possibilitar o rico desdobrar da ciência, que, no dizer de Karl Popper, nunca tem fim.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M.. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 32ª ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

ARAÚJO, J. G. G. **As construções com verbo botar: aspectos relativos à gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ARGOTE, Jerónimo Contador de. **Regras da lingua portugueza**, espelho da língua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza... Segunda impressãõ. - Lisboa Occidental : na Officina da Musica, 1725. Disponível em <<http://purl.pt/10>> Acesso em: 29 out. 2016.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT. **Gramática de Port-Royal**. Tradução de BASSETO, Bruno Fregni. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AULETE, F. J. Caldas; VALENTE, A. L. dos S. **Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2014. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em 30 jul. 2018.

BAGNO, M.. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARROS, J. de. **Grammatica da língua portuguesa**. Olyssipone: apud LodouicumRorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <<http://purl.pt/12148>> Acesso em: 28 out. 2011.

BARBOSA, M. G. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos**. 2006. 104 f. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARBOSA, J. S.. **Grammatica philosophica da língua portugueza**: ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1875.

BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, Rodolfo. (org.). **Gramática do português falado vol. II: níveis de análise lingüística**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

BIDERMANN, M. T. C.. **Teoria linguística**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.

BOYLAND, J. T. **Morphosyntactic Change in Progress: A Psycholinguistic Approach**. Dissertação. University of California at Berkeley, 1996.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUENO, S. **Gramática de Silveira Bueno**. 20ª ed. São Paulo: Global, 2014.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.). **The Handbook of historical linguistics**. Oxford: BlackwellPublishingLtd., 2003.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CAMPOS, J. L. **Competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso**. 2019. 148p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.ppglinguistica.lettras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/Tese%20Julia%20Langer%20de%20Campos.pdf>. Acesso em: 31 out. 2019.

CAPRA, F. **As conexões ocultas.: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARVALHO, R.; KANTHACK, G. Adjetivos: breves considerações diacrônicas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 1, p. 157-176, 4 jun. 2012.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Bahia, n. 19, p. 25-63, 1997.

CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M.. Advérbios modalizadores. In: 10 ILARI, Rodolfo. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v. 2.

CASTILHO, C. M. M. **Os delimitadores no português falado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

CAVALCANTE, F. T.. Perspectiva diacrônica dos advérbios derivados em *-mente* nas línguas neolatinas. In: CAVALCANTE, F. T. **Estudos Linguísticos**. Fortaleza: Livraria Gabriel, 1998. p. 101-126.

CESAREIA, Prisciano de. *Institutiones grammaticae*. Disponível em: <<http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp?id=T43>> Acesso em: 21 jun. 2016.

COELHO, S. M. **Uma análise funcional do onde no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/profs/suelicoelho/publicacoes.asp?file=publicacoes>. Acesso em: 03 nov. 2016.

COMPANY, C. C. Adverbial adjectives and *-mente* adverbs face to face: diachronic evidence from Spanish. In: HUMMEL, M.; VALERA, S. **Adjective Adverb Interfaces in Romance**. Graz: UNIGRAZ, 2017. p. 257-286.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. O sufixo *-mente* em português. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 45, p. 123-136, set./dez. 2009.

DUARTE, P. M.; LIMA, M. C.. **Classes e categorias em português**. 2ª ed. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; PENA-FERREIRA, E. (org.). **Corpus mínimo de textos da língua portuguesa – COMTELPO**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEE/CAPES. (mimeo), 2006.

FILLMORE, C.. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, C. THOMPSON, H. THURGOOD, G., WHISTLER, K. (eds.). **Proceedings of the Berkeley Linguistic Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

FOLTRAN, M. J. G. D.. A Alternância entre Adjetivos e Advérbios como Modificadores de Indivíduos e de Eventos. **Revista Letras** (Curitiba), v. 81, p. 157-176, 2011.

FOLTRAN, M. J. G. D.. Distribuição dos Advérbios Predicativos quando Usados como Predicados Adjuntos. **Revista Letras** (Curitiba), v. 72, p. 233-249, 2009.

FRANCIS, W. N.; KUCERA, H. **Frequency Analysis of English Usage**. Boston: Houghton Mifflin, 1982.

GIL, A. C.. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- GONDIM, E. M. *Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- GONDIM, E. M. *O sufixo -mente do latim ao português*. 2011. 68p. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Letras Português/Bacharelado, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, W. (ed), **Perspective on Grammaticalization** (p. 3-28). Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell. 2003.
- HEINE *et alii*. From Cognition to Grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT; HEINE (eds). **Approaches to Grammaticalization**, v.1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 149-187.
- HENGEVELD, K. **Non-verbal predication. Theory, typology, diachrony**. Berlin/New York, 1992.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L.. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HIMMELMANN, N. P.; SCHULTZE-BERNDT, E. Issues in the syntax and semantics of participant-oriented adjuncts: an introduction. In: Himmelmann, Nikolaus P. and Schultze-Berndt, Eva (eds.), **Secondary predication and adverbial modification: crosslinguistic explorations in the syntax and semantics of depictives**, 1-67. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds). **Approaches to Grammaticalization**, v.1, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUMMEL, M.. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. In: **Confluência**, revista do Instituto de Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2002a.

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, **Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas** (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), 2002b. Disponível em: http://www.geocities.ws/ail_br/aconversaoadjectivoem.htm. Acesso em: 20 jul. 2018.

HUMMEL, M.. Sincronía y diacronía de los llamados adjetivos adverbializados y de los adverbios en –mente. **Anuario de Letras: Lingüística e Filología**. México, vol. I, 2, p. 215-282, 2013.

HUMMEL, M. **Polifuncionalidad, polisemia y estrategia retórica los signos discursivos com base atributiva entre oralidad y escritura: acerca de esp. Bueno, claro, total, realmente, etc.** Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. I, 1991, p. 63- 142.
KATZ, J. J.; POSTAL, P. M.. **An integrated theory of linguistic descriptions**. Cambridge, MIT Press, 1964.

LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedras, 1999.

LABOV, W.. **The boundaries of words and their meanings**. In: Bailey and Shuy, 1973

LAKOFF, G.. **Women, fire, and dangerous thing: what categories reveal about the mind**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

LEHMANN, C. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISHER, Ilse& DIEWALD, Gabriele. **New reflections on grammaticalization. Typological studies in language**, 2002.

LEHMANN, C. **Thoughts on Grammaticalization. A progrmmatic sketch**. Colônia: Arbeiten dès KölnerUniversalien – Projekts 48, 1982.

LIMA, R. B. de. **Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro**. 2010. 143p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/549/1/Tese_RafaelBezerraDeLima_2010.pdf>
Acesso em: 29 jan. 2019.

LOBATO, L. M. P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: Votre, S.; Roncarati, C. (orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2008.

LOBATO, A. J. dos R. **Arte da gramática da linguaportuguesa**. Lisboa: Na Regia OfficinaTypografica, 1770. XLVIII. Disponível em: <<http://purl.pt/196>> Acesso em: 29 out. 2016.

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo: Ática, 2010.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação ao estruturalismo linguístico**. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1978.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, E. M.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, 1996.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NEVES, M. H. M. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. São Paulo: Editora UNESP. 2005.

NEVES, M. H. M. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2012.

NUNES, J. O. C. **Ordenação dos advérbios temporais e/ou aspectuais em – menteno português escrito contemporâneo**. 2009. 199p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/julia-oliveira-costa-nunes.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2017.

OLIVEIRA, V. M. de. A gramaticalização do verbo *ir* em predicções complexas. **Cadernos do CNLF**. v. XI, n. 12, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008.

PERINI, Mário A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções**. São Paulo: Ática, 1989.

PESTANA, D. F. **Princípios de gramática geral, aplicados a linguaportuguesa**. Nova-Gôa: Imp. Nacional, 1849. Disponível em: <http://purl.pt/438>. Acesso em: 29 out. 2017.

PINTO, D. C. de M. **Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em –mente**. 2008. 199p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.discursioeagramatica.letas.ufrj.br/download/tese_doutorado_deise.pdf. Acesso em: 29 fev. 2018.

PIRES, M. E.; KOLLING DUTRA, M. Flutuação categorial de adjetivos para advérbios – uma pesquisa sociolingüística. In: MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). **Anais do VII Encontro do CELSUL** – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul [CD -ROM]. Pelotas: EDUCAT, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VII/dir1/19.pdf. Acesso em: 12 fev. 2018.

POGGIO, R. M. G. F.. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. 1. ed. Salvador: Editora da UFBA, 2002. v. 1.

POTTIER, B. Problemas relativos a los advérbios em –mente. In: _____, **Linguística moderna e filologia hispánica**. Madrid: Gredos, 1968.

RIZZATTI, C. L.. Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber. **Revista Língua & Literatura**, URI, v. 6, p. 11-24, 2001.

ROBINS, R. H.. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

RODRIGUES, L. da S. Aspectos léxicos, morfológicos e morfossintáticos do falar cearense. **Revista Sociodialeto**. Campo Grande, v. 2, n. 1, jul. 2012. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/12/12092012083944.pdf>. Acesso em 07 fev. 2017.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.) **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MMOORE, T. (ed.) **Cognitive development and the Acquisition of Language**. New York:Academic Press,1973.

SILVA, João Carlos Rodrigues da; CARVALHO, Maria Avelina de; ALMEIDA, Virgílio Pereira de. Advérbio em –mente: processo morfológico concluído ou em andamento?. **Revista de Letras**. Taguatinga, v. 1, n. 2, p. 34-47, 2008.

SMITH, E. E.; MEDIN, D. L. **Categories and concepts**. Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 1981.

SOUZA, A. dos S. **Tempo e espaço**: a gramaticalização do item onde em textos religiosos (séculos XIV, XVI e XXI). 2007. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/60113740/3/Principios-e-estagios-da-gramaticalizacao> Acesso em: 03 nov. 2018.

TAYLOR, J. R.. **Linguistic categorization**: prototypes in Linguistic Theory. New York: Oxford University Press, 1992.

TRAUGOTT, Elizabeth C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Stanford: Departament of Linguistics, Stanford University. 1995

VÄÄNÄNEN, V. **Introducción al latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1975.

VOTRE, S.J.; NARO, A. Mecanismos funcionais do uso da língua. **DELTA**, São Paulo, v.5, n.2, p 169-184, 1989.

WEEDWOOD, B. **História concise da linguística**. Tradução de BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WERNER, H.; KAPLAN, B., **Symbol-formation**: an organismic developmental approach to language and the expression of thought. New York/London/Sidney: Wiley, 1963.

ZAMBI, G. F. M. **Formações adverbiais**: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções X-mente no português do Brasil. 2010. 79p. Dissertação (Mestrado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16786@1>.

Acesso em: 2
7 mar. 2016.